

GRAZIELA DE JESUS GOMES

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA
HUARIAPANO (PANO)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Línguas Indígenas
Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Campinas/SP
Instituto de Estudos da Linguagem
2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G585a Gomes, Graziela de Jesus.
Aspectos morfossintáticos da língua Huariapano-Pano / Graziela de Jesus Gomes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Línguas Pano - Morfologia. 2. Línguas Pano - Sintaxe. 3. Língua Huariapano - Morfologia. 4. Língua Huariapano - Morfologia. 5. Índios - Línguas - Morfossintaxe. I. Mori, Angel Humberto Corbera. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Morphosyntax Aspects Huariapano-Pano Language.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Linguistics; Panoan Languages; Huariapano Language; Morphosyntax.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori (orientador), Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido e Profa. Dra. Beatriz Protti Christino. Suplentes: Prof. Dr. Rogerio Vicente Ferreira e Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis.

Data da defesa: 09/04/2010.

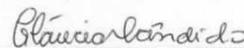
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

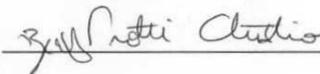
Angel Humberto Corbera Mori



Gláucia Vieira Cândido



Beatriz Protti Christino



Rogério Vicente Ferreira

Wilmar da Rocha D'Angelis

IEL/UNICAMP
2010

Ao povo Huariapano

“Los Panos seguramente serán absorbidos dentro de poco tiempo por la población mestiza de Loreto... Su idioma está destinado a desaparecer. Pues hay tan solo unos pocos ancianos y muchas mujeres que lo hablan bien... Los que saben hablar pánobo lo hacen muy raras veces, porque todos saben hablar y entienden el quéchua... Así, los Pánobos em breve figurarán en la lista de las tribus quechuizadas de Loreto”. (TESSMANN, 1999[1930]: 65).

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori por ter dirigido seus conhecimentos a mim durante todas as etapas desta dissertação.

À Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido e ao Prof. Dr. Lincoln Almir Amarante Ribeiro (*in memoriam*) por suas influências decisivas na minha formação na área de línguas indígenas.

Aos professores Drs. Beatriz Protti Christino e Wilmar da Rocha D'Angelis, examinadores da banca de qualificação, que dispensaram valiosa leitura e avaliação a este trabalho.

A todos os professores que, gentilmente, aceitaram o convite para formar esta banca de defesa.

À Capes, pela bolsa de estudos concedida durante o curso de Mestrado.

À Coordenação de Pós-Graduação e aos secretários, em especial: Rose, Miguel e Cláudio.

À Coordenação do Curso de Letras da UnU de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG) pelo incentivo no período da graduação e de Iniciação Científica.

Aos estimados primos que acompanharam, deram apoio e que tornaram mais suave o meu período de estudo: ao casal Ronaldo e Adriana, Ronaldinho e Rafael.

À amiga e professora de línguas Ângela Jancitsky pela amizade e incentivo à minha formação em lingüística.

Aos colegas Ângela Fabíola, Graziela Rocha, Marcos, Vivian, Eduardo, Kátia, Nayara, Almir, Beatriz, Solange, Juliano, Marcelo, pelos bons momentos na pós-graduação.

Aos meus pais, Francisco e Ivanilda, e ao meu irmão Geovani Júnio, por compreenderem minha ausência e pelo apoio durante todas as fases do meu estudo.

À minha querida tia e pedagoga Cida Gomes e a tia Maria Gomes e as amigas Rosa Miranda, Dásia Machado, Marlene Melo e Eliana Melo, Vera Lúcia Garcia Cunha, Ester Lúcia, pelo forte incentivo desde a minha opção pelo curso de Letras até a aprovação na seleção do Mestrado.

A toda equipe de profissionais do American English Center (em especial as professoras: Marluce, Raquel, Mariza e Maria Erli) e às diretoras, Grace Helen de Melo e Flaviane Garcia Cunha Lopes, pela bolsa integral concedida a mim, durante todo o curso de Inglês, o qual foi extremamente fundamental na minha formação acadêmica e no exame de seleção do mestrado.

Ao amado, Sergio Antonioli, pelo incentivo de sempre, por ter sabido compreender os maus momentos e, principalmente, por ter exercido um papel muito especial em todas as fases do curso de mestrado. Sem dúvida, seu contínuo apoio e os freqüentes puxões de orelha foram decisivos para a conclusão deste trabalho.

Enfim, ao Senhor Jesus Cristo, por ter me concedido mais um dos vários desejos do meu coração, dando-me a oportunidade de completar meus estudos em uma das melhores Universidades da América do Sul. Sem Ele, nada disso seria possível.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar uma análise de alguns aspectos da morfologia e sintaxe da língua Huariapano (Pano). Para tanto, o trabalho está dividido em quatro partes básicas: I. Introdução, em que é feito um breve histórico do povo Huariapano, da classificação de sua língua dentro da literatura e, ainda, é apresentada a metodologia aplicada na pesquisa lingüística; II. Aspectos da fonologia, em que são apresentados o quadro fonológico da língua e dois temas específicos: em que medida se apresenta e se justifica a ortografia e a fonologia da língua e, também, uma introdução sobre a estrutura silábica da mesma; III. Morfossintaxe I, em que são descritas as classes de palavras (ou partes do discurso), bem como sua estrutura morfológica; IV. Morfossintaxe II, em que se descrevem as estruturas de sentenças simples e complexas e ainda alguns aspectos sintáticos, como a marcação de caso, o sistema de referência alternada (*switch-reference*) e outros tipos de sistema de referência entre sentenças. Complementam o texto básico uma breve conclusão e as Referências Bibliográficas. Além disso, há a apresentação de um anexo que contém o léxico da língua Huariapano utilizado na exemplificação ao longo da dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística; Línguas Pano; Língua Huariapano; Morfossintaxe.

ABSTRACT

This dissertation aims to present an analysis of the Huariapano language (Pano) that will exhibit some aspects of the morphology and the syntax of the language. For this purpose the work is distributed in four basic parts: I. In the Introduction, we present a concise historical and cultural outline of the Huariapano people, the linguistic classification and the methodology applied in this research; II. In Aspects of the phonology, the phonologic features of the language are described taking into account two specific subjects: presentation and justification about the orthography and the phonology; an introduction about the syllabic structure of the language; III. In the Morphosyntax I, we show a description of the word classes (or parts of speech) as well as their morphological structure; IV. In the Morphosyntax II, we describe the structure of single and complex clauses and some syntactic features such as case marking, switch-reference system and others interclausal reference systems. Complementing the text a brief conclusion and a bibliographical reference are presented. Moreover, an annex containing a lexicon of the language Huariapano is also included.

KEYWORDS: Linguistics; Panoan Languages; Huariapano Language; Morphosyntax.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	pág.
1.0. Objetivo e Organização do Estudo	1
1.1. Justificativas para o Estudo	1
2.0. O Étimo da denominação Pano	4
2.1. Huariapano: o povo e a língua	5
3.0. A Família Linguística Pano	6
3.1. Filiação Genética	7
3.2. Prévia Literatura da Língua Huariapano	15
4.0. Metodologia	16
4.1. Material Linguístico	16
4.2. Aportes Teóricos para Análises dos Dados	17
II. ASPECTOS DA FONOLOGIA	
2.0. Introdução	19
2.1. Princípios Teóricos	19
2.2. Ortografia	19
2.2.1. As Vogais	19
2.2.2. As Consoantes	21
3.0. Fonologia	27
3.1. O Inventário de Fonemas da Língua Huariapano	27
3.2. Fonemas Vocálicos	28
3.3. Fonemas Consonantais	29
4.0. Estrutura Silábica	29
4.1. Os Constituintes Silábicos do Huariapano	30
4.2. O Ataque	30
4.3. A Rima	32
4.3.1. O Núcleo	32
4.3.2. A Coda	32
III. MORFOSSINTAXE I	
3.0. Introdução	35
3.1. Princípios teóricos	35
3.2. As classes de palavras/partes do discurso em Huariapano	36
3.2.1. As classes abertas	36
3.2.1.1. O nome	37
3.2.1.1.1. O gênero	38

3.2.1.1.2. O número	39
3.2.1.1.3. O grau	40
3.2.1.1.4. O caso	41
3.2.1.1.4.1. O ergativo e o absolutivo	41
3.2.1.1.4.2. O locativo	43
3.2.1.1.4.3. O instrumental	44
3.2.1.1.4.4. O comitativo	44
3.2.1.1.4.5. O genitivo	45
3.2.1.2. O adjetivo	46
3.2.1.3. O verbo	47
3.2.1.3.1. O modo	49
3.2.1.3.1.1. O imperativo	49
3.2.1.3.1.2. O interrogativo	51
3.2.1.3.1.3. O declarativo	52
3.2.1.3.2. O tempo	53
3.2.1.3.2.1. O passado	54
3.2.1.3.2.2. O presente	56
3.2.1.3.2.3. O futuro	57
3.2.1.3.3. O aspecto	60
3.2.1.3.4. A negação verbal	62
3.2.1.3.5. O causativo	64
3.2.1.4. O advérbio	65
3.2.2. As classes fechadas	70
3.2.2.1. Os pronomes	70
3.2.2.1.1. Os pronomes pessoais	71
3.2.2.1.1.1. Os marcadores de posse nas formas pronominais pessoais	76
3.2.2.1.2. Os demonstrativos	77
3.2.2.2. As formas interrogativas	78
3.2.2.3. Os numerais	81
3.2.2.4. As conjunções	83
3.2.2.5. As interjeições	86
3.2.2.6. Os ideofones nominais	86
3.3. Processos de formação de palavras	87
3.3.1. Categorias menores: os sufixos	87
3.3.1.1. composição com o sufixo {-bi}: Enfático	87
3.3.1.2. o sufixo{-bires}: Restritivo Enfático	88
3.3.1.3. o sufixo {-mis ~-miz}: o Habitual	89
3.3.1.4. o sufixo {-mis}: Intensificador	89
3.3.1.5. o sufixo{-ria}: Localidade	89
3.3.1.6. o sufixo {-uma}: Privativo	90
3.3.1.7. o sufixo {-yasbi}: Comitativo	91
3.3.1.8. a partícula {-ja}: Seqüenciador	91
3.3.1.9. o sufixo {-ti}: Nominalizador	92
3.3.2. Descrição de sufixos ligados às raízes verbais	93
3.3.2.1. o sufixo {-ca}: Benefactivo	93

3.3.2.2. o sufixo {-res}: Restritivo	93
3.3.2.3. o sufixo {-no(n)}: Exortativo	94
3.3.2.4. o sufixo {-ronqui}: Evidencial Direto	94
3.3.2.4.1. o sufixo {-ronqui}: Evidencial Reportativo	95
3.3.2.5. o sufixo {-cas}: Desiderativo	96
3.3.2.6. o sufixo {-mi}: Conclusivo	96
3.3.2.7. o sufixo {-na}: Recíproco	97
3.3.2.8. o sufixo {-na}: Reflexivo	97
3.3.2.9. o sufixo {-ta}: Polidez	98
IV. MORFOSSINTAXE II	
4.0. Introdução	99
4.1. As construções interrogativas	99
4.1.1. As interrogativas polares	100
4.1.2. As interrogativas não polares	100
4.2. As construções coordenadas	101
4.2.1. Coordenação com o traço [+Adversativo]	102
4.2.2. Coordenação com os traços [+Separado] e [-Separado]	103
4.2.3. Coordenação com o traço [+Enfático]	104
4.2.4. Realização e apagamento dos argumentos verbais nas construções coordenadas	105
4.3. As construções subordinadas	106
4.3.1. As construções de complemento	107
4.3.1.1. Semântica de “manipulação” em construções simples	108
4.3.1.2. As construções de complemento com verbos de “manipulação”	109
4.3.1.3. As construções de complemento com verbos de “cognição-elocução”	109
4.3.1.4. As construções relativas	110
4.3.1.5. As construções adverbiais	112
4.3.1.6. As construções temporais	113
4.3.1.7. As construções simultâneas	113
4.4. A ordem dos constituintes	114
4.5. Relações gramaticais	115
4.5.1. O sistema de marcação de caso	115
4.5.1.2. Natureza semântica da ergatividade em Huariapano	117
4.5.2. O sistema de referência alternada entre sentenças	119
4.5.2.1. SRS em construções coordenadas	120
4.5.2.2. SRS em construções subordinadas	122
4.5.2.2.1. SRS em construções temporais	123
V. CONCLUSÃO	127
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

ANEXO I

0.1. Léxico Huariapano

139

LISTA DE MORFEMAS PRESOS DA LÍNGUA HUARIAPANO

-bi	enfático
-bires	restritivo enfático
-bu; -bo	plural
-bueta; -buetan	comitativo
-cain	plural explícito de 3pp
-can	plural implícito de 3pp
-cas	desiderativo
-ja	seqüencial
-ma	benefactivo
-ma; yama	negação
-mai	causativo
-mi	conclusivo
-mis	intensificador
-mis; miz	habitual
-n	nominativo
-n; -ni; -na; -nin	ergativo
-na	recíproco
-ni	progressivo
-no	locativo
-no(n)	exortativo
-ra	evidencial
-ria	localidade
-ronqui	reportativo
-ti	nominalizador
-tian	temporalidade
-tzama	imperativo negativo
-u	imperativo
-uma	privativo
-yasbi	companhia

LISTA DE TABELAS	pág.
Tabela I: Inventário de vogais da língua Huariapano.	28
Tabela II: Quadro de vogais da língua Shanenawa.	28
Tabela III: Inventário de consoantes da língua Huariapano.	29
Figura I: Sistema de sufixos verbais temporais do Huariapano.	58
Tabela IV: Sistema pronominal da língua Huariapano. Fonte: Navarro.	70
Tabela V: Sistema pronominal da língua Huariapano. Fonte: Parker.	71
Tabela VI: Formas interrogativas da língua Huariapano.	78
Tabela VII: Marcadores de SRS em construções coordenadas/subordinadas.	124

LISTA DE ABREVIATURAS E NOTAÇÕES

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	Argumento de verbo transitivo
ABS	Absolutivo
ACUS	Acusativo
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
ANIM	Animacidade
ARG	Argumento
ASP	Aspecto
AUM	Aumentativo
AUX	Auxiliar
BEN	Benefactivo
CAUS	Causativo
COM	Comitativo
COMPL	Completivo
CONC	Conclusivo
CONCR	Concreto
DAT	Dativo
DECL	Declarativo
DEF	Definido
DEM	Demonstrativo
DES	Desiderativo
DIM	Diminutivo
ENF	Enfático

ERG	Ergativo
EXOR	Exortativo
EXPL	Explícito
EV	Evidencial
FEM	Feminino
FRUST	Frustrativo
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
HAB	Habitual
HUM	Humano
IMIN	Iminente
IMPL	Implícito
IMP	Imperativo
INCOMPL	Incompletivo
INDEF	Indefinido
INF	Infinitivo
INSTR	Instrumental
INT	Intensificador
INTERR	Interrogativo
LOC	Locativo
LOCAL	Localidade
MA	Momento de Acontecimento
ME	Momento de Enunciação
N	Nome
N.PAS	Não Passado
NEG	Negação/Negativo
NOM	Nominativo
NMLZ	Nominalizador
Nu	Núcleo
NUM	Número; Numeral
O	Objeto
O ₁ ; O ₂	Oração 1; Oração 2
Od	Objeto direto
Oi	Objeto indireto
Ocomplem	Oração complemento
Ocond	Oração condicional
Omatriz	Oração principal
Orestr	Oração restritiva
Osimult	Oração simultânea
Otemp	Oração temporal
OSAT	Oração Subordinada Adverbial Temporal
PAS	Passado
PL	Plural
POL	Plidez

PRES	Presente
PRIV	Privativo
PROG	Progressivo
PRON	Pronome
POSS	Possessivo
Qu-	Palavras interrogativas
QUANT	Quantificador
RECP	Recíproco
REFL	Reflexivo
REP	Reportativo
RES	Restritivo
REL	Relativo
RUM	Rumor/Boato
SEQ	Sequenciador
SG	Singular
SIMUL	Simultaneidade
S	Sujeito de verbo intransitivo
Sa	Sujeito de verbo intransitivo ativo
SD	Sujeitos Diferentes
SI	Sujeitos Idênticos
SN	Sintagma Nominal
SR	<i>Switch-Reference</i> (Sistema de Referência Alternada)
SRS	Sistema de Referência entre Sentenças
TEMP	Tempo; Temporal
V	Verbo
Vt	Verbo transitivo
Vi	Verbo intransitivo

SÍMBOLOS

ϕ	Morfema zero
#	Fronteira de palavra
*	Formas agramaticais
/ /	Representação da transcrição fonológica
[]	Representação da transcrição fonética
{ }	Representação morfológica
~	“Varia com...” ou “Alterna com...”
‘ ’	Tradução livre, glosas ou outras indicações sobre o significado
-	Juntura de morfema
< >	Representação gráfica
≠	Diferente
=	Igual

I. INTRODUÇÃO

1.0. Objetivos e Organização do Estudo

O objetivo geral desta dissertação é descrever a língua Huariapano (Pano), com vistas a contribuir tanto para o enriquecimento de estudos sobre línguas Pano como para com aqueles que busquem a reconstrução da pré-história dos povos Pano. Para tanto, essa dissertação contempla alguns aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua. São dois os objetivos específicos do estudo, a partir do material lingüístico publicado de Navarro (1903) e de Parker (1992): a) apresentar e, na medida do possível, interpretar a ortografia e sugerir uma possível interpretação fonológica para a língua; b) reconhecer e descrever aspectos das estruturas morfológicas e sintáticas do idioma Huariapano.

Quanto à sua organização, além da presente Introdução, na qual trazemos algumas informações acerca da classificação da língua e sobre a metodologia aplicada em nossa pesquisa lingüística, o trabalho apresenta as seguintes partes: II. Alguns aspectos da fonologia Huariapano; III. Morfossintaxe I; IV. Morfossintaxe II; V. Conclusão e VI. Referências Bibliográficas. Complementando o estudo há um anexo, que apresenta um léxico Português-Huariapano, extraído do corpo deste trabalho.

1.1. Justificativas para o Estudo

O projeto inicial para esta dissertação de mestrado se tratava de um estudo fonológico sobre a língua indígena Pano Nukini, localizada no Estado do Acre, Brasil, fortemente ameaçada de extinção. Ao darmos início aos preparativos para nossa ida a campo e aos contatos com a FUNAI, da cidade de Cruzeiro do Sul, em outubro de 2008, fomos informados de que as duas falantes da língua, com as quais faríamos a coleta dos dados lingüísticos estavam muito enfermas. Com a idade avançada de ambas, uma delas se encontrava com problemas mentais e a outra com câncer. De posse dessas informações,

fomos também alertados de que, provavelmente, nossa viagem à reserva indígena Nukini estaria seriamente comprometida. Depois disto, por indicação do orientador desta dissertação, o Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, surgiu a ideia de se fazer um estudo com outra língua Pano, o Huariapano. Acatada a sugestão, o novo projeto se direcionaria a um trabalho descritivo e comparativo entre os dados, no âmbito fonológico, morfológico e sintático, dentro do possível, com a língua indígena peruana, já extinta, Huariapano. O material lingüístico utilizado para a pesquisa seria o de Navarro (1903) e o de Parker (1992), ambos com a necessidade de reanálise¹.

Embora acreditando que apenas o fato de a diversidade lingüística indígena apresentar um vasto campo de estudo ainda não suficientemente explorado seja uma expressiva e suficiente justificativa para a execução deste estudo, mencionaremos brevemente mais alguns motivos para que o trabalho de descrição da língua indígena Huariapano seja realizado.

De acordo com os pressupostos da Lingüística Antropológica ou Indígena, ao se estudar a tipologia de qualquer língua, poder-se-á obter a descrição das propriedades fonéticas, fonológicas e morfossintáticas dessas línguas. Com o conhecimento dessas propriedades será possível distinguir uma determinada língua de outras. Com análises das tipologias das línguas indígenas, pretende-se ainda encontrar universais lingüísticos, isto é, propriedades comuns a todas as línguas naturais do mundo. Daí que com um estudo sobre a língua Huariapano, será possível incorporar os resultados da análise descritiva da supracitada língua ao acervo de tipos ou tipologias das línguas existentes no mundo.

Seguindo o trabalho de descrição das línguas, pesquisadores de outro ramo da Lingüística (o histórico-comparativo) procuram se empenhar na tentativa de relacionar uma determinada língua a outras, tornando possível assim agrupá-las em troncos e famílias. Naturalmente, não devemos deixar de salientar que uma boa parte das línguas já foi documentada e descrita, todavia, há muitos casos cujas etnias dos falantes sequer foram localizadas ainda. No Brasil, de acordo com Cândido e Amarante Ribeiro (2003), talvez

¹ Quanto à proposta de trabalho para a língua Huariapano, vale mencionar outras duas autoras que se empenharam em realizar seus estudos em condições semelhantes à nossa: trata-se de Hanns (2008), sobre a língua Uchumataqu e de Araújo (1992), sobre a língua Krerak.

seja esta a situação de pelo menos 55 sociedades indígenas que vivem isoladas (a maioria na Amazônia Legal²) do convívio com o restante da sociedade brasileira (FUNAI, 2003).

A propósito, sobre a classificação genealógica das línguas indígenas, ressalta-se a transitoriedade dos números expressos, já que se alteram na medida em que novas línguas vão sendo estudadas, comparadas e, conseqüentemente, classificadas. Os resultados obtidos com a descrição da língua Huariapano certamente acrescentarão novas informações aos estudos sobre as línguas Pano.

O estudo das línguas ameríndias, em geral, apresenta relevância significativa para o meio científico, no que diz respeito ao desenvolvimento da Teoria Lingüística Geral. Hale (1998:192), ao descrever a importância da diversidade lingüística, afirma que a meta principal da ciência lingüística é definir a Gramática Universal, ou seja, determinar o que é constante e o que é variante nas gramáticas das línguas naturais. Todavia, esse objetivo pode ser seriamente afetado, para não dizer terminar relevando-se impossível, se houver carência na diversidade dos estudos lingüísticos.

Diante disso, torna-se indispensável a necessidade de mais pesquisas na área da Lingüística Antropológica, especialmente daquelas direcionadas para o registro e documentação de línguas indígenas, em geral, nos mais diversos campos. Assim, os estudos sobre línguas sul-americanas devem focalizar pesquisas direcionadas para o inventário das línguas, a documentação de gramáticas modernas, a documentação básica para propósitos comparativos, a pesquisa de substratos, os trabalhos de arquivos e de Lingüística Aplicada, que incluam pelo menos a educação bilíngüe e projetos de revitalização lingüística (GRINEVALD, 1998).

Nesse contexto, uma questão que, dentro das possibilidades, poderá ser tratada é, a partir dos resultados obtidos, de levantar hipóteses que possam corroborar algumas propostas de classificação interna das línguas Pano em grupos e subgrupos menores. Com a obtenção de determinados resultados das análises descritivas na língua Huariapano, estaremos contribuindo para a reconstrução de parte da gramática da Proto-Língua Pano,

²A Amazônia Legal é uma área de cerca de cinco milhões de Km² que inclui os Estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Rondônia, Roraima, Acre; Mato Grosso do Sul, Mato Grosso; além do Oeste do Maranhão.

tarefa esta que já foi objetivo de alguns estudiosos, mas que devido à falta de descrições mais completas das línguas dessa família não foi ainda alcançada de modo completo.

2.0. O Étimo da denominação Pano

Comumente, vários estudiosos da cultura Pano expressam dificuldades em precisar nomes aplicáveis ao seu objeto de estudo. Barros (1987) menciona, a esse respeito, que alguns pesquisadores acabam adotando a denominação mais difundida para seus objetos de pesquisa e, embora reconheçam que, às vezes, o termo designativo da língua em questão esteja alheio a ela, optam por utilizá-lo, tendo em vista a ausência de outro mais adequado.

O nome Pano foi inicialmente a denominação de uma das línguas, atual objeto do presente estudo, da família lingüística Pano. Posteriormente, conhecida como Pánobo por Tessmann (1999), para quem “Pano, como denominação científica, tem sido tão generalizada para todo o grupo lingüístico que o nome da tribo deve ser modificado para Pánobo” (p.58). Anos depois, o termo Huariapano passou a ser usado por lingüistas como Shell (1975) e Parker (1992, 1994, 1996), entre outros. Por esta razão, neste trabalho, optamos em utilizar a denominação Huariapano³ para nos referirmos à língua em questão e Pano, para a família lingüística a qual a língua pertence. Segundo Tessmann (1999, p.58) *Pano* significa ‘tatu gigante’ (*Priodontes maximus*).

A maioria das línguas Pano apresenta, no final de seus nomes, o marcador – *bo* que indica o coletivo/plural ou a raiz *nawa*, que significa ‘povo’, ‘estranho, estrangeiro’ e possivelmente também ‘inimigo, adversário’. Muitos desses nomes provavelmente foram dados por uma unidade étnica diversa, ou seja, por membros de grupos vizinhos.

Para Erikson (1994, p.4), uma característica interessante dos povos Pano é o contraste entre a notável homogeneidade lingüística, cultural e territorial e a sustento de um impressionante número de unidades sociológicas autônomas.

³ Por se tratar de uma língua do Peru, país no qual a língua espanhola é predominante, achamos conveniente usar a grafia da língua também no espanhol, ou seja Huariapano.

2.1. Huariapano: o povo e a língua

Sobre o significado do nome Huariapano, provavelmente a palavra *waria* significa ‘ariá’, um tubérculo comestível de cor esbranquiçada (*Catatheca allonia*) + *Pano*: ‘tatu gigante’ (TESSMANN, 1999).

Tem-se notícia de que durante a segunda metade do século XVII o território dos Huariapano incluía as margens do rio Sarayacu, afluente esquerdo do Baixo Ucayali, onde o religioso Biedma (um dos primeiros exploradores da região) os havia visto passar em 1686 (MARCOY, 1869: 645). Em 1790, mais de duas décadas depois da rebelião liderada pelo Shetebo Ronkato, os franciscanos Girbal e Márquez conseguiram estabelecer uma nova missão na passagem entre as montanhas do Sarayacu, na qual se encontravam os Huariapano. A esta aldeia logo se uniram grupos de Shipibos, Chetebo e Conibo (TESSMANN, 1999: 58). Segundo Navarro (1903), o território dos Huariapano estendia-se em direção ao norte da passagem entre as montanhas do Sarayacu e tinha como vizinhos os Shetebo, Conibo e Shipibs ao sul; os Capanahua a este e também na margem oposta do rio Ucayali, os Cocamillas ao norte (muito distante) e os Paris, a oeste.

Em meados do ano de 1900, o número de famílias huariapanas estabelecidas nesta nova missão foi estimado em 150; destas, 73 pessoas faleceram nesse mesmo ano vítimas de uma epidemia de sarampo. Em Cashiboya, Tessmann encontra os Huariapano na segunda década do século XX e revela a situação sócio-linguística deles:

Los Panos seguramente serán absorvidos dentro de poço tiempo por la población mestiza de Loreto... Su idioma está destinado a desaparecer. Pues hay tan solo unos pocos ancianos y muchas mujeres que lo hablan bien... Los que saben hablar pánobo lo hacen muy raras veces, porque todos saben hablar y entienden el quéchua. Tal vez la tercera parte o hasta la mitad de la tribu habla español. Así, los Pánobos em breve figurarán en la lista de las tribus quechuizadas de Loreto. (TESSMANN, 1999[1930]: 65).

Os Huariapano haviam aprendido o Quechua. É também na região de Cashiboya onde, em 1991, Parker encontra o provável último falante da língua. Assim, se tem afirmado

que quando os missionários franciscanos de Lima exploraram pela primeira vez a região compreendida entre os rios Huallaga, Marañón, Ucayali e Pachitea se encontraram com vários povos etnicamente relacionados, dentre os quais os Huariapanos haviam sido os mais numerosos (MARCOY, 1869: 642-3; GRASSERIE, 1890:439). A esta informação podemos associar que o religioso Nicolas de Armentia chegou a caracterizar a língua dos Huariapanos como o idioma geral das tribos que habitavam no Ucayali e no Madre de Dios (CASTELNAU, 1851: 292).

3.0. A Família Lingüística Pano

A família lingüística Pano, até o momento, não possui classificação em tronco.⁴ A despeito disso, no campo da lingüística-comparativa diversos pesquisadores como Suárez (1969, 1973, 1988), Key (1968), d'Ans et alii (1973) e Greenberg (1956) têm levantado hipóteses de um provável tronco comum Pano-Takana e, ainda, Greenberg (1987) sugeriu um tronco Jê-Pano-Karib, hipótese esta, aliás, questionada por Rodrigues (2000).

A população Pano tem sido estimada em cerca de 40.000 pessoas. As línguas da família Pano estão distribuídas em diversas localidades, em três países da América do Sul: Peru, Bolívia e Brasil. Segundo Erikson (1994, p.4-5), aproximadamente 30.000 indígenas viveriam no Peru⁵, 7.700 no Brasil e 700 na Bolívia.

De acordo com Wise (1985), no início do século XX, em torno de 20 tribos Pano viveram em território peruano, na região do Oriente Peruano, nos Departamentos de Ucayali, Madre de Dios e Loreto. Doze desses grupos mantinham-se isolados da sociedade nacional (Amahuaca, Cashinahua, Cujareño, Isconahua,⁶ Mayo, Mayoruna (ou Matsés), Moronahua (ou Nishinahua), Nocaman, Yora, Pisabo, Yaminahua e Sharanahua (incluindo as variantes Chandinahua, Marinahua, Mastanahua). Dois grupos mantinham contatos

⁴Amarante Ribeiro (2003) mostrou que o número de cognatos existente entre o Proto-Pano e o Proto-Tacana não poderia ser explicado pelo acaso. Nesse sentido, o referido autor postula que as duas famílias de fato formam um tronco.

⁵ Estima-se que apenas a população Shipibo-Conibo seja de 23.000 pessoas.

⁶ Também conhecido como Isconawa ou Iscobakebo.

esporádicos (Cashibo-Cacataibo e Sensi) e seis mantinham contato permanente (Atsahuaka, Capanahua, Huariapano, Remo, Xetebo e Shipibo-Conibo⁷).

Já as línguas Pano brasileiras, a saber, Arara, Corubo, Culina, Karipuna, Katukina do Acre, Kaxararí, Kaxinawá, Marubo, Matis, Matsés (Mayoruna), Maya, Nawa, Nukini, Poyanáwa, Shanenawa, Yamináwa e Yawanawa, se distribuem em uma região que compreende, conforme Rodrigues (1986), o sul e o oeste do Estado do Acre, estendendo-se para leste até a parte ocidental de Rondônia e, ainda, o norte no Estado do Amazonas entre os rios Juruá e Javari.

Na Bolívia, encontram-se apenas três línguas da família Pano: o Chácobo, o Pakawara⁸ e o Yaminawa, cujos povos falantes localizam-se na região Oriental Boliviana, mais ao Norte, nos Departamentos de Pando e Beni.

3.1. Filiação Genética

A língua Huariapano pertence à família Pano. Esta família lingüística é uma das mais conhecidas da América do Sul e conta com cerca de 40 mil pessoas que habitam a Amazônia boliviana, peruana e brasileira.

Quando os frades franciscanos de Lima exploraram a região peruana banhada pelos rios Huallaga, Marañon, Ucayali e Pachitea, durante a segunda metade do século XVII, eles enumeraram vários grupos relacionados etnicamente, entre eles, o grupo Pano, localizado às margens do Rio Sarayacu, considerado o mais proeminente (VALENZUELA, 2003).

Na literatura, a família Pano foi citada primeiramente pelo francês Raoul de la Grasserie (1888), que a considerou como sendo um grupo autônomo e com grande abrangência para a classificação das sete línguas geneticamente próximas que, segundo o saber da época, a compunham. Desde então, no final do século XIX, muitas classificações foram propostas para as línguas que a compõem. Dentre as principais está a de Rivet (1924), que dividiu a família Pano geograficamente em três grupos: o maior deles composto

⁷ Reproduzimos a grafia referente aos nomes das línguas tal como são citadas no idioma espanhol.

⁸ Alguns estudiosos informam que existem pouquíssimos falantes dessa língua, os quais, aliás, se agregaram ao grupo dos Chácobo.

por cerca de 30 línguas faladas ao longo dos rios Amazonas e Ucayali; o segundo por quatro línguas da região do rio Inambari; e o último por seis línguas e dialetos falados nas zonas dos rios Mamoré e Beni, afluentes do Rio Madeira (SHELL, 1985).

Entretanto, com a classificação feita por Schmidt (1926), as línguas Pano foram divididas em três grupos menores: Norte, Sul (subgrupos Ocidental e Oriental) e Central, sendo os dois primeiros correspondentes ao maior grupo apontado anteriormente por Rivet (1924), porém com um número menor de línguas.

Loukotka (1944), alguns anos mais tarde, adotou a mesma distribuição geográfica estabelecida por Rivet (op.cit.), apenas com alguns acréscimos e supressões de línguas (SHELL, 1985).

Quase uma década depois, Mason (1950) propõe uma classificação para as línguas Pano mais sistemática que as anteriores, agrupando-as, em Pano Central, Sul-Ocidental e Sul-Oriental, conforme podemos ver abaixo:

I. CENTRAL

A . Chama (Ucayali)

1. *Conibo*

- a . Conibo
- b. Shipibo
 - a . Caliseca, Sinabo (?)
 - b. Manamabobo, Manava
- c. Setebo
 - a . Sensi: Casca, Runubu, Ynubu, Barbudo, Tenti, Mananawa (?)
 - b. Panobo: Pano, Pelado, Manoa , Cashiboyano.

2. *Cashibo (Comabo)*

- a . Cacataibo
- b. Cashibo
- c. Runbo
- d. Buninawa
- e. Carapacho (?)
- f. Puchanawa
- g. Shirinó

B. Curina (Kulino) ⁹

C. Capanawa

1. *Capanawa*
 - a . Buskipani
2. *Remo*
 - a . Sacuya
3. *Maspo*
 - a . Epetineri (Impenitari) ¹⁰
4. *Nucuini*
 - a . Cuyanawa
5. *Niarawa*
6. *Puyanawawa (?)*

D. Amawaca (amenguaca ?)

1. *Amawa*
 - a .Cashinawa
 - b . Sheminawa
 - c . Inuvakeu
 - d . Viwivakeu
2. *Pichobo*
 - a . Pichobo (Pisobo)
 - b. Soboibo
 - a . Ruanawa
 - c. Machobo
 - a . Comobo

E. Catukina¹¹

1. *Arara*
 - a . Shawanawa
2. *Ararapina*
3. *Ararawa*
4. *Saninawa*
 - a . Saninawacana

F. Juruá-Purús

1. *Poyanawa*
2. *Shipinawa*
3. *Ararawa*

⁹ Em nota de rodapé Mason menciona que o Curina distingue-se dos vizinhos Arawak: Culino ou Culina.

¹⁰ Em outra nota Mason refere-se aos autores Steward e Métraux (cf. Handbook, vol. 3, p. 565), que listam o Ipitinere como sinônimo de Amahuaca. Porém, os mesmos autores consideram o Epetineri como possível grupo Arawak (cf. Handbook, vol. 3, p. 541).

¹¹ Em nota de rodapé Mason diferencia a língua Catukina (Pano) de outras denominações Catukina: a) Catukina (Arawak) e b) Catukina (Catukina).

4. *Yauavo*
5. *Yaminawa*
6. *Runinawa*
7. *Contanawa*
8. *Yawanawa*
9. *Pacanawa*
10. *Yumbanawa*
11. *Yura*
12. *Tushinawa*
13. *Marinawa*
14. *Espinó*
15. *Manawa*
16. *Canamari*¹²

II - SUL-OCIDENTAL

- A. Arasaire
- B. Aisawaca
 1. *Aisawaca*
 2. *Yamiaca*
- C. Arauá (?)

III - SUL-ORIENTAL

- A. Pacawará
 1. *Chacobo*
 2. *Caripuná (Jau-navo)*
 - a. Jacariá
 - b. Pamá (Pamaná)
 3. *Capuibo*
 4. *Sinabo*
- B. Zurina (?)

McQuown (1955), ao tratar da classificação das línguas Indoamericanas, não apresenta modificações no agrupamento das línguas da família Pano em relação àquele feito por Mason (1950). Entretanto, McQuown (op. cit.) distribui as línguas Pano, assim

¹² Mason também distingue o Canamari (Pano) do Canamari (Arawak) e do Canamari (Catukina).

como as línguas pertencentes a outras famílias, em ordem alfabética e as localiza geograficamente em relação aos paralelos e meridianos.

Greenberg (1956), ao contrário do que havia sido feito anteriormente, apresentou uma classificação sintética das línguas da América do Sul com o objetivo de reunir em uma unidade última todas as línguas ameríndias, exceto as Na-dene e Eskimo. Assim, propôs oito agrupamentos lingüísticos para a América Latina, sendo três deles somente para a América do Sul, são eles: 1. Macro-Chibchan, 2. Andino-Ecuatorial, 3. Ge-Pano-Caribe. Esse último seria composto pelos blocos Macro-Jê, Macro-Pano, Nambikuara, Huarpe, Macro-Karib e Taruma (d'Ans, 1970). Em sua classificação Greenberg (1987) mantém a hipótese da existência de um tronco Macro-Pano, que seria constituído do seguinte modo:

MACRO-PANO

1. Chama
2. Lengua
3. Lule Vilela
4. Mataco-Guaicuru
 - a. Guaicuru
 - b. Mataco
5. Mosen
6. Pano-Tacana
 - a. Pano
 - b. Tacana

A propósito, cabe ressaltar aqui que, impulsionados por Greenberg sobre a hipótese de uma unidade da origem de todas as línguas ameríndias, outros autores tentaram reconstruir uma língua Pano primitiva, um “Pano Reconstruído”. Loos (1973), por exemplo, apresentou reconstruções de vários aspectos da gramática do Proto-Pano.

Em d'Ans (1973b), encontramos uma tentativa de reclassificação das línguas Pano com base na aplicação do método glotocronológico. Tradicionalmente a família Pano era considerada com três subdivisões: Pano Central, Pano Sul-Occidental e Pano Sul-Oriental. Esse trabalho de d'Ans e um outro coletivo (cf. d'Ans et alii, 1973) demonstram que os denominados Pano Sul-Occidentais nunca existiram, mas foram postulados a partir de interpretações errôneas das fontes antigas que tratavam do assunto. As outras subdivisões,

Central e Oriental, são classificações puramente geográficas. A proposta de d'Ans é a seguinte:

I. PANO UCAYALINO

Ucayalino A:

Shipibo

Conibo

Capanahua

Ucayalino B:

Panavarro¹³

Shetebo?

WariaPano

II. PANO PRÉ-ANDINO

Cashibo

Cacataibo?

III. PANO DAS CABECEIRAS

Isconahua

Amahuaca

Cashinahua

Pano-Purus:

Yaminahua

Sharanahua

Marinahua?

Chaninahua?

Mastanahua?

Yahuanahua?

IV. PANO BENIANO

Chácobo

Pacaguara?

V. PANO DO NORTE?

Mayoruna?¹⁴

¹³ d'Ans emprega o termo Panavarro para designar a língua Pano, diferente da família Pano, em homenagem à Manuel Navarro, autor de uma gramática e um dicionário da língua Pano.

¹⁴ As classificações lingüísticas propostas por Mason (1950), Greenberg (1956, 1987) e d'Ans (1973) são instrumentos básicos para todos aqueles que se interessam pelas línguas indo-americanas, sobretudo, aquelas pertencentes à família Pano. Afinal, além de fornecerem informações sobre localizações específicas das línguas, ainda constituem um valioso material para os comparativistas. Infelizmente, nem sempre esses materiais estão acessíveis nas bibliotecas. Diante disso, achamos pertinente reproduzi-las neste trabalho, visando a facilitar o trabalho dos pesquisadores em línguas indígenas.

Shell (1985) fez a primeira comparação sistemática de dados lingüísticos demonstrando a regularidade de correspondências fonológicas em sete idiomas Pano. Mais recentemente, Rodrigues (1986), ao classificar as línguas indígenas do Brasil, aponta a família Pano como isolada, por não estar classificada em tronco.

A classificação das línguas Pano mais atual é aquela apresentada por Amarante Ribeiro (2006). Baseando-se nos últimos trabalhos lingüísticos e em métodos cladísticos¹⁵, essa proposta de classificação divide a família Pano em três grupos de primeiro nível, um dos quais compreende uma só língua, o Amawaka. Os demais ramos se dividem em dois (II, III) ou três (IV) subgrupos de segundo nível. O subgrupo III-2 tem, por sua vez, três ramificações de terceiro nível (III-2-1, III-2-2 e III-2-3), uma das quais chega a um quarto nível (III-2-2-1, III-2-2-3). Vejamos:

Grupo I

Amawaka

Grupo II

Subgrupo II-1

Kashibo

†Nokaman

Subgrupo II-2

Shipibo

Kapanawa

†Panobo

Grupo III

Subgrupo III-1

Iskonawa

Kaxinawa

Subgrupo III-2

Subgrupo III-2-1

¹⁵ Métodos de cálculos utilizados na Física.

†Nukini

†Remo

Subgrupo III-2-2

Subgrupo III-2-2-1

†Kanamari

Katukina

Marubo

Subgrupo III-2-2-2

Mastanawa

†Tuxinawa

Yoranawa

Sharanawa

Shanenawa

Arara

Yawanawa

Xitonawa

Yaminawa

Subgrupo III-2-3

Kaxarari

Poyanawa

Grupo IV

Subgrupo IV-1

Kapishto

Matsés

Kulina

Matis

Subgrupo IV-2

†Atsawaka

†Arazaire

†Yamiaka

Subgrupo IV-3

† Karipuna

Chacobo

Pakawara

3.2. Prévia Literatura da Língua Huariapano

Existem pelo menos seis obras prévias com dados da língua Huariapano. A primeira consta de uma lista de palavras e algumas notas gramaticais em Castelnau (1851:292-3 e 301-2)¹⁶. Em 1903, o sacerdote Manuel Navarro publicou uma obra intitulada: “Vocabulário castellano-quechua-Pano con sus respectivas gramáticas quechua e pana”. Sua segunda edição data de 1927, com o mesmo título, apareceu no volume 13 de “História de las Misiones Franciscanas”, editado por Bernardino Izaguirre, pp. 15-282. Esta primeira documentação do Huariapano constitui-se na lista mais ampla de palavras dessa língua. Ainda, apresenta um esboço introdutório sobre a morfologia e a sintaxe.

Posteriormente, Günter Tessman (1930) apresentou seus próprios dados no livro “Die Indianer Nordost-Perus”. André-Marcel d’Ans (1970), da Universidade Nacional Mayor de São Marcos, reorganizou a lista de palavras de Navarro (1903) e acrescentou um comentário acerca da classificação da família Pano em “Materiales para el estudio del grupo lingüístico Pano” (Plan de Fomento Lingüístico). Além disso, Olive A. Shell (1975) propôs uma reconstrução da Família Pano, incluindo dados Huariapano que ela mesma havia elicitado. Este trabalho, que resultou em uma tese, foi publicado pelo Instituto Lingüístico de Verão, com o título: “Estudios Panos III: Las lenguas Pano y su reconstrucción” (Serie Lingüística Peruana, nº12, Pucallpa).

Todavia, a mais recente coleta de dados desse idioma foi feita por Stephen Parker, em uma expedição ao Peru, em janeiro de 1991. Esse pesquisador acredita ter estado com o último falante nativo do idioma Huariapano, o sr. Arquimedes Sinuiri Nunta, de 65 anos de

¹⁶ Grasserie valeu-se desta lista de palavras no estudo comparativo em que reconheceu a existência da família Pano em 1888.

idade na época. Isso se deve ao fato de que dois meses depois, Parker recebeu a notícia do falecimento desse indígena. Em setembro do mesmo ano, o lingüista e sua equipe fizeram outra viagem à região da Contamana, na Amazônia peruana, na qual visitaram cinco diferentes comunidades, em busca de outro falante Huariapano. Porém, não tiveram êxito. Assim, Parker acredita que o idioma Huariapano pode ser classificado como uma língua extinta (1992). Enfim, o resultado da primeira expedição desse lingüista gerou um material intitulado “Datos del idioma Huariapano” (1992). Após este, Parker escreveu "Coda epenthesis in Huariapano" (1994); "Epentesis de codas en el Huariapano" (1996) e "On the phonetic duration of Huariapano rhymes" (1998). Por fim, em trabalho publicado em 2000, Valenzuela caracteriza o sistema de marcação de caso do Huariapano como ‘ergativo escindido’. Enfim, todos os materiais acima mencionados serão os que utilizaremos de fonte lingüística para a realização da nossa proposta de análise sobre a língua Huariapano.

4.0. Metodologia

4.1. Material Lingüístico

Os dados apresentados neste estudo provêm de publicações datadas de 1903 (NAVARRO) e de 1991 (PARKER), ambas editadas no Peru. A primeira trata-se de um trabalho do Fr. Manuel Navarro, um religioso sacerdote do Colégio ‘Propaganda Fide de Santa Rosa de Ocopa’ e missionário apostólico da Prefeitura Central de San Francisco del Ucayali: “Vocabulário Castellano-Quechua-Pano con sus respectivas gramáticas Quechua y Pana”. Esta primeira documentação do Huariapano constitui-se, como já foi dito, na lista mais ampla de palavras da língua (cerca de 3.000 entradas lexicais), de algumas frases (por volta de 150) e, ainda, apresenta um esboço introdutório sobre a morfologia e a sintaxe. O segundo trata-se do resultado de uma viagem feita à região da Contamana, em janeiro de 1991, por uma equipe de estudiosos de línguas indígenas, comandada pelo lingüista Stephen Parker, em direção ao povo Cashiboya, para averiguar se existiam falantes do idioma Huariapano. Com sorte, tiveram a oportunidade de encontrar o provável último

falante nativo da língua, o sr. Arquimedes Sinuiri Nunta. Estiveram com este senhor por aproximadamente um mês, em Pucallpa, aprendendo e coletando dados de seu idioma. Desse modo, Parker e sua equipe conseguiram dados para uma análise fonológica da língua. As conclusões a que se chegou encontram-se em um manuscrito inédito, intitulado: “Laryngeal codas in Chamicuro and Huariapano” e foi publicada em 1992, com o título: “Datos del idioma Huariapano”, Documento de Trabajo N° 24, Instituto Lingüístico de Verano, Yrinacocha, Pucallpa, 1ª edición, uma compilação de palavras (aproximadamente 650), algumas orações (cerca de 230) organizadas em paradigmas em uma ortografia mais ou menos fonêmica e dois textos curtos na língua.

Portanto, as obras que contêm os registros de coleta de dados lingüísticos datadas de 1903, por Navarro e de 1992, por Parker, nortearão a nossa proposta de estudo para a referida língua indígena peruana. Os dados serão exemplificados, no decorrer do texto, à medida que forem sendo encontrados nos materiais lingüísticos e convenientes para o assunto em questão. Estarão, também, identificadas suas fontes e, na medida do possível, procuraremos tecer alguns comentários comparativos, a fim de ratificar ou refutar a semelhança com outras línguas Pano geneticamente próximas, como o Capanahua e principalmente com o Shipibo-Conibo.

4.2. Aportes teóricos e análise dos dados

Indubitavelmente, diversas teorias abordam o estudo da linguagem humana e das línguas em particular. Contudo, há pelo menos duas orientações mais representativas que são conhecidas, respectivamente, como a visão formalista da linguagem, que é representada pela Teoria Gerativa, e a visão funcionalista da linguagem, representada essencialmente pelos trabalhos de Greenberg (1966), Givón (1990, 1995), Comrie (1981), Croft (1991), entre outros.

Em relação à interpretação fonológica aqui apresentada, salientamos, partirá da de alguns conhecimentos que temos de outras línguas geneticamente próximas, já mencionadas, além da comparação com trabalhos publicados sobre a fonologia da língua

em questão (PARKER, 1994; 1996). Quanto às análises e descrições morfológicas e sintáticas dos dados do Huariapano, vale mencionar que são incipientes até o momento.

Assim, apresentadas a metodologia a ser aplicada em nossa pesquisa, bem como a teoria que dará maior suporte para as análises feitas ao longo deste estudo, passaremos a apresentar a nossa proposta de descrição de aspectos fonológicos e morfossintáticos para a língua Huariapano.

II. ASPECTOS DA FONOLOGIA

2.0. Introdução

Partindo de conhecimentos básicos da fonética e da fonologia das línguas indígenas Pano Shipibo-Conibo e Capanahua, geneticamente próximas à língua Huariapano¹⁷, apresentaremos neste capítulo uma proposta para o inventário vocálico e consonantal, juntamente com uma perspectiva fonológica para a língua em estudo. É importante ressaltar que, ao longo deste capítulo, procuraremos fazer comentários e observações de modo a justificar a presente fonologia e a proposta de ortografia dessa língua, com base nos acervos lingüísticos utilizados nesta pesquisa.

Em vista disso, a fim de favorecer a comparação com as outras línguas da família Pano, anteriormente mencionadas, optamos por uma apresentação sincrônica da fonologia do Huariapano.

Apresentaremos brevemente em **2.1.** alguns princípios teóricos sobre a teoria fonológica relacionada aos referidos tópicos.

2.1. Princípios Teóricos

Para o presente capítulo, nossa análise e a interpretação dos dados do Huariapano estará pautada no modelo de análise fonológica conhecido por Fonêmica norte-americana, tal como apresentado nos trabalhos de Cagliari (1997) e Kindell (1981).

Resguardadas algumas especificações e considerações teóricas relacionadas ao tema, passaremos à exposição da proposta feita para este idioma.

2.2. Ortografia

2.2.1. As Vogais

¹⁷ Para este estudo, seguimos a mais recente proposta de classificação genética para as línguas Pano, feita por Amarante Ribeiro (2006).

No material lingüístico de Manuel Navarro (1903), a grafia utilizada para representar o conjunto das vogais da língua Huariapano é: <a>, <e>, <i>, <o> e <u>. De acordo com Navarro, essas vogais pronunciam-se como em Castelhana, mas há casos em que os falantes “confunden la *e*, com la *i*, como *ebi*, o *ibi* ‘yo’ [...] lo mismo sucede con la *o*, y la *u*; como *ota*, o *uta* ‘rancho’” (1903: 222). Em ambos os casos, parece tratar-se de uma flutuação¹⁸ entre os fones [e] e [i], de um lado e entre [o] e [u], de outro.

No estudo de Parker (1996), intitulado “Epentesis de codas en el Huariapano”, é apresentado o sistema vocálico da língua constituído por quatro segmentos contrastivos. Vejamos:

Parker (1996: 104)

- (1) i ï
 o
 a

Segundo esse autor, a vogal arredondada /o/ varia foneticamente entre [o], [u] e [u]; no entanto, não são apresentadas as características fonéticas da vogal /i/. Partindo do referido estudo de Parker, acreditamos que a língua Pano Huariapano não possui o fonema vocálico anterior meio fechado /e/. Igualmente, no trabalho de Loos (1999), o inventário de fonemas vocálicos do Proto-Pano, não registra a vogal /e/. Para esse autor, as vogais do Proto-Pano são: “low *a*, high front unrounded *i*, high back unrounded *ɨ* and high back open unrounded *o*” (p.230). Contudo, mais adiante, concluiremos nosso parecer sobre o *status* do grafema <e>. A seguir, estão expostos alguns exemplos em que aparece registrada essa vogal.

Navarro (1903)

- | | LEXEMA | GLOSA | LEXEMA | GLOSA |
|-----|------------|----------|----------|----------|
| (2) | junshinque | ‘maduro’ | resbi | ‘corda’ |
| | quebi | ‘lábio’ | quepuciñ | ‘abrir’ |
| | queyoy | ‘acabar’ | buenai | ‘buscar’ |

¹⁸ Na língua Shipibo-Conibo, Valenzuela (2003: 93) registra o caso de flutuação fonética do fonema /o/ com os fones [o], [U] e [u].

buetongo	‘frente’	tete	‘gavião’
muechuaque	‘molhado’	ose	‘lua’

Na busca por correspondências de palavras lexicais com o referido grafema nos estudos de Parker (1994; 1996), verificamos que a grafia <e>, usada por Navarro, corresponde à vogal alta posterior não arredondada /i/ utilizada por Parker. As palavras expostas em (2) estão exemplificadas através do fonema /i/, abaixo:

Parker (1996)

	LEXEMA	GLOSA	LEXEMA	GLOSA
(3)	h̥h̥j̥ɨŋk̥i	‘maduro’	r̥is̥β̥i	‘corda’
	k̥iw̥i	‘lábio’	k̥ih̥p̥j̥ɨn̥	‘(eu) abro’
	k̥iyoi	‘acabar’	b̥inai	‘buscar’
	β̥ih̥t̥óŋko	‘frente’	t̥ih̥t̥i	‘gavião’
	m̥ih̥t̥f̥áki	‘molhado’	óŋi	‘lua’

Dada a comparação feita com os dados acima, concluímos que, na língua Huariapano, a grafia <e> empregada por Navarro equivale ao fonema vocálico alto central /i/, usado nos dados de Parker (1996). Também, correspondência similar entre o grafema <e> e o fonema /i/ pode ser encontrada nos dados da língua Shipibo-Conibo em Lorient; Lauriault; Day (cf. 1993). Vale mencionar que, na maioria dos estudos contemporâneos sobre as línguas Pano, esse fonema é representado segundo os símbolos do *International Phonetic Alphabet* (IPA) como /i/.

2.2.2. As Consoantes

No vocabulário Castelhana-Pano (NAVARRO, 1903), as letras do alfabeto são divididas em (i) consoantes simples: , <c>, <ch>, <g>, <h>, <j>, <l> <ll>, <m>, <n>, <p>, <q>, <r>, <rr>, <s>, <ss> <t>, <v>, <y>, <z> e (ii) consoantes compostas: <tt>, <sh>, <tz>. Segundo o autor, as consoantes simples se pronunciam como em Castelhana, exceto <j> que “la pronuncian unas veces fuerte, y otras tan aspirada que parece la *h* castellana como, en *juni* ‘hombre’, y en *jumán* ‘ven’, que parece más bien dicen *humán*” (p. 222).

Ainda, sob a lógica de análise da época, por contraste com o Castelhana, Navarro nota a ausência de algumas “letras” quando afirma que o alfabeto Pano “carece de las consoantes simples, d, f, x, pero la d, parece que la hacen sonar en medio de dicción; como, en *adtza* ‘yuca’” (p.222).

Na seqüência, serão tratados alguns casos de ‘consoantes simples’. São elas: <g>, <h> <l>, <ll>, <ss>, <z> e <v>, respectivamente. Na seqüência, serão tratados os três casos de ‘consoantes compostas’, intituladas assim por Navarro (1903).

A letra <g>, em posição inicial de palavra, está representada em aproximadamente cinqüenta palavras, entre elas:

Navarro (1903)

(4)	gena	‘rabo’
	gimi	‘sangue’
	gima	‘formiga pequena’
	gema	‘cidade’
	gimiai	‘menstruar’
	gesse	‘semente, grão’

Inicialmente, cogitamos a possibilidade de essa grafia ter sido usada em representação do som fricativo velar [x]. Porém, após traçarmos um paralelo desse som com o quadro consonantal das duas outras línguas próximas, chegamos à conclusão de que possivelmente o grafema <g> seja a representação do fonema fricativo glotal /h/, tal como ocorre nas línguas comparadas. A exemplo disto temos as suas cognatas correspondentes, grafadas na língua Shipibo-Conibo por <j>, como se segue:

Valenzuela (2003)

(5)	jina	‘rabo’
	jimi	‘sangue’
	jima	‘formiga pequena’
	jema	‘cidade’
	jimia	‘menstruar’
	jeshi	‘semente, grão’

Verificando as palavras iniciadas pela letra <h>, do vocabulário Castelhana-Pano, chamaram nossa atenção alguns aspectos referentes a esse grafema. O primeiro deles é que:

(i) a suposição que não representa fonema algum, aparecendo em poucas palavras, tais como:

Navarro (1903)

(6)	hano	‘paca’
	hipu	‘peixe cascudo’
	hiso	‘macaco grande preto’
	hucha	‘culpa’
	huhi	‘chuva’
	huni	‘pessoa’

Todos esses itens possuem seus correspondentes cognatos em Shipibo-Conibo, cuja escrita aparece da seguinte forma:

Valenzuela (2003)

(7)	ano	‘paca’
	ipo	‘peixe cascudo’
	iso	‘macaco preto’
	ocha	‘culpa’
	oi	‘chuva’
	oni	‘pessoa’

(ii) o segundo aspecto trata-se da seqüência entre as letras grafadas por <h> <u>.

Diante disto, tal ocorrência nos leva a crer que a representação gráfica de <h>, quando seguida da letra <u>, trata-se da representação do fonema lábio-velar /w/, por seguir o modelo de escrita do Castelhana. Alguns exemplos com a seqüência <hu> são apresentados, a seguir:

Navarro (1903)

(8)	huanumai	‘casar’	huishti	‘estrela’
	huai	‘fazenda’	hua	‘flor’
	jahue	‘algo’	huedtzabu	‘alguns’
	huecoi	‘lançar’	jihui-huepón	‘resina’

huinti ‘remo’ huino ‘peixe espada’

(iii) necessidade de uma análise diacrônica sobre o status de ‘h’, no material de Navarro.

No presente momento de nossa análise fonológica, deparamo-nos com uma situação em que a nossa opção por uma análise sincrônica, com o intuito de favorecer a comparação dos dados com a língua Shipibo, entra em conflito com uma necessária análise diacrônica, visto que há uma distância temporal de um século entre as duas fontes de dados, Navarro (1903) e Valenzuela (2003). O fato de que a língua Shipibo não apresenta uma consoante fricativa glotal nos exemplos em (7), em contraposição com as formas anotadas no Huariapano nos exemplos em (6), não nos autoriza, simplesmente, a concluir que a letra ‘h’, nos dados de Navarro (1903), não represente um fonema. É preciso ter em mente que Navarro sabia o que é um ‘h’, conforme a citação anteriormente colocada: “la pronuncian unas veces fuerte, y otras tan aspirada que parece la *h* castellana como, en *juni* ‘hombre’, y en *jumán* ‘ven’, que parece más bien dicen *humán*” (p. 222). Portanto, no Castelhanao de que parte se referia Navarro, esse ‘h’ representa claramente uma aspiração.¹⁹

Sobre a ocorrência das letras <l> e <ll>, Navarro diz que ambas faltam quase que por completo. De fato, nas entradas do vocabulário Castelhanao-Pano, estão registradas três palavras com essas letras: *lorete* ‘mecha’, *llanchama* ‘cortiça de uma árvore’ e *llica* ‘rede’. As duas primeiras parecem relacionar-se com palavras do Castelhanao regional e a última é um termo da língua indígena peruana Quechua. Além disso, consoantes laterais não fazem parte do inventário fonológico das línguas Pano atuais, exceto na língua Kaxarari em que aparece o fonema lateral /l/ tanto na posição de ataque quanto na posição de coda, além de ser o marcador de ergativo em construções sintáticas com verbo transitivo (LANES, 2000).

Quanto ao uso da grafia <ss>, existente em várias palavras lexicais do vocabulário em questão, Navarro não apresenta nenhum comentário sobre a mesma. Alguns exemplos são:

¹⁹ “Ora, um *h*, por várias razões (fonéticas) é um grande candidato a cair ou desaparecer em algumas línguas, e entre línguas Aruak há distinções dialetais entre as que mantêm e as que perderam um certo *h* medial.” (D’ANGELIS, comunicação oral na seção de qualificação deste texto).

Navarro (1903)

- (9)
- | | |
|-------------|------------------|
| musso | ‘balsa, jangada’ |
| josso | ‘branco’ |
| josso-amiz | ‘branquear-se’ |
| quessa | ‘boca’ |
| patassai | ‘acercar-se’ |
| uttessnanai | ‘beliscar-se’ |

Novamente, se comparamos com palavras cognatas na língua Shipibo-Conibo, percebemos imediatamente que a grafia <ss> corresponde, na maioria dos casos, ao fonema fricativo retroflexo /ʂ/ representado ortograficamente como <šh>, ou seja:

Valenzuela (2003)

- (10)
- | | |
|-----------|------------------|
| mošho | ‘balsa, jangada’ |
| jošho | ‘branco’ |
| jošhoti | ‘branquear-se’ |
| quešha | ‘boca’ |
| patašhti | ‘acercar-se’ |
| otešheeti | ‘beliscar-se’ |

O reconhecimento e o uso do fonema retroflexo /ʂ/ <šh> em oposição à fricativa alveopalatal /ʃ/ <sh> encontra-se presente nos trabalhos de Parker (1992, 1994, 1996).

Sobre a existência do grafema <z>, estamos considerando que Navarro aproximou a forma da escrita da língua espanhola para grafar o idioma Huariapano. Além do mais, no quadro consonantal das línguas próximas ao Huariapano – Shipibo-Conibo e Capanahua, não há a presença de tal fonema. Portanto, optamos por considerar este grafema sem correspondência de fonema no inventário de consoantes da língua.

Para concluir a discussão sobre as consoantes ‘simples’, resta dizer que, a nosso ver, não existe o som fricativo lábio-dental sonoro [v] em Huariapano. Apontamos em nossa proposta de inventário fonológico para essa língua que, ou se trata de uma fricativa bilabial surda [ɸ] ou, mais provavelmente, dado que o vozeamento ou sonoridade é o que reúne as

distintas variantes – a saber: [b], [v] e [B] – deve tratar-se de uma soante labial²⁰, que talvez possa ser identificada como [v]. No entanto, é incomum que línguas tenham duas soantes ao mesmo tempo, sendo uma labial /v/ e uma lábio-velar /w/. O comum mesmo fonema. No caso, observando o material lexical de Navarro, a letra costuma aparecer acompanhada de <u> diante da vogal <e>, e sozinha diante das outras e provável, acreditando em se tratar deste caso também, é que sejam variantes combinatórias de uma vogal: <a>, <o>, <ó>, <u>. Há alguns casos com <i>, mas poderiam estar no lugar do fonema / ĩ /. Assim, interpretando o valor fonético das letras usadas por Navarro (1903), chegamos à seguinte distribuição complementar: [w] / _ vogal anterior, e [v] / _ nos demais ambientes. Logo, o fonema seria a soante não-nasal labial /w/.

Feitas as observações sobre as ‘consoantes simples’ acima, passaremos agora a discorrer sobre as ‘consoantes compostas’ <tt>, <sh>, <tz>.

Navarro não especifica porque <tt> é tratado como consoante composta e não como simples, assim como acontece com as grafias <ll> e <rr>. A grafia <tt> aparece em palavras de seu vocabulário, como em:

Navarro (1903)

(11)	atteres	‘fazer’
	rettei	‘matar’
	atte	‘obra, ofício’
	rattei	‘assustar-se’
	jatti	‘tanto’

Nossa hipótese é que se trata de uma consoante geminada, de caráter fonético, que somente ocorreu antes de ‘e’ ou ‘i’, como nos exemplos de (11), acima. É interessante observar que no Shipibo-Conibo, língua muito próxima do Huariapano, essas palavras apresentam apenas o fonema simples /t/, representado na ortografia dessa língua como <t>. Vejamos os exemplos, a seguir:

²⁰ Do ponto de vista fonológico não existe distinção entre *bilabial* e *lábio-dental*, são todas *labiais*.

Valenzuela (2003)

(12)	ati	‘fazer’
	reteti	‘matar’
	ate	‘trabalho’
	rateti	‘assustar-se’
	jati	‘tanto’

Assim, acreditamos que o grafema <tt> se trate do fonema oclusivo alveolar /t/. Por fim, nossa interpretação para os dígrafos <sh> e <tz> é de que essas grafias se refeririam, respectivamente, ao fonema fricativo alveopalatal /ʃ/ e ao fonema africado alveolar /ts/. Encontramos suporte para essa hipótese, pois como o próprio Navarro afirma “a consoante composta *sh*, suena como *ch* francesa; como *cáshia* ‘murciélago’, *shansho* ‘pájaro’, *shicón* ‘plátano’, *shoco* ‘pequeño’ ” (p. 222). Mais adiante, ele prossegue “las consonantes *tt* y *tz*, las pronuncian con mucha fuerza; como en *atté* ‘obra’ o ‘trabajo’; *antza* uñ ‘mira esto’; *adtza poto* ‘harina de yuca’; *adtza sau* ‘hebra de yuca’ ” (p. 222). Com isso, fechamos nossas justificativas sobre os sons consonantais para a língua Huariapano.

3.0. Fonologia

3.1. O Inventário de Fonemas da Língua Huariapano

Para as análises descritas neste capítulo, tivemos como referência o inventário fonético e fonológico das línguas Shipibo-Conibo e Capanahua, línguas que já mencionamos, são próximas do Huariapano em sua classificação lingüística. Depois da análise comparativa dos sons pertencentes ao sistema de fonemas dessas línguas e a partir da interpretação dos dados de Navarro (1903) confrontados com os dados de Parker (1992), pôde-se montar o quadro fonológico hipotético para a língua Huariapano, o qual será apresentado na seqüência. Com isso, concluímos nossa proposta dos possíveis sons vocálicos e consonantais do idioma Huariapano.

3.2. Fonemas Vocálicos

O quadro de fonemas vocálicos da língua Huariapano não sofreu alterações em relação à proposta apresentada por Parker (1996). Também, encontramos concordância com a proposta de fonemas vocálicos do Proto-Pano, proposto por Loos (1999) e com a proposta de reconstrução das línguas Pano, feita por Shell (1975).

O quadro se apresenta tal como exposto na Tabela I, a seguir:

			ARREDODADO
FECHADO	/i/	/ĩ/	/o/
ABERTO		/a/	

Tabela I: Inventário de vogais da Língua Huariapano.

De modo geral, o quadro fonológico vocálico Huariapano é parecido com aqueles verificados em grande parte das línguas da família Pano. Um detalhe, contudo, merece uma rápida discussão.

Nos estudos sobre a língua Huariapano, chamou-nos atenção a assimetria do quadro vocálico, especialmente, se comparado, por exemplo, ao inventário de fonemas da língua Shanenawa, proposto por Cândido (2004), que é reproduzido na Tabela II, abaixo:

		ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
		Não arredondada	Não arredondada	Arredondada
FECHADA	ALTA	/i/	/ĩ/	/u/
ABERTA	BAIXA		/a/	

Tabela II: Quadro das vogais da língua Shanenawa. Fonte: Cândido (op.cit.).

A diferença entre o quadro de vogais do Huariapano e do Shanenawa suscita uma dúvida recorrente em estudiosos de línguas Pano. Afinal, em que altura é realizada a vogal posterior não-baixa nessas línguas? Em posição média-alta /o/, como no Huariapano, Shipibo-Conibo (VALENZUELA, 2003), Capanahua (LOOS, 1967), Caripuna (GOMES, 2006) ou alta como no Shanenawa, no Kaxarari (LANES, 2000), entre outras?

No momento, apesar de incipiente, acreditamos ter uma justificativa para essa questão. Feita uma verificação em algumas línguas Pano peruanas, bolivianas e brasileiras quanto ao quadro vocálico das mesmas, observamos que as línguas indígenas do Peru e da Bolívia apresentam em seu inventário maior ocorrência da vogal média fechada arredondada /o/, enquanto que nas línguas indígenas brasileiras houve presença maior da vogal alta /u/. Com isso, fechamos nossa proposta para o quadro hipotético fonológico vocálico da língua.

3.3. Fonemas Consonantais

A interpretação dos dados do Huariapano (NAVARRO, 1903; PARKER, 1992) revelou-nos que dentre os 23 grafemas consonantais detectados, apenas 13 puderam ser postulados fonemas. Isso é mostrado na Tabela III, abaixo:

	Labial	Coronal		Dorsal	Glotal
		Anterior	Posterior		
Obstruintes descontínuas	/p/	/t/	/ts/	/k/	
Obstruintes contínuas		/s/	/ʃ/	/ʒ/	/h/
Soantes nasais	/m/	/n/			
Soantes não-nasais	/w/	/r/		/j/	

Tabela III: Inventário de consoantes da Língua Huariapano.

4.0. A Estrutura Silábica

Para a descrição da distribuição dos sons na estrutura silábica da língua Huariapano, adotamos a interpretação da sílaba pautada nos pressupostos teóricos da Fonologia Não-Linear. Assim, segundo estudos dessa linha teórica, a sílaba é uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, denominado *Onset*, e por outro obrigatório,

denominado *Rima*. Este último se subdivide em um *Núcleo*, que também é obrigatório, e uma *Coda* que, por sua vez, é opcional. A fonologia não-linear estabelece ainda que os constituintes da sílaba não estão diretamente ligados à melodia segmental, ou seja, há entre eles uma camada denominada *esqueleto*, constituída por posições X's (ou unidades de tempo), e que os segmentos ligados às posições X's são estruturados, em termos de traços, de acordo com o estabelecido por Clements & Hume (1995).

4.1. Os Constituintes Silábicos do Huariapano

A análise que realizamos da sílaba na língua Huariapano foi restrita. Todavia, apoiando-nos em outros trabalhos sobre a estrutura silábica de línguas Pano, como Shipibo-Conibo (VALENZUELA, 2003) e Capanahua (LOOS, 1967), postulamos também que no Huariapano a sílaba pode ser representada pela seguinte fórmula fonológica básica (C)V(C) e esta, por sua vez, resume os seguintes subtipos silábicos: **V**, **VC**, **CV**, **CVC**, como podemos ver nos exemplos, abaixo:

	Navarro (1903)		Glosa
(13)	(a) /o.ta/	V. CV	‘cabana’
	(b) /pa.po.is.co/	CV.CV.VC. CV	‘ombro’
	(c) /na.ka/	CV . CV	‘mosquito’
	(d) /ma.nan.ti/	CVC . CV.V	‘palavra’

Embora constem no inventário silábico tanto sílabas abertas quanto fechadas, a ocorrência dessas últimas se dá de forma restrita. São as fricativas sonoras /s, ʃ, ʒ/ e a nasal /n/ que ocupam posição de final de palavra. Na seqüência, mostraremos as constituições internas de cada um dos tipos silábicos verificados no Huariapano.

4.2. O Ataque

Na língua Huariapano, a estrutura do ataque (ou *onset*) silábico pode ser representada da seguinte forma:

$$(14) \quad \begin{array}{c} \sigma \\ | \\ A \\ | \\ x \\ | \\ r \end{array}$$

/ p, t, ts, k, s, ʃ, h, m, n, w, r, j /

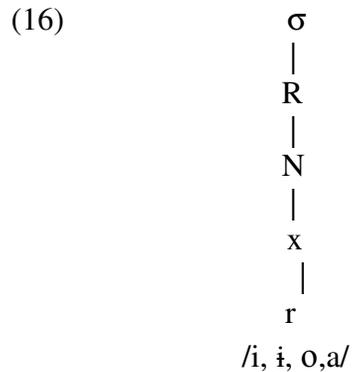
Nesses termos, de acordo com a proposta do inventário de fonemas consonantais apresentada na Tabela III, todos os fonemas consonantais da língua podem ocupar a posição de ataque de sílaba. Assim, abaixo, listamos exemplos em que a ocorrência dos fonemas consonantais pode ser conferida no ataque de sílaba inicial ou não das palavras:

	Navarro (1903)	Glosa
(15)	(a) / pi /	‘comer’
	(b) / ta.ka /	‘fígado’
	(c) / a.tsa /	‘nariz’
	(d) / ka.na /	‘arara’
	(e) / so /	‘anil’
	(f) / mo.ʃo /	‘balsa, jangada’
	(g) / ʃo.ko /	‘pequeno’
	(h) / ha.na /	‘língua’
	(i) / ma.po /	‘medula’
	(j) / non.ti /	‘canoa’
	(l) / wa /	‘flor’
	(m) / pi.ni.ti /	‘diante’
	(n) / ja.ti /	‘tanto’

4.3. A Rima

4.3.1. O Núcleo

A estrutura silábica do Huariapano com relação à posição de núcleo pode ser representada tal como na figura a seguir:



Como podemos observar a posição nuclear, a exemplo do ataque, também não apresenta complexidade do ponto de vista fonológico, podendo ser preenchida por qualquer um dos fonemas vocálicos da língua, como vemos nos exemplos seguintes:

	Navarro (1903)	Glosa
(17) (a)	/pa.ni/	‘penugem’
(b)	/ka.pi/	‘jacaré’
(c)	/no.ti/	‘canoa’
(d)	/jo.ni/	‘homem’

4.3.2. A Coda

Como na maioria das línguas, a posição de coda, em Huariapano, também apresenta restrições quanto ao seu preenchimento, pois apenas quatro fonemas da língua podem

ocupá-la: a nasal alveolar /n/ e as fricativas álveo-palatais /s/, /ʃ/ e /ʂ/, conforme atestam os exemplos a seguir:

	Navarro (1903)	Glosa
(18)	(a) /ʃan.ʃo/	‘pássaro’
	(b) /pus.ka/	‘cabeça’
	(c) /oʃ.ta/	‘lixo, sujeira’
	(d) /o.tiʂ.na.na.i /	‘beliscar-se’

A partir da exposição acima, fechamos nossa descrição sobre a estrutura silábica da língua.

Enfim, dentro dos limites possíveis para a realização da presente pesquisa e com alguns dados extraídos de outros trabalhos realizados sobre a língua Huariapano, tentamos elaborar um sistema de sons como fonemas dessa língua e indicamos alguns casos de alofonia. Por se tratar de um trabalho incipiente, é preciso que se considerem parciais os resultados dessa pesquisa, já que são passíveis de novas investigações e modificações a serem feitas futuramente. Portanto, a conclusão desse capítulo não encerra as investigações sobre o quadro fonológico ou sobre a estrutura silábica da língua, mas abre oportunidades para novas pesquisas na área.

III.

MORFOSSINTAXE I

3.0. Introdução

O presente capítulo tem por objetivo principal apresentar uma análise descritiva da estrutura morfológica da língua Huariapano. Contudo, dada a dificuldade de separar a Morfologia e a Sintaxe em línguas tipologicamente aglutinantes, como é o caso em questão, também serão feitas nesta seção descrições de algumas propriedades sintáticas das categorias e estruturas abordadas.²¹ Serão expostos brevemente em 3.1. alguns princípios teóricos que nortearam as análises apresentadas neste capítulo.

3.1. Princípios teóricos

Segundo Schachter (1985), as classes de palavras encontradas em uma determinada língua podem ser de dois tipos: abertas ou fechadas. Uma classe é considerada aberta se nela puder ocorrer um acréscimo no número de palavras, causado pela incorporação de novas formas à língua. Portanto, os membros da classe aberta são, em princípio, ilimitados, variando de tempos em tempos e entre um ou outro falante. No Huariapano, por exemplo, nome e verbo são considerados classes abertas. Em contrapartida, uma classe é fechada se for constituída por um número finito e relativamente invariável de formas ou de ampliação muito difícil. Isto é, os membros dessa classe são fixos, usualmente em pequeno número e essencialmente são os mesmos para todos os falantes da língua.

²¹ Tradicionalmente, os estudiosos costumavam distinguir a Sintaxe da Morfologia obedecendo ao critério das dimensões dos significantes. Assim, enquanto a Sintaxe estaria voltada para construções maiores do que a palavra (sintagmas, frases, orações, entre outras), a Morfologia cuidaria de construções cujo constituinte máximo seria a palavra, mais especificamente, o objeto dos estudos morfológicos seria o morfema (raízes, sufixos, entre outros). Essa distinção nem sempre é feita com tranquilidade, o que torna mais conveniente o tratamento da Morfologia e da Sintaxe em conjunto. Daí a idéia de dividirmos os estudos referentes a esses aspectos em dois capítulos: Morfossintaxe I e Morfossintaxe II. Assim, o presente capítulo está pautado em nosso objetivo de priorizar conceitos que acreditamos serem específicos da análise morfológica. No capítulo seguinte, destacaremos aspectos que, em muitos estudos, normalmente são tratados em uma abordagem sintática, como a ordem dos constituintes na sentença, as construções interrogativas, entre outros.

As classes abertas incluem os nomes, os adjetivos, os verbos e os advérbios. Com base em certas propriedades gramaticais distintivas, como já mencionamos, essas classes ainda podem se subdividir em outras. Por exemplo, os nomes podem ser comuns ou próprios; contáveis ou não-contáveis, entre outros. Já os verbos podem ser transitivos ou intransitivos; ativos ou estativos, entre outros. Quanto às classes fechadas, Schachter (1985) assinala as seguintes: pronomes e outras pró-formas (pró-predicados, pró-sentenças, pró-verbos, pró-adjetivos, entre outras); adjuntos adnominais incluindo marcadores de função, quantificadores, classificadores e artigos; os adjuntos adverbiais que incluem verbos auxiliares e partículas verbais; as conjunções e, ainda, outras classes fechadas como clíticos, cópulas e predicadores, marcadores existenciais, interjeições, marcadores de polidez, entre outros.

Cientes de que dificilmente uma língua apresente todos os contrastes possíveis universalmente entre essas classes e subclasses (ou categorias), não entraremos em detalhes sobre cada uma delas neste estudo. Limitar-nos-emos, assim, a descrever e discutir os casos especificados pela análise proposta para a língua Huariapano, a qual, por questões práticas, passaremos de imediato a apresentar. Naturalmente, no transcorrer do estudo, quando necessário, procuraremos definir a terminologia empregada em nossa descrição.

3.2. As classes de palavras (ou partes do discurso) em Huariapano²²

3.2.1. As classes abertas

Como na maioria das línguas, as classes de palavras abertas em Huariapano são: a) os nomes, b) os adjetivos, c) os verbos e d) os advérbios, tais como se apresentam descritas nos tópicos subseqüentes.

²² Nesta seção, na medida em que estivermos determinando as classes de palavras do Huariapano, também estaremos focalizando a morfologia flexional dessa língua. Os demais processos morfológicos, como a composição, serão tratados na seção “Processos de formação de palavras”.

3.2.1.1. O nome

Segundo Givón (1990), os nomes carregam em si um conjunto de traços semânticos hierarquicamente organizados do seguinte modo:

(I) [ENTIDADE] → [TEMPORAL] → [CONCRETO] → [ANIMACIDADE] → [HUMANO]

Para Givón (1990), o traço “entidade” significa “aquilo que tem existência”; o “temporal” é atribuído “àquilo que existe em um tempo particular”; o “concreto”²³ é um traço presente “naquilo que tem existência tanto no tempo quanto no espaço”; a “animacidade” é o traço atribuído a “organismos vivos” e, finalmente, o traço “humano” está presente em “seres humanos”. Nesses termos, os nomes exemplificados em (13), podem ser descritos da seguinte forma:

	Navarro (1903)/ Parker (1992)		Glosa
(13)	aibo/ahuin	[ENTID], [CONCR], [ANIM], [HUM]	‘mulher’
	ose/ošhe	[ENTID], [CONCR]	‘lua’
	inahua/inahua	[ENTID], [CONCR], [ANIM]	‘cachorro’
	nete/nete	[ENTID], [TEMP]	‘dia’
	bui/bei	[ENTID], [TEMP]	‘sombra/escuridão’

Sob outro ponto de vista, o gramatical, o termo ‘nome’ pode ser redefinido a partir de suas propriedades morfológicas e sintáticas. Assim, uma determinada palavra pertence à classe dos nomes de uma língua se nela pudermos detectar algumas categorias morfossintáticas inerentes ao nome como gênero, número, grau, caso, definitude, entre outras. Ademais, se essa mesma forma puder funcionar como sujeito ou objeto em uma

²³ Os nomes cujos referentes possuem o traço [CONCRETO] podem ser classificados segundo propriedades como tamanho, forma, manipulação, contabilidade, entre outros (GIVÓN, 1990). Em nosso estudo, porém, não entraremos em detalhes sobre essas propriedades na língua Huariapano.

determinada sentença, então, também será considerada um nome (em oposição a outra classe de palavras como, por exemplo, o verbo).

Na presente seção, deter-nos-emos de forma especial nas categorias morfossintáticas do nome em Huariapano.

3.2.1.1.1. O gênero

Na língua Huariapano, não há a categoria gramatical de gênero. O sexo é marcado por meio de lexemas distintos, como ilustram os exemplos²⁴ em (14: a-d), abaixo:

	Navarro/Parker	Glosa		Navarro/Parker	Glosa
(14)	(a) bueno/bene	‘macho’	<i>versus</i>	auhui;aibo/ainbo	‘fêmea’
	(b) papa/papa	‘pai’	<i>versus</i>	tita;tata/tita	‘mãe’
	(c) juni/bene	‘homem’	<i>versus</i>	aibo/ahuin	‘mulher’
	(d) ahuinza;buene/bene	‘esposo’	<i>versus</i>	aibo;bueneya/ahuin	‘esposa’

Porém, no caso dos nomes de seres não-humanos, ele é diferenciado pelas formas **bueno/bene**, que significam ‘macho’, ao lexema epiceno referente ao ser generalizado em questão, como vemos nos dados em (15: a-b), a seguir:

(15)	Navarro/ Parker	Glosa		Navarro/ Parker	Glosa
(a)	itori- bueno/ bene -ijtori	‘galo’	<i>versus</i>	itori/ ijtori	‘galinha’
(b)	Navarro coso- buene	‘galo da mata’	<i>versus</i>	coso	‘galinha da mata’

²⁴ A forma escrita antes da barra se refere aos dados de Navarro (1903) enquanto a forma posposicionada a ela traz os exemplos extraídos de Parker (1992).

3.2.1.1.2. O número

A categoria de número nos induz a uma subdivisão dos nomes em duas subclasses semânticas também diferenciadas por meio da estrutura morfológica de seus membros: a) a das entidades que são enumeradas como somente uma unidade e b) a daquelas que podem ser contadas como mais de uma unidade.

A distinção entre singular e plural é a manifestação mais comum da categoria número nas línguas do mundo. Na língua Huariapano, o plural dos nomes dessa classe é feito por meio dos sufixos **{-bu ~ -bo}**, como atestam os seguintes dados

Navarro (1903)

- | | | | | | | |
|------|-----|--------|----------|----|-------------------|------------|
| (16) | (a) | bacque | ‘filho’ | => | bacque- bo | ‘filhos’ |
| | (b) | juni | ‘homem’ | => | juni- bu | ‘homens’ |
| | (c) | aibo | ‘mulher’ | => | aibo- bu | ‘mulheres’ |

Parker (1992)

- | | | | | | |
|-----|-------|------------|----|------------------|-------------|
| (d) | piaca | ‘sobrinha’ | => | piaca- bo | ‘sobrinhas’ |
|-----|-------|------------|----|------------------|-------------|

A classe dos nomes de seres não-humanos bem, como a dos inanimados, costuma marcar o número plural, como podemos ver em (17: a-c), abaixo:

Parker (1992)

- | | | | | | | |
|------|-----|--------|-----------|----|-------------------|------------|
| (17) | (a) | šhešhe | ‘semente’ | => | šhešhe- bo | ‘sementes’ |
| | (b) | čašho | ‘veado’ | => | čašho- bo | ‘veados’ |
| | (c) | majšho | ‘raposa’ | => | majšho- bo | ‘raposas’ |

3.2.1.1.3. O grau

Quanto à formação das categorias aumentativo e diminutivo²⁵ na língua Huariapano, os dados revelam-nos que a gradação do nome usa recursos analíticos mediante a justaposição dos termos **yuse** ‘grande’, para o aumentativo e **shoco** ‘pequeno’, para o diminutivo ao nome que vai ser graduado, conforme demonstram os dados (18: a-c) e (18: d-f), respectivamente:

		Navarro	
(18)	(a)	aibo-yuse ²⁶ Mulher-grande	‘mulher grande’
	(b)	juni-yuse Homem-grande	‘homem grande’
	(c)	ináhua-yuse Cachorro-grande	‘cachorro grande’
	(d)	tapin-shoco Casa-pequena	‘casinha’
	(e)	bacque-shoco Filho-pequeno	‘filhinho’
	(f)	beurona-shoco Rapaz-pequeno	‘rapazinho’

²⁵ A formação do diminutivo e do aumentativo tem sido tratada nas análises de línguas naturais como Morfologia Avaliativa. Isso porque ao atribuímos essas categorias a uma determinada classe de palavras, o fazemos com a intenção de diminuir ou aumentar sua significação em termos de tamanho ou, ainda, traduzir juízos de valor em relação ao que está sendo referido. Em outras palavras, além da idéia de gradação, as formas diminutivas e aumentativas podem, às vezes, ser utilizadas para demonstrar desprezo, crítica, admiração, familiaridade, entre outros. Por isso, a Morfologia Avaliativa inclui entre essas categorias o pejorativo. Contudo, até onde pudemos observar, isso não se aplica à língua Huariapano.

²⁶ Quanto à representação gráfica dos exemplos acima em relação à presença do hífen, é exposta tal como aparece nos dados de Navarro (1903).

3.2.1.1.4. O caso

A categoria de caso diz respeito a algumas funções sintático-semânticas que os nomes (ou os sintagmas nominais) podem exercer como elementos de construções sintáticas. Nesse sentido é que, em línguas como a latina e a grega, costuma-se dizer que o caso nominativo está relacionado ao nome quando este tem a função de sujeito da sentença e complemento predicativo em oposição ao caso acusativo, destinado aos nomes em função de objeto direto.

Em uma perspectiva tipológico-funcional, casos como os acima mencionados estão relacionados aos nomes nucleares, ou seja, àqueles que desempenham funções sintáticas encontradas no centro das chamadas sentenças básicas ou independentes²⁷. Em contrapartida, existem casos que estão associados aos nomes oblíquos, assim chamados por desempenharem funções sintáticas encontradas fora do centro (isto é, na periferia) das sentenças básicas.

Considerando tal distinção, a língua Huariapano, em se tratando de nomes nucleares, apresenta os casos ergativo e absoluto. No que concerne aos nomes oblíquos, é possível observar os casos locativo, instrumental, comitativo, genitivo e benefactivo. Em sua breve descrição morfossintática do Huariapano, Navarro (1903) postulou que o sistema de marcação de caso seria o de nominativo/acusativo. Valenzuela (2000b) procurou desfazer o equívoco de Navarro uma vez que, com a exceção dos cinco exemplos mostrados por ele para a sustentação de sua análise, todos os demais dados apontavam para um sistema de caso ergativo-nominativo para a referida língua.

3.2.1.1.4.1. O ergativo e o absoluto²⁸

O caso ergativo está associado ao nome em função de sujeito de verbos transitivos. Por isso, morfologicamente, o nome costuma ser marcado com uma forma que deve ser

²⁷ Uma sentença básica é aquela normalmente constituída por um verbo e, no máximo, dois argumentos: sujeito e objeto. É considerada, ainda, independente de outras sentenças em oposição àquelas que se realizam no que tradicionalmente costumamos chamar períodos compostos.

²⁸ Sobre os casos ergativo e absoluto por ora apresentaremos apenas uma rápida introdução, já que os mesmos serão retomados em mais detalhes no próximo capítulo.

distinta daquela usada para marcar o absolutivo. Isto é, o caso que está relacionado aos nomes em função de sujeito de verbos intransitivos e também de objeto de verbos transitivos.

Na língua Huariapano, o absolutivo é o caso não-marcado, de modo que, na segmentação dos dados, é representado por meio do morfema zero {- ϕ } como demonstram, a seguir, os dados em (19: a-d). Em contrapartida, o caso ergativo é marcado pelo sufixo ergativo {-n} com os alomorfes {-n}, {-ni} e {-nin}, conforme mostram, respectivamente, os dados²⁹ (19: c-f), na seqüência:

(19) Parker (1992)

(a) *inahua- ϕ* *ni-nj-cašh* *ishto-que* *čašho- ϕ*
cachorro-ABS escutar-PROG-SRS(SI) correr-PAS veado-ABS
'Ao escutar o cachorro, o veado correu.'

(b) *Antonio-ra- ϕ* *ca-que*
Antônio-EV-ABS ir-PAS
'Antônio se foi.'

(c) *nojco-n* *pajpa-n-ra* *cajpe- ϕ* *tsaj-ca-que*
1SG-GEN pai-ERG-EV lagarto-ABS ferir-BENF-PAS
'Meu pai feriu o lagarto...'

^{y30}
e *nojco-n* *cojca-n-ra* *rete-que*
1SG-GEN tio-ERG-EV matar-PAS
'e meu tio o matou.'

(d) *inaoco-n-ra* *nato* *ian- ϕ* *shijta-que* ^{y31} *ma-ca-que*
tigre-ERG-EV este lago-ABS atravessar-PAS e ADV-ir-PAS
'O tigre atravessou este lago e já se foi.'

Navarro (1903)

(e) *Dios³²-ni-ra* *tene-ma-nossi-qui* *mi-n* *bacque-bo*
Deus-ERG-EV sofrer-CAUS-FUT-DECL 2SG-GEN filho-PL
'Deus castigará teus filhos.'

²⁹ As traduções deste trabalho procuraram ser fiéis aos originais. Quando houve a necessidade de fazer alguma adaptação nas mesmas foi para melhor expressar o sentido de algum morfema na sua apresentação.

³⁰ Empréstimo do Espanhol.

³¹ Idem 30.

³² Idem 30.

- (f) *Dios-nin-ra* *mia* *castiga*³³-*nossi-qui*
 Deus-ERG-EV 2SG.ACUS castigar-FUT-DECL
 ‘Deus castigará você.’

Em relação à alomorfa observada na marca de ergatividade no nome (núcleo), estamos interpretando que a forma desse sufixo seria: {-n[V]}, em que V poderia ser especificada da seguinte maneira: a) quando o núcleo do sintagma nominal termina em vogal, a língua emprega -n para marcar a ergatividade e b) quando o núcleo desse mesmo sintagma termina em consoante, a marca de ergativo é -ni(n).

Valenzuela (2003: 322), ao tratar do morfema de ergatividade na língua Shipibo-Conibo, afirma que ele apresenta vários alomorfes, dependendo do número de vogais presentes nos radicais nominais e segundo os fonemas finais desses radicais. A autora reconhece um mínimo de três classes morfológicas para dar conta dessa alomorfa: o morfema ergativo {-n} com seus alomorfes -n; -an, -en, -in; -kan, -ten, -tan; -man; -nin.

3.2.1.1.4.2. O locativo

O caso locativo, como o próprio termo indica, diz respeito à função de localização espacial ou temporal exercida por um nome em uma sentença. Quanto ao papel de localização espacial, em Huariapano, o nome pode receber o sufixo: {-no}. Vejamos os dados em (20), abaixo:

(20) Navarro (1903)

- (a) *Jahueta* *mi-n* *bueru-no*
 Qu- 2SG-GEN olho-LOC
 ‘O que tem no teu olho?’

- (b) *Jahuaita* *domingo*³⁴-*bo-ni* *triságio*³⁵-*no* *jui-ma*
 Qu- domingo-PL-PROG triságio- LOC vir-NEG
 ‘Por que não vem no triságio aos domingos?’

³³ Empréstimo do Espanhol.

³⁴ Idem 33.

³⁵ Idem 33.

Parker (1992)

- (c) *jo-men*³⁶ *nojco-n* *pajtašho-no* *šhabinna* *ishto-ma-no*
vir-rápido 1SG-GEN lado-LOC abelha correr-CAUS -LOC
'Vem rapidamente ao meu lado para espantar a abelha.'
- (d) *nojco-n* *coca-ra-ϕ* *manish-no* *a-qui*
1SG-GEN tio-EV-ABS monte-LOC ir-PAS
'Meu tio foi ao monte.'

3.2.1.1.4.3. O instrumental

O caso instrumental está associado ao nome quando este exerce o papel de instrumento em uma determinada sentença. Na língua Huariapano, o instrumental também é marcado pelo sufixo {-n}. O dado seguinte ilustra isso:

- (21) Navarro (1903)
- (a) *risqui-u* *jihui-n*
pegar-IMP pau-INSTR
'Pegue com o pau.'

Acerca do Shipibo-Conibo, por exemplo, Valenzuela (1998a) se refere às funções do morfema {-n} e seus alomorfes. Além do caso ergativo, esse morfema indica referência transitiva, mas que pode ocorrer também para indicar *Genitivo*, *Instrumental*, *Lugar-Direção* e *Temporal*.

3.2.1.1.4.4. O comitativo

O comitativo se refere ao caso de um nome que, em determinada sentença, exerce a função semântica de companhia de outra entidade expressa. Na língua Huariapano, esse

³⁶ Na língua Shipibo-Conibo, *-men* 'rapidamente' é um sufixo verbal comumente encontrado em sentenças imperativas (VALENZUELA, 2003:284). Em Huariapano, usaremos a mesma Glosa do Shipibo.

caso é marcado pelo sufixo {-**buetan** ~ -**betan**}³⁷. O primeiro é ilustrado nos exemplos em (22: a-d), a seguir; o segundo, unido a uma só palavra expressa o significado desse léxico e seu respectivo correlato, conforme mostra o dado em (22: e):

(22) Navarro (1903)

- (a) *Jahuaita ainbo-buetan ja*
 QU- mulher-COM viver
 ‘Por que vive amasiado?’
- (b) *Jahuaita huanu-ya i³⁸-ca-res ainbo-buetan sana-a*
 QU- casado-ADJ AUX-andar-RES mulher-COM ADV-?
 ‘Por que sendo casado anda com outra mulher?’
- (c) *Jahuaita hued(t)za-bo-buetan retea-na-i-n*
 QU- outro-PL-COM lutar-RECP-ASP(INCOMPL) -?
 ‘Por que lutar com os outros?’
- (d) *rama mi-buetan retea-na-i-n*
 agora 2SG.COM lutar-RECP-ASP(INCOMPL) -?
 ‘Agora luto contigo’.
- Parker (1992)
- (e) *ja-bi-ra ea yoi-qui mi-bi ronqui-mi*
 3SG-ENF-EV 1SG.ACUS dizer-PAS 2SG-ENF REP-CONC
- bachina-na-ni-qui min chai-betan*
 discutir-RECP-PROG-PAS 2SG.GEN cunhado-COM
 ‘Ele me disse que você estava discutindo com teu cunhado.’

3.2.1.1.4.5. O genitivo

A partir dos dados observados, conclui-se que o Huariapano não faz distinção entre posse alienável e inalienável. Independente da natureza semântica do ser possuído, o possuidor é marcado pelo caso genitivo. A posse é marcada morfologicamente no pronome

³⁷ Na língua Shipibo-Conibo, o morfema indicativo de companhia também é -betan (VALENZUELA, 2003:247).

³⁸ A língua Shipibo-Conibo possui dois auxiliares: (intransitivo) ik- e (transitivo) ak- (VALENZUELA, 2003:256).

possessivo, através do sufixo {-n}, sendo o núcleo não marcado. De acordo com Loos (1999a: 235), em línguas da família Pano a posse é marcada morfologicamente por sufixação a nomes ou pronomes. Vejamos os dados, a seguir:

(23) Parker (1992)

- (a) *nojco-n* *coca-ra* *manish-no* *ca-que*
 1SG-GEN tio-EV monte-LOC ir-PAS
 ‘Meu tio foi ao monte.’
- (b) *nojco-n* *huata-ra* *tajpi-no* *bane-qui*
 1SG-GEN tia-EV casa-LOC cair-PAS
 ‘Minha tia caiu em casa.’
- (c) *nojco-n* *papa-n* *quena-que*
 1SG-GEN pai-ERG chamar-PAS
 ‘Meu pai chamou.’
- (d) *nojco-n* *papa-n-ra* *e-a* *quena-mai;*
 1SG-GEN pai-ERG-EV 1SG-ABS chamar-CAUS;

ja-copi-ra *e-bi* *ca-i*
 SEQ-CONJ-? 1SG-ENF ir-N.PAS
 ‘Meu pai me chama; por isso eu vou.’
- (e) *ja-bi* *jahue-n* *jashi* *a-que-ca-ma-ronqui...*
 3SG-ENF 3SG-GEN flecha fazer-PAS-BENF-CAUS-REP
 ‘Enquanto ele fazia sua flecha...
- (f) *...jahue-n* *baque-qui* *temin-qui*
 3SG-GEN filho-DECL sufocar-PAS
 ...seu filho sufocou.’

3.2.1.2. O adjetivo

A classe de adjetivos é constituída por palavras que denotam qualidades ou atributos de uma pessoa, um lugar, um animal ou uma coisa referenciada por um nome. Para Schachter (1985), apesar de ela apresentar alguns problemas, não se tem notícia de uma definição de cunho nocional melhor do que essa.

Do ponto de vista funcional, contudo, o adjetivo pode ser definido como a palavra que funciona como modificador de nomes ou como predicativo. Corroborando a afirmação de Loos (1999a) de que as línguas da família Pano estão entre as que apresentam a classe dos adjetivos, reproduzimos, abaixo, o único dado encontrado do Huariapano:

(24) Navarro (1903)

(a) *tapin buena*
 casa ADJ(nova)
 ‘A casa nova.’

Adicionalmente, outro tipo de adjetivo encontrado no material lexical Huariapano foram os adjetivos qualificativos de cores. São eles:

(25) Navarro (1903)	Parker (1992)	Glosa
joshin	jonjshin	‘colorido’
junshin	jonjshin	‘vermelho’
su; pasa	šhama	‘verde’
panshi	panshi; curun	‘amarelo’

3.2.1.3. O verbo

A classe dos verbos, em termos nocionais, é definida como aquela que abarca palavras que denotam ações, processos, estados ou mudança de estado do sujeito. Em termos gramaticais, o verbo é definido como a classe de palavras que inclui categorias principais como pessoa, número, modo, tempo, aspecto e voz.

Em termos sintáticos, na língua Huariapano, o verbo funciona essencialmente como predicado e, de acordo com o número de argumentos que admite, se distingue em intransitivo e transitivo. O verbo é intransitivo se admitir apenas um argumento, conforme ilustrado em (26: a), abaixo. Se admitir mais de um argumento, então, é considerado transitivo como demonstrado em (26: b):

plural, enquanto **-can** evidencia o sujeito indeterminado ou implícito, tal como nos dados, a seguir:

(27) Parker (1992)

- (a) *ja-bo-n-bi-ra* *mari* *bo-i-ni-cain*
 3-PL-NOM-ENF-EV cutia levar-AUX-PROG-PL.EXPL
 ‘Eles/elas estão carregando cutia.’
- (b) *ja-bo-n-bi-ra* *ano* *yomera-i-ni-cain*
 3-PL-NOM-ENF-EV paca caçar-AUX-PROG-PL.EXPL
 ‘Eles/elas estão caçando paca.’
- (c) *no-n* *aponchito* *rete-can-qui*
 1PL-GEN deus matar-PL.IMPL-PAS
 ‘Mataram nosso deus.’
- (d) *ea-ra* *bena-can-qui* *e-bi* *jato* *rao-non-sho*
 1SG(acus)-EV buscar-PL.IMPL-PAS 1SG-ENF 3PL(acus) curar-EXOR-SRS(SI)
 ‘Me buscaram para que eu os curasse.’

Embora não tenhamos evidências maiores disso, nossa interpretação é a de que nesse tipo de construção os morfemas **{-cain}** e **{-can}** têm a função de reafirmar o número plural de sujeitos envolvidos no evento verbal, explícitos ou implícitos, respectivamente.

3.2.1.3.1. O modo

A categoria de modo é aquela que define a posição do falante na relação ação verbal. Geralmente, o falante considera tal acontecimento como consumado, verossímil (um fato incerto), condicionado, desejado pelo agente ou exigido dele, entre outros. Em Huariapano, registramos a ocorrência dos modos: imperativo, interrogativo e declarativo.

3.2.1.3.1.1. O imperativo

O modo imperativo está relacionado com a noção de comando, ou seja, caracteriza a situação em que o falante deixa claro que o acontecimento verbal deve ser assimilado pelo

ouvinte (naturalmente, a segunda pessoa do discurso, cujo número, em Huariapano, é determinado exclusivamente pelo contexto) como uma ordem, vontade, pedido, consentimento, exortação ou conselho. Não constatamos nas formas verbais do Huariapano distinções temporais (presente *versus* futuro) para o modo imperativo, de modo que para expressá-lo em sua forma afirmativa, é usado o morfema **{-u}** ³⁹, como demonstram os dados em (28: a-e), abaixo:

(28) Navarro (1903)

(a) *risqui-u* *jihui-n*
pegar-IMP pau-INST
‘Pega com o pau!’

(b) *rethe-u* *ja* *suya-φ*
matar-IMP DEM rato-ABS
‘Mate este rato.’

(c) *tapin* *madtz-u*
casa varrer-IMP
‘Varra a casa.’

(d) *chiya* *tama-u*
castiçal segurar-IMP
‘Segura o castiçal.’

(e) *ne-no* *yaca-u*
aqui-LOC sentar-IMP
‘Senta aqui.’

Nos dados utilizados nesta pesquisa não encontramos formas imperativas negativas. Todavia, estamos postulando que a construção **{-tzama}**, por apresentar característica semântica de proibição e assemelhando-se a uma espécie de proibitivo, seja a forma empregada no Huariapano para o imperativo negativo, como nos dados a seguir:

³⁹ Nas línguas Shipibo-Conibo e Capanahua, o modo imperativo é marcado pelo morfema **-wi** (LOOS, 1967: 42;193).

(29) Navarro (1903)

- (a) *manan-tzama*
falar-IMP.NEG
'Não fale.'
- (b) *ihi-tzama* *ne-no*
jogar-IMP.NEG aqui-LOC
'Não jogue aqui.'
- (c) *bueno-tzama*
equivocar-IMP.NEG
'Não se equivoque.'
- (d) *iglesia⁴⁰-no* *i-tzama*
igreja-LOC jogar-IMP.NEG
'Não jogue na igreja.'

3.2.1.3.1.2. O interrogativo

O modo interrogativo é aquele por meio do qual se manifesta uma dúvida ou ignorância acerca do acontecimento comunicado e, em conseqüência, um pedido de confirmação ou negação dele ou, ainda, de explicações que sanem tais dúvidas. Eventualmente, nas formas verbais, a partícula {**raman**} indica a categoria modo interrogativo, como vemos nos dados:

(30) Navarro (1903)

- (a) *una-i* *raman* *doctrina⁴¹*
saber-PRES INTERR doutrina
'Sabe a doutrina?'
- (b) *jinso-i* *raman* *ma*
urinar-PAS INTERR ADV
'Já urinou?'

⁴⁰ Empréstimo do Espanhol.

⁴¹ Idem 40.

Conforme nos mostram os dados em (30), as sentenças são do tipo polar, ou seja, aquelas que requerem respostas do tipo “sim” ou “não”. O modo interrogativo apenas figura em sentenças interrogativas desse tipo, pois nas não-polares o caráter interrogativo é dado por formas pronominais como veremos *a posteriori*.

3.2.1.3.1.3. O declarativo

O modo declarativo, como o próprio nome denota, indica que o falante declara uma ação. Para tanto, a língua Huariapano utiliza o sufixo **{-qui}** para marcá-lo e sua ocorrência nos dados se dá com tempo verbal presente e futuro, como ilustram os exemplos seguintes:

(31) Navarro (1903)

(a) *Dios*⁴²-*ni-ra* *tene-ma-nossi-qui* *mi-n* *bacque-bo*
 Deus-ERG-EV sofrer-CAUS-FUT-DECL 2SG-GEN filho-PL
 ‘Deus castigará teus filhos.’

(b) *Dios*⁴³-*nin-ra* *mia* *castiga*⁴⁴-*nossi-qui*
 Deus-ERG-EV 2SG.ACUS castigar-FUT-DECL
 ‘Deus castigará você.’

Parker (1992)

(c) *no-bi-ra-na* *ano* *pi-nošhi-qui* *nato* *huata* *jo-i*
 1PL-ENF-EV-? paca comer-FUT-DECL DEM ano vir-N.PAS
 ‘Nós comeremos paca no ano que virá.’ (MA: daqui a um tempo)

(d) *no-bi-ra-na* *ano* *bena-nošhi-qui* *nato* *huata* *jo-i-tian*
 1PL-ENF-EV-? paca buscar-FUT-DECL DEM ano vir-N.PAS-TEMP
 ‘Nós buscaremos paca no ano que virá.’ (MA: daqui a um tempo)

(e) *de repente*⁴⁵ *iso* *retena-qui*
 de repente macaco-aranha matar-DECL
 ‘De repente mato um macaco-aranha.’

⁴² Empréstimo do Espanhol.

⁴³ Idem 42.

⁴⁴ Idem 42.

⁴⁵ Idem 42.

Navarro (1903)

- (f) *ja-bi -ra* *raun-mis-ma* *i-qui* *unan-yama-i*
3SG-ENF-EV médico-INTENS-NEG AUX-DECL saber-NEG-PRES
- ni*⁴⁶ *quillcan-ti*
CONJ(aditiva) escrever-NMLZ
- ‘Ele/ela não é médico, não sabe nem escrever.’

Os dados Huariapano mostraram a ocorrência do morfema {-**qui**} nos nomes, tal como se apresenta o dado a seguir:

(32) Parker (1992)

- (a) *ja-bi* *jahue-n* *jashi* *a-que-ca-ma-ronqui*
3SG-ENF 2SG-GEN flecha fazer-PAS-BENF-CAUS-REP
- jahue-n* *baque-qui* *temin-qui*
2SG-GEN filho-DECL sufocar-PAS
- ‘Enquanto ele fazia tua flecha, teu filho sufocou.’

3.2.1.3.2. O tempo

A categoria de tempo do verbo caracteriza o fato de que ações, processos, estados ou mudanças de estado configuram acontecimentos representados em um determinado tempo em relação ao momento da enunciação. Em outras palavras, essa categoria é considerada idêntica à relação temporal do acontecimento verbal com o momento em que ele é comunicado pelo falante, ou seja, o momento da enunciação, daí seu caráter dêítico, conforme atestado por Jakobson (1957).

Assim, o tempo presente se identifica com o momento da enunciação ou com a instância da fala, o passado corresponde a um momento anterior a ela e o futuro a um momento posterior. Para tanto, segundo Benveniste (1974 apud FIORIN, 2003) faz-se uma ancoragem do tempo lingüístico no tempo cronológico, isto é, no tempo dos acontecimentos, do calendário.

⁴⁶ Empréstimo do Espanhol.

Em Huariapano, a língua parece distinguir os eventos verbais apenas em realizados e não realizados, ou seja, tipologicamente esse idioma apresenta somente o tempo passado e o não-passado. De fato, como mostraremos posteriormente, um mesmo morfema (a saber, {-i}) é usado para marcar tanto os eventos que estão se processando no exato momento da enunciação quanto àqueles eventos que ainda irão se processar. Isto é, pelo menos nessa situação, a língua não distingue o tempo presente do futuro. Por outro lado, é possível percebermos contextos em que o tempo verbal referido pela língua se assemelha àquele caracterizado como presente propriamente dito. Ademais, há dados em que um sufixo, diferente de {-i}, ou seja, {-nošhi}, indica o tempo futuro em uma situação específica. Assim sendo, embora estejamos considerando a ideia geral de que a língua faz distinção apenas em passado e não-passado, parece-nos razoável fazer uma descrição das três categorias temporais mencionadas anteriormente (ou seja: passado, presente e futuro) nas formas verbais desse idioma, tal como estamos propondo nos itens subseqüentes.

3.2.1.3.2.1. O passado

O tempo passado, em Huariapano, diz respeito a acontecimentos que se deram em três momentos distintos: imediato, recente e longínquo. Todos esses tipos de passado têm como momento de referência presente um “agora”. Desse modo, em relação a esse “agora”, o momento do acontecimento é anterior. A distinção entre os tipos de passado acima mencionados, diz respeito somente à quantidade de tempo decorrido entre o momento da enunciação (ME) e o momento do acontecimento (MA) do evento verbal.

O tempo imediato é expresso pelo sufixo {-i}, como vemos no dado seguinte:

(33) Navarro (1903)

- (a) *jinso-i* *raman* *ma*
 urinar-PAS(imediato) INTERR ADV
 ‘Já urinou?’ (ME: minutos depois do MA).’

- (b) *e-bi-ra* *manan-yama-i-ni* *jahue*
 1SG-ENF-EV falar-NEG-PAS(imediato)-PROG nada
 ‘Eu não estava falando nada.’

O tempo passado recente se refere a um, dois ou até três dias anteriores ao momento da enunciação. Esse tempo é caracterizado pelo sufixo **{-que ~ -qui}**, conforme evidenciam os exemplos abaixo:

(34) Parker (1992)

- (a) *no-bi-ra-na* *bayquish* *mari* *bo-que*
 1PL-ENF-EV-? não-hoje cutia levar-PAS(recente)
 ‘Nós levamos cutia ontem.’ (ME: um dia depois do MA).’

- (b) *e-bi-ra* *bayquish* *ano* *yome-ra-qui*
 1SG-ENF-EV não-hoje paca buscar-EV-PAS(recente)
 ‘Eu busquei paca ontem.’ (ME: um dia depois do MA).’

Se o acontecimento tiver ocorrido em um tempo passado longínquo desde que sejam semanas, meses ou poucos anos antes do momento da enunciação, a língua utiliza o sufixo **{-cati}** no verbo principal. Juntamente a isto, tem-se ainda na frase, o item lexical ‘huinoque~huinoqui’ que significa “que tem passado”, e às vezes, agregado a ele ou à ‘huata’ “ano”, temos o sufixo **{-tian}**⁴⁷, que indica temporalidade, como vemos nos exemplos, abaixo:

(35) Parker (1992)

- (a) *e-bi-ra* *huata* *huinoque* *ano* *pij-cati*
 1SG-ENF-EV ano que tem passado paca comer-PAS(longínquo)
 ‘Eu comi paca no ano passado.’ (ME: alguns meses após o MA)

- (b) *ja-bo-n-bi-ra* *bena-cati-cain* *ano* *huata* *huinoqui-tian*
 3-PL-NOM-ENF-EV buscar-PAS(longínquo)-PL.EXP paca ano que tem passado-TEMP
 ‘Eles/elas buscaram paca no ano passado.’ (ME: alguns meses após o MA)

⁴⁷ Na língua Shipibo-Conibo, o morfema **{-kati}** está relacionado com o tempo passado distante, de muitos anos atrás; já o morfema **{-tian}** está relacionado com temporalidade (VALENZUELA, 2003: 288; 534).

- (c) *no-bi-ra-na* *bena-cati* *ano* *huata-tian*
 1PL-ENF-EV-? buscar- PAS(longínquo) paca ano-TEMP
 ‘Nós buscamos paca no ano passado.’ (ME: alguns meses depois do MA)

3.2.1.3.2.2. O presente

De acordo com Fiorin (2003), o tempo presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. No presente deve ocorrer uma tríplice coincidência: entre os dois momentos já referidos e ainda o momento da enunciação (ou da instância da fala).

Ainda segundo Fiorin (op. cit.), há três casos de relações entre o momento da enunciação e o da referência: a) o presente pontual, caracterizado pela coincidência total entre o momento da enunciação e o de referência; b) o presente durativo que se caracteriza pelo fato de o momento de referência ser mais longo do que o da enunciação (embora em algum momento sejam simultâneos); c) o presente omnitemporal ou gnômico que tem como característica o fato de o momento de referência ser ilimitado e, por conseqüência, também o ser o momento do acontecimento. Nesta seção, faremos apenas suposições quanto ao ME (momento de enunciação) e ao MA (momento de acontecimento).

(36) Parker (1992)

- (a) *nenjque-no* *ca-sʰ-ra* *animal*⁴⁸ *mera-i*
 longe-LOC ir -SRS-EV animal achar-PRES
 ‘Indo longe, se acham animais.’ (ME: simultâneo ao MA)

- (b) *yomera-i-ra-ca-i*
 caçar-PRES-EV-ir-N.PAS
 ‘ Vou caçar.’ (ME: simultâneo ao MA).’

Navarro (1903)

- (c) *jahuaita* *rosario*⁴⁹-no *ju-i-ma*
 Qu- rosário-LOC vir-PRES-NEG
 ‘Por que não vem ao rosário?’

⁴⁸ Empréstimo do Espanhol.

⁴⁹ Idem 48.

Em Huariapano, o verbo auxiliar ‘**i**’ indica que o evento verbal ocorre em um ponto preciso no tempo e coincide com o momento da enunciação (caracterizando o presente pontual) bem como indica que o evento verbal tem uma duração superior ao momento da enunciação, embora com ele coincida em algum momento (caracterizando o presente durativo). Para tanto, o sufixo **-ni**, que é marca de progressividade na língua, estará presente no sintagma. Em (37: a-b) temos os exemplos do presente pontual e em (37: c-d), os exemplos de presente durativo:

(37) Parker (1992)

- (a) *e-bi-ra* *ano* *yomera-i-ni*
 1SG-ENF-EV paca caçar-AUX.PRES(pontual)-PROG
 ‘Eu estou caçando paca.’ (ME: simultâneo ao MA)
- (b) *e-bi-ra* *ano* *pi-i-ni*
 1SG-ENF-EV paca comer-AUX.PRES(pontual)-PROG
 ‘Eu estou comendo paca.’ (ME: simultâneo ao MA)
- (c) *e-bi-ra* *ca-i-ni*
 1SG-ENF-EV ir-AUX.PRES(durativo)-PROG
 ‘Eu estou indo.’
- (d) *no-bi-ra-na* *ransa-i-ni*
 1PL-ENF-EV-? dançar⁵⁰-AUX.PRES(durativo)-PROG
 ‘Nós estamos dançando.’ (agora e enquanto a festa durar)

3.2.1.3.2.3. O futuro

Como dito anteriormente, o tempo futuro marca uma posterioridade do momento do acontecimento em relação ao momento da enunciação. Em Huariapano, quando há previsão ou suposição de que o evento verbal ocorra imediatamente, algumas horas ou um dia após o momento de referência presente, a língua utiliza o sufixo **{-i}**. Este, conforme já

⁵⁰ Empréstimo do Espanhol.

andiantamos, coincide com o sufixo utilizado para marcar o tempo presente, de modo que, em contextos como os exemplificados abaixo, é interpretado como marca de não-passado:

(38) Parker (1992)

- (a) *nojco-n* *papa-n* *quena-que* *e-bi-ra* *ca-i*
 1SG-GEN pai-ERG chamar-PAS 1SG-ENF-EV ir-N.PAS
 ‘Como meu pai me chamou, eu vou.’ (MA: posterior ao ME)
- (b) *e-bi-ra* *bajquish* *ano* *pi-i*
 1SG-ENF-EV não-hoje paca comer-N.PAS
 ‘Eu comerei paca amanhã.’ (MA: no dia seguinte)

Contudo, se a realização do evento verbal for a partir de vários meses ou um ano posterior ao momento da enunciação, o sufixo utilizado para marcar o futuro ou o não-passado é {-**nošhi**; **nossi**}, como nos dados, abaixo:

(39) Parker (1992)

- (a) *ja-bi-ra* *huata-tian* *ano* *pi-nošhi-qui*
 3SG-ENF-EV ano- TEMP paca comer-FUT-DECL
 ‘Ele/ela comerá paca no próximo ano.’ (MA: daqui a alguns meses)
- (b) *no-bi-ra-na* *ano* *pi-nošhi-qui* *nato* *huata* *jo-i*
 1PL-ENF-EV-? paca comer-FUT-DECL DEM ano vir-N.PAS
 ‘Nós comeremos paca no ano que virá.’ (MA: daqui a um tempo)
- (c) *no-bi-ra-na* *ano* *bena-nošhi-qui* *nato* *huata* *jo-i-tian*
 1PL-ENF-EV-? paca buscar-FUT-DECL DEM ano vir-N.PAS-TEMP
 ‘Nós buscaremos paca no ano que virá.’ (MA: daqui a um tempo)
- (d) *ja-bo-n-bi-ra* *yomera-nošhij-cain* *ano* *nato* *huata* *jo-i-ni*
 3-PL-NOM-ENF-EV caçar-FUT-PL.EXPL paca DEM ano vir-N.PAS-PROG
 ‘Eles/elas caçarão paca no ano que virá.’ (MA: daqui a uns meses)

Nos dados de Navarro (1903), encontramos poucas frases no tempo verbal futuro. A maioria delas apresenta a estrutura mórfica: V-FUT-DECL. Dentre elas, reproduzimos algumas, abaixo:

- (e) *Dios*⁵¹-*ni-ra* *tene* *ma-nossi-qui* *mi-n* *bacque-bo*
 Deus-ERG-EV sofrer CAUS-FUT-DECL 2SG-GEN filho-PL
 ‘Deus castigará seus filhos.’
- (f) *Dios*⁵²-*nin-ra mia* *castiga*⁵³-*nossi-qui*
 Deus-ERG-EV 2SG.ACUS castigar-FUT-DECL
 ‘Deus castigará você.’
- (c) *ju-i-ma-ra-nossi-qui*
 vir-N.PAS-NEG-EV-FUT-DECL
 ‘Não voltará mais.’
- (d) *sana-ma-ra-n* *i-nossi-qui*
 mal-NEG-EV-? AUX-FUT-DECL
 ‘Será bom.’

Em virtude da diferença estabelecida na noção de tempo pela língua, poderíamos dizer, então, que o sufixo **{-i}** projeta a referência temporal para um ponto mais imediato (equivalente ao período de até o próximo “raiar da luz do sol”), enquanto **{-nossi ~ -nošhi }** a remete para um ponto mais distante (desde que seja após vários “raiares do sol”).

Tomando-se, então, o momento da enunciação ou fala como ponto de referência para eventos verbais, podemos sumarizar o sistema de sufixos verbais temporais relativos ao tempo em Huariapano, conforme o seguinte esquema:

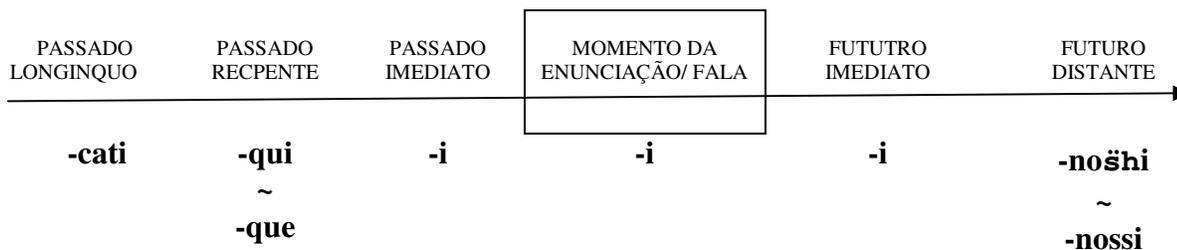


Figura 1: Sistema de sufixos verbais temporais do Huariapano.

⁵¹ Empréstimo do Espanhol.

⁵² Idem 51.

⁵³ Idem 51.

Ainda em relação ao tempo futuro, a língua também costuma indicar que determinado evento verbal deverá ser realizado utilizando expressões perifrásticas compostas pelo verbo principal e o verbo **ca** ‘ir’ no tempo não-passado (indicado pelo sufixo {-i}) em uma espécie de incorporação, tal como vemos nos seguintes exemplos:

(40) Parker (1992)

- (a) *e-bi-ra* *bajquish* *ano* *yomera-i-ca-i*
 1SG-ENF-ERG não-hoje paca caçar-ASP(INCOMPL)- ir-N.PAS
 ‘Eu irei caçar paca amanhã.’ (ME: antes do MA)
- (b) *ja-bo-n-bi-ra* *bajquish* *ano* *bena-i-ca-i*
 3-PL-NOM-ENF-EV não-hoje paca buscar-ASP(INCOMPL)- ir-N.PAS
 ‘Eles/elas irão buscar paca amanhã.’ (ME: antes do MA)

3.2.1.3.3. O aspecto

A categoria aspecto também está relacionada com o tempo. No entanto, de modo diferente da categoria analisada no item 3.2.1.3.2., o aspecto diz respeito à caracterização da atividade indicada no evento verbal em relação ao seu “tempo de constituição”, ou seja, sua duração.⁵⁴ Essa caracterização geralmente classifica os acontecimentos verbais em conclusos ou inconclusos. Os primeiros são assim considerados quando são levados até o final, ou seja, quando apresentam um aspecto completo. Os últimos, por sua não conclusão, são considerados de aspecto incompleto.

Até onde pudemos observar na língua Huariapano, o evento verbal pode apresentar-se com diversificados tipos de aspectos. Nesta seção descreveremos os aspectos: pontual (completo) e durativo (incompleto ou continuativo)⁵⁵. A maioria dessas subcategorias de aspecto se apresenta ligada à categoria de tempo.

⁵⁴ Comrie (1976:3) define os aspectos dizendo que estes são as diversas formas de vermos os componentes temporais internos de um evento ou situação.

⁵⁵ Na língua Shipibo-Conibo, o aspecto pontual é marcado com o morfema -ke e o não-completo com -ai (VALENZUELA, 2003:254).

Ao lado de outros sufixos que traduzem informações sobre a categoria de tempo nessa língua, o morfema zero, { ϕ }, também pode estar ligado à categoria de aspecto completo ou pontual, junto de {-**que** ~ -**qui**}, os quais indicam o passado recente imediato, como em (45: a-b), na seqüência:

(41) Parker (1992)

- (a) *no-bi-ra-na bayquish mari bo- ϕ -que*
 IPL-ENF-EV-? não-hoje cutia levar- ASP(COMPL)-PAS(recente)
 ‘Nós levamos cutia ontem.’
- (b) *e-bi-ra bayquish ano yomera- ϕ -qui*
 ISG-ENF-EV não-hoje paca buscar- ASP(COMPL)-PAS(recente)
 ‘Eu busquei paca ontem.’

O sufixo {-**(a)i**}⁵⁶, em Huariapano, atua como aspecto durativo ou incompleto, conforme podemos ver nos dados a seguir:

(42) Navarro (1903)

- (a) *usa-cas-ai*
 dormir-DES-ASP(INCOMPL)
 ‘Quero dormir.’
- (b) *e-bi-ra tanti-cas-ai*
 ISG-ENF-EV descansar-DES- ASP(INCOMPL)
 ‘Eu quero descansar.’
- (c) *Jahuita hued(t)za-bo-buetan retea-na-i-n*
 QU- outro-PL-COM lutar-RECP-ASP(INCOMPL) -?
 ‘Por que lutar com os outros?’
- (d) *rama mi-buetan retea-na-i-n*
 agora 2SG.COM lutar-RECP-ASP(INCOMPL) -?
 ‘Agora luto contigo’.

O aspecto progressivo é indicado na língua Huariapano através do sufixo {-**ni**}, como ilustram os exemplos abaixo:

⁵⁶ Valenzuela descreve o morfema {-ai} como aspecto incompleto na língua Shipibo-Conibo (2003:282).

(43) Parker (1992)

- (a) *no-bi-ra-na* *ano* *pi-i-ni*
1PL-ENF-EV-? paca comerAUX-ASP(PROG)
'Nós estamos comendo paca.'
- (b) *ja-bi-ra* *ano* *bena-i-ni*
3SG-ENF-EV paca buscar-AUX-ASP(PROG)
'Ele/ela está buscando paca.'
- (c) *e-bi-ra* *pi-i-ni* *pairi-ra-i*
1SG-ENF-EV comer-AUX-ASP(PROG) CONJ-?-ASP(INCOMPL)
'Eu estou comendo ainda.'
- (d) *ja-bi-ra* *pi-i-ni* *pairi-ra-i*
3SG-ENF-EV comer-AUX-ASP(PROG) CONJ-?-ASP(INCOMPL)
'Ele/ela está comendo ainda.'

3.2.1.3.4. A negação verbal

De modo geral, a língua expressa a negação verbal via sufixo {-ma}⁵⁷. Vejamos os seguintes exemplos:

(44) Navarro (1903)

- (a) *jahuaita* *rosario*⁵⁸-no *ju-i-ma*
Qu- rosário-LOC vir-PRES-NEG
'Por que não vem ao rosário?'
- (b) *jahuaita* *domingo*⁵⁹-bo-ni *trisagio*⁶⁰-no *ju-i-ma*
Qu- domingo-PL-PROG triságio-LOC vir-PRES-NEG
'Por que não vem ao triságio nos domingos?'

⁵⁷ Veremos na seqüência que a língua conta com um sufixo verbal homófono ao sufixo de negação {-ma}, porém indicando o causativo.

⁵⁸ Empréstimo do Espanhol.

⁵⁹ Idem 58.

⁶⁰ Idem 58.

Outra forma de estabelecer negação no Huariapano é por meio da sufixação da forma **{-yama}**, que aparece afixada apenas a bases verbais, como podemos constatar nos seguintes exemplos:

(45) Navarro (1903)

- (a) *e-bi-ra* *manan-yama-i-ni* *jahue*
 1SG-ENF-EV falar-NEG-PAS-PROG nada
 ‘Eu não estava falando nada.’
- (b) *jahuaita* *min* *bacque-bo* *misa*⁶¹-no *sutu-yama*
 QU- 2SG.GEN filho-PL missa-LOC enviar-NEG
 ‘Por que não envia teus filhos à missa?’

Nos dados de Parker (1992) também encontramos ocorrência desse morfema negativo. Vejamos:

- (c) *nojco-n* *coca-ra* *manish-no* *ca-que* *majoi-jama-qui*
 1SG-GEN tio-EV monte-LOC ir-PAS voltar-NEG-PAS
 ‘Meu tio foi ao monte e não voltou (ainda).’

A forma **{-yama}** pode ser subdividida, se considerarmos que em outros ambientes, a língua recorre ao sufixo **{-ma}** para indicar negação. O problema é então como definir o que de fato a forma **{-ya}**, isolada, pode significar nas construções negativas. Todavia, não há nos dados significado para ela, se é que realmente existe. Sendo assim, interpretamos **{-yama}** como forma variante para marcar o negativo na língua Huariapano.

É preciso ressaltar que essa interpretação não é inédita. Para outras línguas da família Pano, isso também já foi atestado. Loos (1999a: 245) apresenta uma tipologia que engloba as formas **{-yama}** e **{-ma}**, na qual as línguas Pano se dividem em dois grupos distintos. No primeiro deles, em que se incluem os idiomas Shipibo-Conibo, Capanahua, entre outros, o sufixo **{-yama}** é usado em todas as formas verbais finitas ou subordinadas enquanto que em outros casos, a negação é feita por **{-ma}**. Já no segundo grupo, em que

⁶¹Empréstimo do Espanhol.

figuram o Yaminahua e o Sharanahua, {-yama} é usado somente em verbos no futuro ou no tempo e no aspecto incompleto ou, então, no modo imperativo.

3.2.1.3.5. O causativo

Em Huariapano, verificamos um tipo de construção causativa, constituída pelo morfema {-ma}⁶² sufixado ao verbo principal, que é homófono do morfema negativo {-ma}. Na sentença, temos o exemplo (46) abaixo:

Parker (1992)

(46) *nojco-n* *papa-n-ra* *quena-ma-i*
 1SG-GEN pai-ERG-EV chamar-CAUS-PRES

ja-copi-ra *e-bi* *ca-i*
 SEQ-CONJ-? 1SG-ENF ir-N.PAS
 ‘Meu pai me chama; por isso eu irei.’⁶³

O morfema {-ma}, unido a um verbo de ação, expressa levar alguém a fazer o que significa o verbo. Vejamos:

Navarro (1903)

V-PRES	GLOSA	V-CAUS-PRES	GLOSA
huini	‘chorar’	hui-ni-ma-i	‘fazer chorar’
pi-ai	‘comer’	pi-ai-ma-i	‘fazer comer’
pau-hi	‘abraçar’	pau-hi-ma-i	‘fazer abraçar’
usa-i	‘dormir’	usa-ma-i	‘fazer dormir’
iyu-i	‘levar’	iyu-ma-i	‘fazer levar’

Na sentença, tal morfema, juntamente com o verbo ao qual se anexa, desencadeia um outro acontecimento verbal decorrente desse primeiro.

⁶² Na língua Shipibo-Conibo, o morfema marcador de causatividade também é -ma (VALENZUELA, 2003).

⁶³ Tradução do original. Para expressar o sentido de causatividade, uma tradução melhor seria: ‘Meu pai me fez chamar; por isso eu irei.’

3.2.1.4. O advérbio

Em termos nocionais, a classe dos advérbios é definida como aquela que compreende palavras ou expressões que indicam circunstâncias de modo, tempo, lugar, intensidade, entre outras. Do ponto de vista funcional, o advérbio constitui formas comumente relacionadas ao verbo. Contudo, alguns advérbios também podem estabelecer relações com elementos de outras classes de palavras, em geral, o adjetivo ou o próprio advérbio.

Quanto aos tipos de advérbios, estes se distribuem de acordo com a posição espacial ou temporal do falante e, ainda, segundo a maneira como este visualiza o estado das coisas ou dos seres designados nas sentenças. Além disso, as características gramaticais e semânticas dos advérbios podem variar conforme o comportamento dos itens lexicais dos quais eles derivam (Givón, 1990). Assim, configuram subclasses dos advérbios: as formas locativas e temporais (ambas derivadas de formas dêiticas e de demonstrativos), intensificadoras e modalizadoras (originadas em geral dos adjetivos), interrogativas (advindas dos pronomes interrogativos), entre outras.

Em Huariapano, a classe dos advérbios é representada pelos **locativos, temporais, intensificadores e interrogativos**, os quais apresentam mobilidade dentro da sentença. Os três primeiros serão descritos nesta seção, enquanto que o último será tratado na seção “Pronomes”. À medida que dispusermos os dados, faremos a descrição de sua ocorrência através dos exemplos. No caso das palavras lexicais descontextualizadas, apenas fazemos conjecturas que tais formas ocorram como advérbios na língua.

O locativo inclui a forma adverbial **nen(j)que** ‘longe’ e é constituído a partir de sua base + LOC e com ou sem o sufixo de negação **{-ma}**, como nos exemplos:

(47)	Navarro (1903)	Glosa	Parker (1992)
(a)	ochó; nenque-no ADV(LOC=longe)-LOC	‘longe’	‘nenjque’ ADV(LOC=longe)
(b)	_____	‘perto’	‘nenjque-no- ma ’ ADV(LOC=longe)-LOC-NEG (Lit. ‘não longe’)

Outras formas que denotam a posição do falante em relação ao ser ou evento expresso na sentença são os dêiticos demonstrativos: ‘abaixo, baixo’, ‘embaixo’, ‘em cima’, ‘adiante’, ‘atrás’, ‘aqui’, ‘lá’ e ‘ali’, conforme expressam os dados:

	Navarro (1903)	Glosa	Parker (1992)
(48)	(a) chipunqui	‘abaixo’	chijponquira
	(b) chipunquiri	‘embaixo’	chijponqui
	(c) rebo	‘em cima’	réboqui’
	(d) rennite	‘adiante’	renei
	(e) cacho	‘atrás’	cacho
	(f) neno, neri	‘aqui’	nenó
	(g) uque	‘lá’	ori
	(h) jano	‘ali’	jano

(49) Parker (1992)

e-bi **chijpon-qui-ra** *ca-i* *tsatsa* *bena-i*
 1SG-ENF ADV(LOC=abaixo)-DECL-EV ir-ASP(INCOMPL) peixe buscar- ASP(INCOMPL)
 ‘Eu irei (rio) abaixo buscar peixe.’

Já para indicar a posição temporal, o falante também recorre a formas adverbiais demonstrativas, tais como: **bajquish** ‘não-hoje’, **ma** ‘já’ e **yamueshama** ‘madrugada’, tal qual demonstrado pelos seguintes exemplos:

(50) Parker (1992)

(a) *no-bi-ra-na* **bajquish** *mari* *bo-que*
 1PL-ENF-EV-? ADV(TEMP= não-hoje) cutia levar-PAS
 ‘Nós levamos cutia ontem.’

(b) *e-bi-ra* **bajquish** *ano* *pi-i*
 1SG-ENF-EV ADV(TEMP= não-hoje) paca comer-N.PAS
 ‘Eu comerei paca amanhã’.

Navarro (1903)

- (c) *jinso-i-ñ* *raman* *ma*
 urinar-PAS-? INTERR ADV (TEMP = já)
 ‘Já urinou?’
- (d) *ma-i-ra* *una* *liccion*⁶⁴
 ADV(TEMP=já)-ASP(INCOMPL)-EV conhecer lição
 ‘Já conhece a lição.’
- (e) *ma-ra* *bari* *ji-qui-toshi*
 ADV(TEMP=já)-EV sol entrar-PAS-repentino
 ‘O sol já entrou.’
- (f) *baquish* *yamueshaman* *ju-ta-u*
 ADV(TEMP= não-hoje) ADV(TEMP=madrugada) vir-POL-IMP
 ‘Amanhã venha de madrugada, por favor.’

Para indicar advérbio de tempo, a construção é feita com: **tibi** ‘sempre’; **rama** ‘agora’; **tibihuata** ‘cada ano’ como nos seguintes exemplos:

(51) Navarro (1903)

- (a) *jahuaita* *confesa*⁶⁵-i *ju-i-ma* *ja-tibi*
 QU- confessar-PRES vir-PRES-NEG SEQ-ADV (TEMP=sempre)
 ‘Por que não vem se confessar sempre?’
- (b) *rama* *mi-buetan* *rete-na-i-n*
 ADV(TEMP=agora) 2SG-COM lutar-RECP-PRES-?
 ‘Agora luto contigo.’
- (c) *jahuaita* *confesa-i* *ju-i-ma* *ja-tibihuata-tian*
 QU- confessar-PRES vir-PRES-NEG SEQ-ADV(TEMP=cada ano)-TEMP
 ‘Por que não vem se confessar a cada ano?’

(d) Parker (1992)

- bajquish-ca-šh* *mahui* *jonjshi-no* *rama* *pairi-ra* *jo-i-ni*
 não-hoje-ir-SRS(SI) terra roxo-LOC ADV(TEMP=agora) CONJ-? vir-PRES-PROG
 ‘Ontem fui à Pucallpa, agora estou chegando (de lá).’

⁶⁴ Empréstimo do Espanhol.

⁶⁵ Idem 64.

Por sua vez, o advérbio de modo encontrado é: **vayan** ‘rápido/depressa’, como em (52: a-b), abaixo:

(52) Navarro (1903)

(a) *ca-ta-u* *yu-i* **vayan** *ju-tan*
 ir-POL-IMP avisar-PRES ADV(MODO =depressa) vir-voltar/regressar
 ‘Vá, avisa-o e volta depressa, por favor.’

(b) *ishto* *ju-ma-u* **vayan**
 Correr vir-CAUS-IMP ADV (MODO= rápido)
 ‘Corre, venha rápido.’⁶⁶

Para a negação de advérbios de modo há uma única ocorrência encontrada nos dados. Como vemos em (53: a), ela pode ser feita através do sufixo {-ma}, que indica negação. Em (53: b-c) temos ocorrências do advérbio ‘mal’. Vejamos:

(53) Navarro (1903)

(a) **sana-ma-ma**
 mal-NEG-NEG
 ‘Não mal.’

(b) *jahuaita* **sana-bo** *manan*
 QU- ADV(MODO=mal)-PL falar
 ‘Por que falar maldades?’

(c) *jahuaita* **sana-ja**
 QU- ADV(MODO=mal)-viver
 ‘Por que viver mal?’

Ainda, na língua em questão, aventamos que as formas apresentadas desprovidas de contexto sejam tratadas como adverbiais de tempo, como vemos em (54), a seguir:

⁶⁶ Tradução para indicar causatividade: ‘Corre, faz vir rápido.’

(54) Navarro (1903)

Huariapano	Glosa	Huariapano	Glosa
rama-bi		tibi	
agora-ENF	‘agora mesmo’	sempre	‘sempre’
rama-ma		samas bari	
agora-NEG	‘antes’	sol	‘ao meio-dia’
rama-nete		tibi nete	
agora-dia	‘hoje em dia’	sempre dia	‘todos os dias’
baquish-nete		yamue shaman	
ontem-dia	‘ontem’	noite	‘de madrugada’
baquish-cacho		nete-butian	
ontem-atrás	‘anteontem’	dia-?	‘cada dia’
ma-tian		yamue-bi-nete-n-bi	
-TEMP	‘tempo atrás’	noite-ENF-dia-?-ENF	‘de noite e de dia’
nato-ose		samma	
este-mês(lunação)	‘este mês’	muito tempo	‘muito tempo’
yama-re		samma nosso	
PROIB-RES	‘ainda não’	desde muito tempo	‘desde muito tempo’
ma-tian cama		abatran	
-TEMP	‘até quando’	ainda (não)	‘ainda (não)’
ma-tian-nete		yamue	
-TEMP-dia	‘outro dia’	noite	‘à noite’
nato nete		yantan	
este dia	‘este dia’	tarde	‘à tarde’
nato-yamue		tibi-huata-tian	
esta-noite	‘esta noite’	cada-ano-TEMP	‘cada ano’

Para os advérbios de modo descontextualizados, temos os exemplos seguintes em (55), abaixo:

(55) Navarro (1903)

Huariapano	Glosa	Huariapano	Glosa
incoinres	‘de veras’	janchasonres	‘falsamente’
sanamama	‘maldosamente’	juneres	‘às escondidas’
sina	‘cruelmente’	juni quesca	‘varonilmente’
sanamares	‘bondosamente’	yatananash cushitan	‘a porfia’
iconraque	‘certamente’	cushi quesca	‘fortemente’

Para finalizar essa descrição dos advérbios em Huariapano, chamamos atenção para as formas **ma** e **jashpan** que indicam, respectivamente, circunstâncias de ‘negação’ e de ‘afirmação’. Estas, como em grande parte das línguas do mundo, apenas retomam em forma de respostas polares os enunciados expressos na sentença ou previstos pelo discurso, como vemos nos dados seguintes:

(56) Navarro (1903)

(a) *una-i* *raman* *doctrina*⁶⁷
conhecer-PRES INTERR doutrina
‘Conhece a doutrina?’

(1) **jashpan**
‘sim (resposta afirmativa)’

(2) **ma**
‘não (resposta negativa)’

Portanto, como tais formas adverbiais podem ocorrer na língua como substitutas de sentenças, elas constituem pró-formas, ou melhor, pró-sentenças.

3.2.2. As classes fechadas

A análise do *corpus* Huariapano de que dispomos nos levou a identificar as seguintes classes fechadas de palavras: a) os pronomes, b) as formas interrogativas, c) os numerais, d) as conjunções, e) as interjeições e f) os ideofones nominais, sobre as quais passaremos a discorrer nos itens subseqüentes.

3.2.2.1. Os pronomes

A classe dos pronomes é aquela que, diferentemente da classe de nomes, contém palavras que não exercem a função de nomear pessoas, animais e coisas, mas sim de

⁶⁷ Empréstimo do Espanhol.

substituí-los em um contexto lingüístico. Segundo Schachter (1985), o pronome é o tipo mais comum de pró-forma, já que é usado como um substituto de um sintagma nominal.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível encontrar vários subtipos de pronomes nas línguas: os reflexivos, os recíprocos, os demonstrativos, os indefinidos e os relativos. Em Huariapano, dado à limitação dos dados, a classe dos pronomes é representada por duas categorias: a dos pessoais e a dos demonstrativos.

3.2.2.1.1. Os pessoais

Na análise dos pronomes pessoais, os lingüistas costumam levar em conta a noção de dêixis, já que para muitos estudiosos esse tipo de pronome seria classificado como elemento dêítico. De acordo com Anderson & Keenan (1985), expressões dêíticas são elementos lingüísticos, cuja interpretação em sentenças simples se dá essencialmente através de referências ao contexto extralingüístico. Como as pessoas do discurso somente podem ser definidas pelo contexto extralingüístico, então, os pronomes pessoais podem mesmo ser considerados dêíticos.

Ainda segundo Anderson & Keenan (1985), os dêíticos pessoais básicos são expressões que necessariamente se referem ao(s) falante(s) e ao(s) ouvinte(s) (1ª e 2ª pessoas do discurso) da sentença em que eles ocorrem⁶⁸. Em Huariapano, os pronomes pessoais se classificam em primeira, segunda e terceira pessoas, como se vê nas tabelas V e VI, a seguir:

Singular			Plural		
1ª	e-bi	(1SG-ENF)	1ª	nu-bu-n-bi	(1-PL-NOM-ENF)
2ª	mi-bi	(2SG-ENF)	2ª	mi-bu-n-bi	(2-PL-NOM-ENF)
3ª	ja-bi	(3SG-ENF)	3ª	ja-bu-n-bi	(3-PL-NOM-ENF)

Tabela IV: Sistema Pronominal da língua Huariapano. Fonte: Navarro (1903).

⁶⁸ Benveniste (1991:278), também afirma que os pronomes de 1ªs e 2ªs pessoas são palavras indicativas de pessoa, enquanto o pronome de 3ª pessoa é tido como um substituto de um segmento enunciado.

Singular			Plural		
1 ^a	e-bi	(1SG-ENF)	1 ^a	no-bi-ra-na	(1PL-ENF-EV-?)
	e-a	(1SG-ACUS)	2 ^a	mi-bo-n-bi	(2 – PL-NOM-ENF)
2 ^a	mi-bi	(2SG-ENF)		mi-to	(2PL-DAT)
	mi-a	(2SG-ACUS)	3 ^a	ja-bo-n-bi-ra	(3-PL-NOM-ENF-EV)
3 ^a	ja-bi	(3SG-ENF)		jato	(3PL)

Tabela V: Sistema Pronominal da língua Huariapano. Fonte: Parker (1992).

De modo geral, os pronomes pessoais podem conter informações diversas sobre os elementos por eles referenciados, tais como: gênero, número, *status* social, estabelecimento de relações (formais *versus* informais) existentes entre os participantes do discurso, entre outras. Em Huariapano, não são verificadas distinções morfológicas para marcar gênero, mas, como parece ser comum em todas as línguas do mundo, as formas pronominais se distinguem visando estabelecer diferenças dentro da categoria número, como constatamos nos exemplos, a seguir:

Parker (1992)

- (57.a) *e-bi-ra* *pi-i-ni* *pairi-ra-i*
1SG-ENF-EV comer-AUX-PROG CONJ-?-ASP(INCOMPL)
‘Eu estou comendo ainda.’
- (57.b) *no-bi-ra-na* *ano* *pi-i-ni*
1PL-ENF -EV -? paca comer-AUX-PROG
‘Nós estamos comendo paca.’
- (58.c) *ja-bi-ra* *pi-i-ni* *pairi-ra-i*
3SG-ENF-EV comer-AUX-PROG CONJ-?-ASP(INCOMPL)
‘Ele/ela está comendo ainda.’
- (58.d) *ja-bo-n-bi-ra* *ano* *pi-ni-cain*
3-PL-NOM-ENF-EV paca comer-PROG-.PL..EXP
‘Eles/elas estão comendo paca.’

Nos exemplos em (57: a) e (58: c), o número relativo aos pronomes de 1ª e 3ª pessoa é o singular. Em contrapartida, os dados em (57: b) e (58.d) nos remetem ao plural das respectivas formas pronominais.

Conforme descrito na seção **3.2.1.1.4.1.**, a língua Huariapano apresenta o sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo na morfologia nominal, ou seja, nomes em função de sujeito de verbo transitivo (A) levam uma marca diferente daqueles nomes que funcionam como sujeito de verbo intransitivo (S) ou objeto (O) ⁶⁹. Loos (1999:241) afirma que algumas línguas Pano “have a split system, with nouns having S and O marked in the same way (absolutive case) and A differently (ergative), but pronouns having S and A marked in the same way (nominative case) and O differently (accusative)”. Isso, porém, não é o que ocorre com os pronomes pessoais, em cujo universo observamos outro tipo de sistema de marcação de caso: nominativo/acusativo. De fato, não há distinção formal entre as formas pronominais que exercem a função de sujeito (S ou A) da sentença verbal, como podemos conferir nos seguintes dados:

(59) Parker (1992)

- (a) *e-bi-ra* *ransa-i-ni*
 1SG(NOM)-ENF-EV dançar-AUX-PROG
 ‘Eu estou dançando.’
- (b) *e-bi-ra* *nojco-n* *tepiti* *pajtsa-i-ni*
 1SG(NOM) ENF-EV 1SG-GEN almofada lavar-AUX-PROG
 ‘Eu estou lavando minha almofada.’
- (c) *no-bi-ra-na* *ca-i-ni*
 1PL(NOM)- ENF-EV-? ir-AUX-PROG
 ‘Nós estamos indo.’
- (d) *no-bi-ra-na* *bajquish* *ca-i*
 1PL(NOM)-ENF-EV-? ADV ir-N.PAS
 ‘Nós iremos amanhã.’

⁶⁹ Segundo as convenções de Dixon (1979; 1994:9).

Por outro lado, há distinção entre as formas pronominais na função de **S** ou **A** e aquelas que exercem o papel de **O**. Isso é o que caracteriza o quadro dos pronomes pessoais como marcado pelo sistema nominativo/acusativo, como vemos nos exemplos:

(60) Parker (1992)

- (a) *ja-bi-ra* *e-a* *yoi-qui* *mi-bi* *ronqui-mi*
 3SG(NOM)-ENF-EV 1SG-ACUS dizer-PAS 2SG(NOM)-ENF REP-CON
- bachi-na-na-ni-qui* *mi-n* *chai-betan*
 discutir-RECP-RECP-PROG-PAS 2SG-GEN cunhado-COM
 ‘Ele me disse que você estava discutindo com teu cunhado.’
- (b) *mi-bi* *i-copi* *tequi-rama* *mi-a-pagarai*⁷⁰
 2SG(NOM)-ENF 1SG-CONJ trabalhar-ADV 2SG-ACUS-pagar
 ‘Você trabalha para mim, te pago.’
- (c) *inaco-n-ra* *de verasmente*⁷¹ *noco* *rate-i*
 tigre-ERG-EV de verdade 1PL assustar-PRES
 ‘O tigre nos assusta de verdade.’
- (d) *no-bi-ra-na* *ano* *pi-i-ni*
 1PL(NOM)-ENF-EV-? paca comer-AUX-PROG
 ‘Nós estamos comendo paca.’
- (e) *e-bi-ra* *mito* *yoya-i*
 1SG(NOM)-ENF-EV 2PL dizer/contar-PRES
 ‘Eu digo/conto a vocês.’
- (f) *ja-bo-n-bi-ra* *ano* *pi-ni-cain*
 3-PL-NOM-ENF-EV paca comer-PROG-.PL.EXPL
 ‘Eles/elas estão comendo paca.’
- (g) *e-a-ra* *bena-can-qui* *e-bi* *jato* *rao-non-šho*
 1SG-ACUS-EV buscar-PL.IMPL-PAS 1SG-ENF 3PL curar-EXOR-SRS(SI)
 ‘Me buscaram (eles) para eu curar a eles’

Ainda, sobre os pronomes pessoais, duas particularidades podem ser observadas. Primeiramente, trata-se da omissão da 1ª pessoa do singular em posição de sujeito. Isso

⁷⁰Empréstimo do Espanhol.

⁷¹Idem 70.

(b) *no-n* *aponchito* *rete-can-qui*
 1PL-GEN deus matar-PL.IMPL-PAS
 ‘Mataram o nosso deus.’

(c) *ja-bo-n-bi-ra* *bajquish* *pajtsa-cain* *jajto-n* *tepeti*
 3-PL-NOM-ENF-EV ADV lavar-PL.EXP 3SG-GEN almofada
 ‘Eles lavarão sua almofada amanhã.’

Para finalizarmos a descrição dos marcadores pronominais da língua, passemos agora para a análise dos pronomes demonstrativos em Huariapano.

3.2.2.1.2. Os demonstrativos

Assim como ocorre na análise dos pronomes pessoais, também no tratamento dos pronomes demonstrativos, devemos ter em mente a noção de dêixis. Como afirmam Anderson & Keenan (1985), os elementos lingüísticos mais comumente citados como dêiticos são aqueles que designam localização espacial relacionada ao evento da fala.

Segundo esses autores, todas as línguas do mundo sinalizam localizações tomando como ponto de referência o falante. Porém, também é possível determinar localizações tendo como ponto de partida o ouvinte e, ainda, tomando os dois participantes do discurso como possibilidades.

Na língua Huariapano, existem apenas duas formas demonstrativas: **nato** e **hua**, para os dados de Navarro e, igualmente, **nato** e **hua**, para os dados de Parker. A forma *nato* parece indicar maior proximidade entre o falante e aquilo a que ele se refere. Em Português padrão seria o equivalente ao demonstrativo “este/esta”, como ilustrado em:

(65) Navarro (1903)

(a) **nato** **juni**
 DEM homem
 ‘Este homem.’

- (b) **nato** nonti
DEM canoa
'Esta canoa.'

Já a forma *hua* parece ser empregada para demonstrar o que está mais distante do falante e mais próximo do ouvinte; em Português esse pronome seria traduzido por “esse/essa”, como podemos ver nos exemplos seguintes:

(66) Navarro (1903)

- (a) **hua** bacque
DEM menino
'Esse menino.'

- (b) **hua** tapin
DEM casa
'Essa casa.'

Da análise dos exemplos, estamos supondo que os demonstrativos são formas gramaticais livres dentro do sintagma nominal.

3.2.2.2. As formas interrogativas

Em Huariapano, as classes fechadas de palavras incluem ainda as formas interrogativas. Tradicionalmente, essas formas são também chamadas de pronomes interrogativos, já que como pró-formas podem corresponder ao equivalente de algum termo ou expressão lingüística. Assim, os interrogativos exercem papel de argumentos nucleares ou advérbios, como na Tabela VI, a seguir:

Parker (1992)	Navarro (1903)	TRADUÇÃO	FUNÇÃO
tso-n(-GEN)	tso-n (-GEN)	De quem? Quem?	ARGUMENTO
	jahueta/jarato	(O)Que?;Qual?	ARGUMENTO
jahueti	jahuete	Quanto?;Quantos?	ARGUMENTO
	jahuaita	Por quê?	ADVERBIAL
	jahue/jarato	Como?	ADVERBIAL
	jaran	(De)Onde?	ADVERBIAL
jahue ora		Quando?	ADVERBIAL

Tabela VI: Formas interrogativas da língua Huariapano.

Assim, na função de argumento, as formas interrogativas se apresentam sempre em posição inicial da sentença e são empregadas, como o próprio nome indica, para obter do questionado a identidade do argumento verbal na função de sujeito e objeto. Nos dados abaixo, podemos ver alguns exemplos disso:

(67) Navarro (1903)

- (a) *tson* *tapin nato-i*
 INTERR (quem) casa DEM (esta) –AUX
 ‘De quem é esta casa?’
- (b) *jahueta-* *pi*
 INTERR(o que) comer
 ‘O que comer?’
- (c) *jarato* *mi-bi* *que-i-ñ*
 INTERR (qual) 2SG-ENF querer-PRES-?
 ‘Qual você quer?’
- (d) *jahueta* *sea*
 INTERR(o que) beber
 ‘O que beber?’

As formas interrogativas podem ser usadas a fim de interrogar ou pedir algum tipo de informação (como sua quantidade, por exemplo) sobre os argumentos dos verbos, como vemos nos dados seguintes:

(68) Navarro (1903)

(a) *jahueta* *a*
INTERR (o que) fazer
'O que faz?'

(c) *jahuete* *huata* *ya-ta-i*
INTERR(quantos) ano ter-POL-PRES
'Quantos anos tem, por favor? '

Também, na função **adverbial**, as formas interrogativas se posicionam no início da sentença. Esses tipos de interrogativos são usados para obter informações sobre circunstâncias verbais, entre outras. Na seqüência, apresentamos dados que exemplificam algumas dessas circunstâncias:

(69) Navarro (1903)

(a) *jahuaita* *jancha-ni-ñ*
INTERR (por quê) mentir-PROG-?
'Por que mentir?'

(b) *jahuaita* *june-i*
INTERR (por quê) esconder-PRES
'Por que esconder?'

(c) *jahue* *janeta-i*
INTERR (como) chamar-PRES
'Como chamar?'

(d) *jahue* *janeta-u* *mi-n* *tita*
INTERR (como) chamar-IMP 2SG-GEN mãe
'Como chama sua mãe?'

(e) *jarato* *mi-bi* *que-i-ñ*
INTERR (como) 2SG -ENF querer-PRES- ?
'Como você quer?'

3.2.2.2. Os numerais

Em consonância com a de muitas outras etnias, a língua Huariapano não conta com uma vasta classe de numerais para contar qualquer quantidade. Assim, os números encontrados no material de Navarro (1903) foram:

(70)

NUM	GLOSA	NUM	GLOSA
1. 'jachupi'	um	6. 'mueque-mapuani'	seis
2. 'rabue'	dois	7. 'mueque-mapuanipatas'	sete
3. 'quimsa'	três	8. 'apatas'	oito
4. 'rabue-rabue'	quatro	9. ---	nove
5. 'pichsca; nomequenti'	cinco	10. 'muebeziqieiqui'	dez

Nos dados de Parker (1992), o sistema numérico do Huariapano apresenta diferenças em relação ao reproduzido acima. Ele também se compõe de números que vão de 1 a 10, como pode ser observado abaixo:

(71)

NUM	GLOSA	NUM	GLOSA
1. 'jachopi'	um	6. 'socta'	seis
2. 'rabe'	dois	7. 'canchis'	sete
3. 'quimsa'	três	8. 'posac'	oito
4. 'chosco'	quatro	9. 'iscon'	nove
5. 'picha'	cinco	10. 'chonga'	dez

Entretanto, ao traçarmos um paralelo dos numerais encontrados no material de Navarro e no de Parker com o sistema numérico da língua indígena peruana Quechua, notamos que as formas 3 e de 5 a 10 são grafadas de forma idêntica a esta língua. Com isso, acreditamos que os numerais acima de três, trata-se de empréstimos desta língua.

Nesse sentido, podemos dizer que o sistema de contagem do Huariapano é de base dois. Assim, os numerais correspondentes compreendem, no léxico de Navarro (1903) e de Parker (1992), apenas às quantidades “um” e “dois” representadas, respectivamente, pelas formas **jachu(o)pi** e **rabue**.

Contudo, a estrutura que a língua usa para a formação de números maiores parece prover basicamente da multiplicação de base dez, assim como mostram os únicos exemplos abaixo, de Navarro em (72: a-d) e de Parker, extraídos de um texto narrativo da língua, intitulado “Como matei dois tigres”.

(72) Navarro (1903)

- (a) *rabue* *chunga*
 NUM(dois) NUM(dez)
 ‘vinte’
- (b) *pichsca* *chunga*
 NUM (cinco) NUM (dez)
 ‘cinquenta’

Parker (1992)

- (c) *chonga* *inaocon-bo-ra*
 NUM (dez) tigre -PL -EV
 ‘São dez tigres.’
- (d) *rabe* *chonga* *inaocon-bo-ra*
 NUM (dois) NUM (dez) tigre -PL -EV
 ‘São vinte tigres.’
- (e) *quimsa* *chonga* *inaocon-bo-ra*
 NUM (três) NUM (dez) tigre-PL-EV
 ‘são trinta tigres.’

Convém descrevermos, ainda, que nos dados de Navarro (1903), encontramos as formas abaixo, com o significado numérico tal como se segue:

- (73) (a) *rabue* *pachac*
 NUM(dois) NUM(cem)
 ‘duzentos’
- (b) *rabue* *huaranga*
 NUM(dois) NUM (mil)
 ‘dois mil’

Sobre numerais ordinais, nos dados de Navarro (1903) encontramos algumas ocorrências. Nota-se, porém, que nesse tipo de marcação numérica não há proximidade com o sistema numérico do quéchua. As formas encontradas são:

(74)

NUM. ORD	NUM-NUM-PL	GLOSA	GLOSA(QUECHUA)
1º	rama-ma; resi	‘primeiro’	‘ñaupac’
2º	jasca	‘segundo’	‘shina’
3º	quimsa	‘terceiro’	‘quimsaniquin’
4º	rabue-rabue-bo	‘quarto’	‘chushco’
6º	mueque-mapuanipatas	‘sexto’	‘soctainihuiñ’
7º	mueque-mapuanipatas	‘ sétimo’	‘canchisniquin’

Já nos dados de Parker (1992), apenas um exemplo foi detectado. Trata-se do número ordinal que representa o início de uma sequência. Este se encontra grafado como ‘**primero**’, ou seja, forma idêntica à grafia utilizada no Espanhol. Assim, nesse contexto, fica claro se tratar de um empréstimo da língua espanhola.

3.2.2.4. As conjunções

As línguas possuem classes de palavras cuja função é articular outras unidades lingüísticas em uma sentença. Essas outras unidades são, comumente, palavras, sintagmas ou mesmo orações. Tradicionalmente, as unidades que cumprem tal papel são chamadas conjunções que, geralmente, são classificadas em dois tipos: coordenadas e subordinadas.

As conjunções coordenativas reúnem unidades de mesma função morfológica ou que pertencem ao mesmo nível sintático, ou seja, aquelas que se dizem independentes umas das outras de modo que podem aparecer em enunciados separados. Por isso mesmo, alguns estudiosos costumam chamar a conjunção coordenativa de *conector* ou *conectivo*.

Ao contrário disso, as conjunções subordinativas servem para assinalar a dependência (ou a interdependência) entre as unidades lingüísticas em sentenças consideradas complexas. Comumente essas conjunções introduzem unidades lingüísticas

que exercem função sintática em um nível inferior da estrutura gramatical. Nesse sentido, muitos estudiosos consideram a conjunção subordinativa um tipo de *transpositor* de constituintes lingüísticos de um determinado nível da estrutura gramatical para outro inferior.

Nos dados de que dispomos do Huariapano, encontramos dois itens lexicais: **copi~cupi** e **pairi**. Trata-se de conjunções coordenativas conclusivas, como vemos no exemplo seguinte:

(75) Parker (1992)

(a) *nojco-n* *papa-n-ra* *ea* *quena-ma-i*
 1SG-GEN pai-ERG-EV 1SG.acus chamar- CAUS-PRES

ja-copi-ra *e-bi* *ca -i*
 SEQ-CONJ (conclusiva)-? 1SG-ENF ir- N.PAS
 ‘Meu pai me chama; por isso eu irei.’

(b) *e-bi-ra* *pi-i-ni* *pairi-ra-i*
 1SG-ENF-EV comer-AUX-PROG CONJ-?-ASP(INCOMPL)
 ‘Eu estou comendo ainda.’

(c) *no-bi-ra-na* *pi-i-ni* *pairi-ra-i*
 1SG-ENF-EV-? comer-AUX-PROG CONJ-?-ASP(INCOMPL)
 ‘Nós estamos comendo ainda.’

Navarro (1903)

(d) *ja-cupi-ra* *creen⁷²-tzama*
 SEQ-CONJ-? crer-IMP.NEG
 ‘Por isso não acredite.’

Ainda, nos dados de Navarro em (76: e) e de Parker (76: f-g) encontramos três sentenças com a conjunção do tipo coordenativa aditiva, que funciona como conectivo nos sintagmas nominais. Vejamos:

⁷² Empréstimo do Espanhol.

(76) Navarro (1903)

(e) *ja-bi -ra* *raun-mis-ma* *i-qui* *unan-yama-i*
3SG-ENF-EV médico-INTENS-NEG AUX-DECL saber-NEG-PRES

*ni*⁷³ *quillcan-ti*
CONJ(aditiva) escrever-INF
'Ele/ela não é médico, não sabe **nem** escrever.'

(f) *nojco-n* *coca-ra* *manish-no* *ca-que*
1SG-GEN tio-EV monte-LOC ir-PAS

*y*⁷⁴ *rete -qui* *jacho* *iso*
CONJ(aditiva) matar -PAS NUM macaco-aranha
'Meu tio foi ao monte e matou um macaco-aranha.'

(g) *nojco-n* *coca-ra* *manish-no* *ca-qui*
1SG-GEN tio-EV monte-LOC ir-PAS

*y*⁷⁵ *nojco-n* *huata-ra* *tajpi-no* *bane-qui*
CONJ(aditiva) 1SG-GEN tia-EV casa-LOC cair-PAS
'Meu tio foi ao monte e minha tia caiu em casa.'

Nestes casos, fica claro que não se trata de conjunções específicas do Huariapano e sim de empréstimos da língua espanhola, referentes aos conectivos 'nem' e 'e', grafados por 'ni' e 'y'.

Fora de contexto, encontramos no vocabulário de Parker (1992), a forma 'jenje', uma possível conjunção subordinativa condicional 'se', da língua. Como não sabemos precisar se de fato ela ocorre nessa função na língua, fechamos esta seção apontando para a língua Huariapano, a existência dois conectivos: **c(o)(u)pi** e **pairi**.

⁷³Empréstimo do Espanhol.

⁷⁴Idem 73.

⁷⁵Idem 73.

3.2.2.5. As interjeições

A classe das interjeições engloba palavras com carácter exclamativo e que podem constituir afirmações em si mesmas. As interjeições também se caracterizam pelo fato de usualmente não apresentarem nenhuma conexão sintática com outras palavras com as quais podem co-ocorrer (SCHACHTER, 1985). Nos dados, a seguir, apresentamos as interjeições encontradas:

(77) Navarro (1903)

- | | | | |
|-----|---------------|--------|----------------|
| (a) | Eje! | Bom! | (aprovando) |
| (b) | Tzasto! | Como! | (repreendendo) |
| (c) | Jati-atachoi! | Que! | (admirando) |
| (d) | Pano! | Homem! | (admirando) |
| (e) | Antza! | Eh! | |

3.2.2.6. Os ideofones

Neste grupo estão as palavras onomatopaicas que, em diferentes línguas, funcionam como nome, verbo, adjetivo ou advérbio, mas que formam classes fechadas. No caso dos verbos, a cadeia sonora reproduz o ruído produzido pela ação; no caso dos nomes, imita vozes de animais, ou ruídos provocados por objetos. Na língua Huariapano, detectamos a presença de cinco ideofones nominais⁷⁶, extraídos de um texto narrativo da língua, intitulado: “Como matei dois tigres”. São eles: **taoaoaoao**; **huoooooooo**; **moaoaoaoa**; **tooooooooo**; **jij jij jij jij jij jij jij jij**.

⁷⁶ Todos os ideofones nominais exemplificados se referem aos sons produzidos pelos tigres durante a narração do texto narrativo da língua: “Como matei dois tigres”.

3.3. Processos de formação de palavras⁷⁷

Ao longo desta descrição morfológica (e algumas vezes morfossintática também), temos visto a possibilidade de distinguirmos algumas bases (as nominais, por exemplo) de outras, detendo-nos em sufixos relativos a cada categoria em particular.⁷⁸ No entanto, como a maioria desses sufixos diz respeito a categorias produtiva e sintaticamente relevantes, na presente seção, procuraremos destacar a “raiz” da palavra e os chamados sufixos derivacionais, tal como passaremos a ver nos itens subseqüentes.

3.3.1. Categorias menores

Nesta seção, nossa atenção estará voltada para as operações morfológicas de afixação ligadas às raízes ou a casos nominais; já em 3.3.2. serão apresentados os exemplos com raízes verbais⁷⁹. Ainda, limitar-nos-emos a descrever apenas os sufixos que, ao longo desse estudo, não tiveram uma apresentação formal de suas funções na língua Huariapano.

3.3.1.1. O sufixo {-bi}: o Enfático

Em Huariapano, o sufixo {-bi}⁸⁰ marca a função enfática e pode ser ligado a nomes, como nos exemplos:

⁷⁷ Os processos de composição podem envolver metaforicamente as classes de palavras. Essa parece ser uma característica das línguas Pano, pois, outros estudos sobre a semântica dos compostos nessa família lingüística também dão conta de processos desse tipo. Valenzuela (1998b), por exemplo, demonstra que os falantes da língua Shipibo-Conibo, ao formarem palavras compostas, se guiam pelo uso metafórico de categorias biológicas, sobretudo, quando se trata de animais: **ino + mentsis**, respectivamente, *tigre + garras*, ou seja, **inomentsis** ‘garras do tigre’ é o nome que dão a uma planta que possui espinhos parecidos com as garras do tigre.

⁷⁸ É necessário ressaltar que também a ordem contribui para determinação das classes das bases, já que aquelas com função predicativa comumente ocupam posição mais à direita na sentença, enquanto as com funções nominais figuram mais à esquerda.

⁷⁹ Para Loos (1999:244), os morfemas que ocorrem pospostos ao verbo relacionam-se com a derivação verbal e principalmente com a valência do verbo. Estes seriam os marcadores temáticos.

⁸⁰ Nos estudos de outras línguas Pano, como o Mayoruna (KNEELAND, 1979) e também na língua Shipibo-Conibo (VALENZUELA, 2003), o morfema {-bi} indica ênfase.

(78) Navarro (1903)

- (a) **jahue-ma-bi**
coisa-NEG-ENF
'nada' (Lit. 'sem coisas')
- (b) **jasca-bi** 'deste modo' (Lit. assim-ENF)
- (c) **nasca-bi** 'dessa maneira' (Lit. assim-ENF)

Observamos que o morfema **{-bi}** pode ocorrer com os pronomes pessoais e aparece tanto nos dados de Navarro (1903) quanto nos dados de Parker (1992), como em (78: d-e), respectivamente:

- (d) *e-bi-ra* *nisca-i-ni*
1SG-ENF-EV suar-AUX-PROG
'Eu estou suando.'
- (e) *ja-bi-ra* *ano* *yome-ra-i-ni*
3SG-ENF-EV paca caçar-EV-AUX-PROG
'Ele/ela está caçando paca.'

3.3.1.2. O sufixo **{-bires}**: o Restritivo Enfático

A língua usa esse morfema para expressar a ação ou assunto de que se trata, restringindo de maneira enfática o referente correspondente. Observa-se que **{-bires}** resulta da combinação de **{-bi}** 'enfático' e **{-res}** 'restritivo' (este último será descrito mais adiante); daí o rótulo de 'restritivo enfático'. Vejamos alguns exemplos, abaixo:

(79) Navarro (1903)
cacho-bires
detrás-RES.ENF
'somente detrás'

jachupi-bires
NUM-RES.ENF
'somente um'

rama-**bi**res
agora-RES.ENF
'agora mesmo'

3.3.1.3. O sufixo {-mis~-miz}⁸¹: o Habitual

Registramos a ocorrência do sufixo {-**miz** ~ -**mis** } que indica o caráter de ator habitual de determinado acontecimento verbal. Esse morfema possui características de nominalizador e de adjetivizador de verbos, tal como ilustrado pelos exemplos seguintes:

(80) Navarro (1903)

	V-PRES	GLOSA	V-HAB	GLOSA
(a)	tzaca-i	'flechar'	tzaca- miz	'flechador/a'
(b)	sea-i	'beber'	sea- miz	'bebedor/a'
(c)	natesa-i	'morder'	natesa- miz	'mordedor/a'
(d)	mana-i	'falar'	mana- miz	'falador/a'
(e)	usa-i	'dormir'	usai- miz	'dorminhoco/a'

Parker (1992)

(f)	rao-i	'curar'	rao- mis	'curandeiro/a'
(g)	rete-i	'assasinar'	rete- mis	'assasino/a'

3.3.1.4. O sufixo {-mis}: o Intensificador

Quando o morfema {-**mis**} se agrega a um adjetivo da língua, o significado da palavra correspondente é intensificado, como nos exemplos:

(81) Navarro (1903)
sina-**mis**
cruel-INT
'muito cruel'

⁸¹ Apesar do morfema indicador de habitual estar relacionado com raízes verbais, optamos por fazer sua descrição próxima ao morfema de intensidade, já que há uma forte relação entre os dois, não apenas de homofonia. A princípio, acreditamos ser o mesmo morfema, ou no mínimo, originaram-se de um mesmo e único morfema, e depois se 'dividiram em duas funções'. Em suma, cremos que o intensificador originou-se do habitual. Note que nos exemplos em (81), a Glosa poderia ser traduzida por: "costuma ser/ habitualmente (está)": cruel; mau; feliz, respectivamente.

sanama-**mis**
mau-INT
'muito mau'

buene-**mis**
feliz-INT
'muito feliz'

3.3.1.5. O sufixo {-ria}: Localidade

O morfema {-ria} é usado com a função de denotar características de um determinado lugar, como vemos nos seguintes exemplos:

(82) Navarro (1903)

cuma-**ria**
codorna-LOCAL
'lugar onde existe codorna'

cana-**ria**
papagaio-LOCAL
'lugar onde existe papagaio'

runu-**ria**
cobra-LOCAL
'lugar onde existe cobra'

3.3.1.6. O sufixo {-uma}: o Privativo

O marcador {-uma}, quando se agrega a bases nominais, denota 'privação'. Pode ser traduzido aproximadamente como 'sem', nos seguintes dados:

(83) Navarro (1903)

papa-**uma**
pai-PRIV
'órfão' (Lit. sem pai)

jahue-uma
coisa-PRIV
'pobre' (Lit. sem coisas)

ahui-uma
casado-PRIV
'viúvo' (Lit. sem esposa)

3.3.1.7. O sufixo {-yasbi}: o Comitativo

O morfema {-yasbi} denota companhia com seu correlato nominal, como mostram as seguintes construções:

(84) Navarro (1903)

buene-yasbi
esposo-COM
'esposo com a esposa'

aibo-yasbi
mulher -COM
'mulher com o homem'

tita-yasbi
mãe-COM
'mãe com o filho'

3.3.1.8. O Seqüenciador {ja}

Na língua Huariapano, a função da partícula {ja} é de dar à sentença a ideia de seqüência dos acontecimentos expressos na ordem em que aparecem.

(85) Parker (1992)

(a) *nashi pairibano ja nojco-n nashi-ti-no*
banhar antes SEQ 1SG-GEN banho-INF-LOC
'Antes vou banhar-me onde sempre me banho.'

(b) *nashi pairibano ja caho-ra pi-i*
banhar antes SEQ ADV-EV comer-N.PAS
'Antes vou banhar-me e depois comerei.'

3.3.1.9. O sufixo {-ti}⁸²: o Nominalizador

Para marca de nominalizador, a língua faz uso do morfema {-ti}. Para exemplificar, temos os dados em (86: a-b) ligado à base nominal e (86: c-f), ligado às bases verbais, acima:

(86) Navarro (1903)

(a) *caro-a* *pairio* *chii-qui-ti-a-na-no*
lenha-? cortar castiçal-DECL-NMLZ-fazer-RECP-EXOR
‘Corta a lenha para fazer castiçal.’

(b) *caro-ao* *pairio* *min* *chijpin* *chii-qui-ti-a-non*
lenha-? cortar 2SG.GEN irmã(de homem) castiçal-DECL-NMLZ-fazer-EXOR
‘Corta a lenha para tua irmã fazer castiçal.’

(c) *unama-ti* *queiñ*
ensinar-NMZ querer
‘Quero ensino.’

(d) *sanama-i-ti* *queiñ*
ADJ-AUX-NMZ querer
‘Quero ser bom.’

Parker (1992)

(e) *nashi* *pairibano* *ja* *nojco-n* *nashi-ti-no*
banhar antes SEQ 1SG-GEN banhar-NMLZ-LOC
‘Antes vou banhar-me onde sempre me banho.’

(f) *e-bi-ra* *nojco-n* *jochi*
1SG-ENF-EV 1SG-GEN irmão (de homem)

quena-ti-shinan-que
chamar-NMLZ-pensar-PAS
‘Eu pensei em chamar meu irmão.’

⁸² Valenzuela (2003) também descreve o morfema {-ti} como nominalizador na língua Shipibo-Conibo.

3.3.2. Descrição de sufixos ligados às raízes verbais

3.3.2.1. O sufixo {-ca}: o Benefactivo

O sufixo {-ca} marca a função benefactiva. Afixado à base verbal, nos poucos exemplos que temos, o morfema indicaria que o acontecimento expresso pelo verbo foi ou é efetivado em benefício de alguém que, por sua vez, está expresso na sentença em forma de um pronome (nome), como vemos, na seqüência:

(87) Parker (1992)

(a) *ja-bi* *jahue-n* *jashi* *a-que-ca-ma-ronqui*
3SG-ENF 3SG-GEN flecha fazer-PAS-BENF-CAUS-REP

jahue-n *baque-qui* *temin-qui*
3SG-GEN filho-DECL sufocar-PAS
'Enquanto ele fazia sua flecha, seu filho sufocou.'

(b) *e-bi-ra* *jato* *bena-que*
1SG-ENF-EV 3PL buscar-PAS

jato-n *atsa* *ea* *inan-ca-non*
3PL-ERG mandioca 1SG.acus dar-BENF-EXOR
'Eu os busquei para me darem mandioca.'

3.3.2.2. O sufixo {-res}: o Restritivo

Unido a um verbo, o morfema {-res} expressa a ação de que se trata o verbo, e nada mais. Vejamos alguns exemplos, a seguir:

(88) Navarro (1903)

V-PRES	GLOSA	V-RES-INF	GLOSA
sea-i	'beber'	sea-res	'somente beber'
ninca-i	'ouvir'	ninca-res-i	'apenas ouvir'
mana-i	'conversar'	mana-res-i	'apenas conversar'

Na próxima sentença, temos o exemplo:

Parker (1992)

- (a) *ja-bo-n-bi-ra* *ea* *quena-quena-res-cain*
3-PL-NOM-ENF-EV 1SG-acus chamar-chamar-RES-PL.EXP
- ja-copi-ra* *e-bi* *ca-i*
SEQ-CONJ-? 1SG-ENF ir- N.PAS
- ‘Como eles seguem só me chamando chamando, por isso eu vou.’

3.3.2.3. O sufixo {-no(n)}: o Exortativo

Este morfema carrega o sentido de exortação, podendo ser expresso através de um pedido, desejo ou uma ordem, como nos exemplos que seguem:

(89) Parker (1992)

- (a) *e-bi-ra* *jato* *bena-que* *jato-n* *atsa* *ea* *inan-ca-non*
1SG-ENF-EV 3PL buscar-PAS 3PL-ERG mandioca 1SG.acus dar-BENF-EXOR
- ‘Eu os busquei para me darem mandioca.’

- (b) *caro-a* *pairio* *chii-qui-ti-a-na-no*
lenha- ? cortar castiçal-DECL-INF-fazer-RECP-EXOR
- ‘Corta a lenha para fazer castiçal.’

- (c) *caro-ao* *pairio* *min* *chijpin* *chii-qui-ti-a-non*
lenha- ? cortar 2SG.GEN irmã(de homem) castiçal-DECL-NMLZ-fazer-EXOR
- ‘Corta a lenha para tua irmã fazer castiçal.’

3.3.2.4. O sufixo {-ra}⁸³: o Evidencial Direto

Para Aikhenvald (2004), a categoria gramatical conhecida como ‘evidencialidade’ é aquela cujo significado primário é a fonte de informação. Nos dados da língua Huariapano, encontramos o morfema {-ra} que se assemelha, em significado e em contexto de ocorrência, ao morfema evidencial direto {-ra}, da língua Shipibo-Conibo (VALENZUELA, 2003). No Huariapano, tal morfema ocorre com frequência na fronteira do 1º constituinte (nominal/verbal/adverbial) de sentenças declarativas não reportativas. Segue alguns exemplos:

⁸³ O morfema evidencial {-ra} se liga a bases nominais e verbais. Optamos por fazer sua descrição em 3.3.2. afim de estabelecer sua proximidade com o evidencial (verbal) reportativo {-ronqui}.

- (90) Parker (1992)
- (a) *Antonio-ra-ϕ* *ca-que*
 Antônio-EV-ABS ir-PAS
 ‘Antônio se foi.’
- (b) *nojco-n* *pajpa-n-ra* *cajpe-ϕ* *tsaj-ca-que*
 1SG-GEN pai-ERG-EV lagarto-ABS ferir-BENF-PAS
 ‘Meu pai feriu o lagarto...’
- (c) *ano-ra* *pi-i-ni*
 paca-EV comer-AUX-PROG
 ‘(Estou) comendo paca.’
- (d) *ma-ra* *bari* *ji-qui-toshi*
 ADV(TEMP=já)-EV sol entrar-PAS-repentino
 ‘O sol já entrou.’

3.3.2.4.1. O sufixo {-ronqui}: o Evidencial Reportativo

O morfema {-ronqui} indica que o falante não vivenciou ou não presenciou diretamente a situação, ou seja, é uma informação de 2ª mão e não acarreta necessariamente menor grau de confiabilidade na informação. Vejamos os únicos exemplos:

- (91) Parker (1992)
- (a) *ja-bi* *jahue-n* *jashi* *a-que-ca-ma-ronqui*
 3SG-ENF 3SG-GEN flecha fazer-PAS-BENF-CAUS-REP
- jahue-n* *baque-qui* *temin-qui*
 3SG-GEN filho-DECL sufocar-PAS
 ‘Enquanto ele fazia sua flecha, seu filho sufocou.’
- (b) *ja-bi-ra* *ea* *yoi-qui* *mi-bi* ***ronqui-mi***
 3SG-ENF-EV 1p.acus dizer-PAS 2SG-ENF REP-CON
- bachi-na-na-ni-qui* *mi-n* *chai-betan*
 discutir-RECP-RECP-PROG-PAS 2SG-GEN cunhado-COM
 ‘Ele/ela me disse que você estava discutindo com teu cunhado.’

Vale ressaltar que apesar da glosa em (91: a) não indicar fonte indireta de informação é plausível supor que funcionaria como reportativo nessas duas sentenças

declarativas da língua. Valenzuela (2003) também descreve o morfema {-ronqui}, em Shipibo-Conibo, como um reportativo, empregado em oposição ao evidencial direto {-ra}.

3.3.2.5. O sufixo {-cas}: o Desiderativo

Na língua Huariapano, o sufixo {-cas} expressa desejo, vontade de que o conteúdo expresso na base verbal à qual se afixa se manifeste. Aparentemente, as estruturas que denotam o desiderativo caracterizam casos de composição envolvendo verbos e sufixos. Isso é ilustrado pelos seguintes exemplos:

- (92) Navarro (1903)
- | V-PRES | GLOSA | V-DES-INF | GLOSA |
|---------|-------------|-------------------------------|-----------------------|
| pia-i | ‘comer’ | pi- <i>cas</i> -i | ‘querer comer’ |
| pau-hi | ‘abraçar’ | pau-nana(RECP)- <i>cas</i> -i | ‘querer abraçar-se’ |
| te-i | ‘trabalhar’ | te- <i>cas</i> -i | ‘desejo de trabalhar’ |
| huanu-i | ‘casar’ | huanu- <i>cas</i> -ai | ‘querer casar’ |
- (a) *ja-ra-que* *usa* *usa-cas-ai*
 ter-EV-DECL sono dormir-DES- ASP(INCOMPL)
 ‘tenho sono, quero dormir.’
- (b) *e-bi-ra* *tanti-cas-ai*
 1SG-ENF-EV descansar-DES- ASP(INCOMPL)
 ‘Eu quero descansar.’

3.3.2.6. Composição com o sufixo {-mi}⁸⁴: o Conclusivo

O significado desse morfema, como o próprio nome diz se refere à conclusão, à finalização de uma ação verbal que se limitou àquilo ao que ela significa. No exemplo abaixo, o morfema {-mi} se refere a uma ação que ocorreu e foi concluída no tempo passado. Vejamos:

⁸⁴ Na língua Capanahua, o morfema conclusivo é -min. Em outras línguas Pano, esse morfema pode indicar reportativo, imperativo, declarativo ou interrogativo (LOOS, 1976).

(93) Parker (1992)

(a)	<i>ja-bi-ra</i> 3SG-ENF-EV	<i>ea</i> 1p.acus	<i>yoi-qui</i> dizer-PAS	<i>mi-bi</i> 2SG-ENF	<i>ronqui-mi</i> REP-CON
	<i>bachi-na-na-ni-qui</i> discutir-RECP-RECP-PROG-PAS		<i>mi-n</i> 2SG-GEN		<i>chai-betan</i> cunhado-COM

‘Ele/ela me disse que você estava discutindo com teu cunhado.’

3.3.2.7. O sufixo {-na}⁸⁵: o Recíproco

Este morfema converte uma base verbal em um verbo derivado recíproco. Nos dados encontramos exemplo no qual esse morfema ocorre reduplicado.

(94) Navarro (1903)

V-PRES	GLOSA	V-RECP-INF	GLOSA
natesa-i	‘morder’	natesa- na -i	‘morder-se (mutuamente)’
pau-hi	‘abraçar’	pau- nana -hi	‘abraçar-se (mutuamente)’

(a) *Jahuaita* *hued(t)za-bo-buetan* *retea-na-i-n*
QU- outro-PL-COM lutar-RECP-ASP(INCOMPL) -?
‘Por que lutar com os outros?’

(b) *rama* *mi-buetan* *retea-na-i-n*
agora 2SG.COM lutar-RECP-ASP(INCOMPL) -?
‘Agora luto contigo’.

3.3.2.8. O sufixo {-na}: o Reflexivo

Paralelamente à marca de reciprocidade, o mesmo morfema {-na} marca a voz reflexiva na língua. Este também ocorreu de forma duplicada, como podemos constatar através de alguns exemplos:

⁸⁵ O morfema de reciprocidade pode aparecer em verbos intransitivos, como no exemplo em (93). Na língua Shipibo-Conibo, o morfema -na é marca de preventivo, acrescido a um verbo que expressa advertência/prevenção, em sentenças afirmativas ou negativas e sempre com aspecto completivo (VALENZUELA, 2003:292).

(95) Navarro (1903)

V-PRES	GLOSA	V-REFLL-PRES	GLOSA
mucha-i	‘adorar’	mucha- na -i	‘adorar-se’
jiste-i	‘ver’	jistia- na -i	‘ver-se’
rari-i	‘vender’	rari- nana -i	‘vender-se’
jama-i	‘aconselhar’	jama- nana -i	‘aconselhar-se’

3.3.3.9. O sufixo {-ta}: Polidez

Registramos nos dados apenas dois exemplos com o morfema {-ta}, indicando forma cortês ou polida de dirigir-se ao interlocutor. Abaixo, seguem os exemplos:

(96) Navarro (1903)

(a) *baquish* *yamueshaman* *ju-ta-u*
ADV ADV vir-POL-IMP
‘Amanhã vem de madrugada, por favor.’

(b) *ca-ta-u* *yu-i* *vayan* *ju-tan*
ir-POL-IMP avisar-PRES ADV vir- regressar/voltar
‘Vai, avisa-o e volta depressa, por favor.’

IV. MORFOSSINTAXE II

4.0. Introdução

Conforme ressaltamos na introdução do Capítulo III, embora o intuito inicial naquela seção fosse tratar especificamente da morfologia do Huariapano, acabamos por enveredar em domínios sintáticos ao identificar e descrever as categorias lexicais e funcionais nessa língua.⁸⁶ Sendo, portanto, inevitável a sobreposição de alguns aspectos já tratados, salientamos que o objetivo do presente capítulo é enfatizar o caráter sintático desses aspectos e introduzir outros ainda não descritos e cujas características são predominantemente sintáticas. Assim, apresentaremos em **4.1.** as construções interrogativas; em **4.2.**, as construções coordenadas; em **4.3.**, as construções subordinadas; em **4.4.**, a ordem dos constituintes e, em **4.5.**, as relações gramaticais, especialmente, o sistema de marcação de caso e o sistema de co-referência alternada (*switch-reference*).

4.1. As construções interrogativas

Os estudos sobre interrogação focalizam geralmente os dois tipos de perguntas mais comuns nas línguas naturais: a) as interrogativas que esperam uma resposta positiva (sim) ou uma negativa (não), ou seja, as chamadas interrogativas polares ou globais e b) as perguntas de conteúdo, isto é, aquelas constituídas por um sintagma interrogativo **Qu-** (*que, quando, qual, onde, por que, o que*, entre outros), também conhecidas como não-polares, parciais ou simplesmente perguntas **Qu-**.

Em geral, as línguas exibem mecanismos diversos visando a distinguir sentenças interrogativas de declarativas. Recursos como a entonação, a inversão de constituintes na

⁸⁶ A esse respeito, lembremos que desde Saussure (1978), a maioria dos lingüistas não leva em conta a teoria dos níveis de descrição (fonético/fonológico, morfológico, sintático), já que para eles há freqüentes sobreposições desses níveis. Daí a razão por que muitas vezes os estudiosos da morfologia e da sintaxe preferem a designação morfossintaxe para seus trabalhos. Ademais, ressaltamos a tipologia aglutinante do Huariapano que nos conduz a uma descrição em que a morfologia geralmente não se dissocia da sintaxe.

sentença, o uso de auxiliares verbais e de clíticos, entre outros, podem servir a essa tarefa. Na seqüência, mostraremos os recursos usados pela língua Huariapano na formação de enunciados interrogativos.

4.1.1. As interrogativas polares

Em Huariapano, conforme antecipamos em 3.2.1.3.1.4., as construções interrogativas polares são marcadas pela partícula **{raman}**. Os dados exemplificados abaixo ilustram isso:

(97) Navarro (1903)

(a)	<i>una-i</i>	<i>raman</i>	<i>doctrina</i> ⁸⁷
	conhecer-PRES	INTERR	doutrina
	‘Conhece a doutrina?’		

(b)	<i>jinsiñ</i>	<i>raman</i>	<i>ma</i>
	urinar	INTERR	ADV(TEMP = já)
	‘Já urinou?’		

4.1.2. As interrogativas não-polares

Nos dados do Huariapano encontramos sentenças interrogativas não polares, conforme anteriormente apresentamos na Tabela VI, da seção 3.2.2.2. As formas interrogativas são também intituladas como pronomes interrogativos, já que como pró-formas podem corresponder a algum termo ou expressão lingüística.

Vejamos os exemplos abaixo de cada caso de pergunta Qu-:

(98) Navarro (1903)

Jahueta-pi
 Qu- comer
 ‘O que comer?’

⁸⁷ Empréstimo do Espanhol.

Jahuaita sana ja
 Qu- ADV. viver
 ‘Por que vive mal?’

Jahuete min bacque-bo ja-i-ran
 Qu- 2SG.GEN filho-PL ter-PRES-?
 ‘Quantos filhos você tem?’

Jahue janeta-i
 Qu- chamar (pelo nome) -PRES
 ‘Como você chama?’

Ja-ra-no-huastai ju
 Qu -EV -LOC -? vir
 ‘De onde vem?’

Ja-ra-no-huassa-i
 Qu -EV -LOC-? - AUX
 ‘De onde é?’

Ja-ra-n-ta-ja
 Qu -EV- LOC-POL- viver
 ‘Por favor, onde vive?’

Tzo-n tapin nato-i
 Qu- GEN casa DEM-AUX
 ‘De quem é esta casa?’

4.2. As construções coordenadas

Segundo Payne (1985:3), todas as línguas possuem estratégias de coordenação, seja no nível do sintagma, seja no da sentença. De fato, as línguas utilizam, a exemplo do Português, morfemas livres (as conjunções) para estabelecer uma relação de coordenação ou simplesmente o fazem recorrendo à justaposição das sentenças no enunciado.

Ainda de acordo com Payne (op. cit.), do ponto de vista lógico, é possível distinguir cinco tipos básicos de coordenação: *conjunção (p e q)*, *postsection*, isto é, em que se faz uma opção pela primeira seção (**p e não q**), *presection*, ou seja, aquela em que se faz opção

pela segunda seção (**não p e q**), *disjunção* (**p ou q**) e *rejeição* (**não p e não q**). Além dessa divisão lógica, esse autor atesta a existência de outras subdivisões semânticas, sendo uma delas a proposta por Dik (1978), que pode ser expressa em termos dos traços: [± Adversativo], [± Separado] e [± Enfático]. O primeiro é utilizado para indicar se os sintagmas ou sentenças coordenados estão ou não em contraste. O segundo indica que certa relevância está sendo dada a um dos sintagmas ou sentenças em separado.

Com base em tais considerações teóricas, apresentaremos nos próximos subitens a descrição dos tipos de construções coordenadas encontrados em nosso *corpus* da língua Huariapano.

4.2.1. Coordenação com o traço [+Adversativo]

As construções coordenadas com o traço [+Adversativo] se caracterizam pela presença de um contraste entre as sentenças que compõem o enunciado ou entre suas implicações. Em línguas indo-européias, isso geralmente é feito pelas chamadas conjunções adversativas (“mas”, “porém”, “todavia”, entre outras). Na língua Huariapano, geralmente, as relações de coordenação desse tipo são estabelecidas pela combinação justaposta entre duas sentenças cujas informações sobre o evento verbal nelas expresso se contrariam de alguma forma e, no exemplo que apresentaremos a seguir, está presente uma conjunção adversativa⁸⁸. Vejamos:

(99) Parker (1992)

[bajquish	ca- šh	mahui	jonshi-no]O ₁
ADV	ir-SRS(SI)	terra	vermelha-LOC

[rama	pairi -ra	joi-ni]O ₂
agora	CONJ-?	vir-PROG

‘Ontem fui à Pucallpa, por isso agora chego (de lá).’

⁸⁸ Na língua Shipibo-Konibo (cf. VALENZUELA, 2003), os falantes utilizam a forma **askaşun**, cujo sentido mais corrente é “então”, como conjunção adversativa.

Reparemos em (99) o apagamento do sujeito de O₁ e de O₂. De acordo com a Glosa obtida em Espanhol, a referência verbal desse sujeito se direciona à 1ª pessoa do singular, ou seja ‘eu’. Ainda sobre as coordenadas com o traço [+Adversativo], devemos ressaltar que, no campo semântico, as sentenças podem não constituir obstáculos entre si, mas apenas informações que se contrariam em algum aspecto.

4.2.2. Coordenação com os traços [+Separado] e [-Separado]

De acordo com a tipologia descrita em Payne (1985:17), existem línguas que possuem estratégias para indicar que sentenças coordenadas em um mesmo enunciado estão sendo consideradas unidades separadas ou distintas a despeito de sua ligação sintática. Nesse sentido, diz-se que essas sentenças carregam o traço [+Separado]. Em Huariapano, a estratégia utilizada para indicar isso, além da justaposição das sentenças e em alguns exemplos, da conjunção, é a evidência da presença de sujeitos distintos na sentença coordenada, como no exemplo em (100), a seguir:

(100) Parker (1992)

[nojco-n	pajpa -n-ra	cajpe-φ	tsaj-ca-que] O ₁
1SG-GEN	pai-ERG-EV	lagarto-ABS	ferir-BENF-PAS

‘Meu pai feriu o lagarto...

y ⁸⁹	[nojco-n	cojca -n-ra	rete-que] O ₂
CONJ	1SG-GEN	tio-ERG-EV	matar-PAS

e meu tio o matou.’

A explicitação dos verbos em ambas as sentenças (O₁ e O₂) ou, em outras palavras, o não apagamento do constituinte verbal também indica que no referido período, as sentenças coordenadas carregam o traço [+Separado].

⁸⁹ Empréstimo do Espanhol.

A nosso ver e devido à escassez de exemplos em sentenças, o comportamento da língua Huariapano, em relação ao traço [-Separado], se apresenta com a presença do morfema de reciprocidade, como visto na seção 3.3.2.7.

4.2.3. Coordenação com o traço [+Enfático]

Segundo Payne (1985), a repetição de partículas conjuntivas entre SNs ou sentenças coordenadas pode ser opcional nas línguas do mundo. Na língua Huariapano, por exemplo, as conjunções coordenativas conclusivas são ‘copi’ e ‘pairi’, podendo ou não ser usadas entre os grupos que participam da coordenação. Contudo, na prática, geralmente o que a língua faz é quando há a inserção de tal conjunção nas sentenças, esta sempre vem acompanhada do sufixo **-ra**. Nesta seção, estamos interpretando que esse sufixo, unido à conjunção conclusiva ‘copi’, represente o traço de +Enfático na sentença a qual a conjunção coordenativa pertença. Isto nos leva a descrever sentenças, tais como as que se seguem, como coordenadas munidas do traço [+Enfático]:

(101) Parker (1992)

(a) [nojco-n papa-n-ra quena-ma-i]O₁ [ja-copi-ra e-bi ca-i]O₂
 1SG-GEN pai-ERG-EV chamar-CAUS-PRES SEQ-CONJ-? 1SG-ENF ir-N.PAS
 ‘Meu pai me chama; por isso eu irei.’

(b) [ja-bo-n-bi-ra ea quena-quena-res-cain]O₁
 3-PL-NOM-ENF-EV 1SG.acus chamar-chamar-RES-PL.EXP

[ja-copi-ra e-bi ca-i]O₂
 SEQ-CONJ-? 1SG-ENF ir- N.PAS
 ‘Como eles seguem só me chamando, chamando, por isso eu vou.’

[A]		Vt		O
[[elidido]		jamai-bašhi-qui	jacho	rono]O ₂
[tio]		pisar-SRS(SI) -PAS	NUM	cobra

‘(Enquanto) meu tio andava no monte, pisou em uma cobra.’

(e) A		LOC		Vt		[A]		Vi
[inaoco-n-ra	nato	ian-ϕ		shijta-que]O ₁	y ⁹⁰	[[elidido]		ma-ca-que]O ₂
tigre-ERG-EV	DEM	lago-ABS		atravessar-PAS	CONJ	[tigre]		ADV-ir-PAS

‘O tigre atravessou este lago e já se foi.’

Pelo que podemos concluir dos dados acima, pelo menos os exemplos em (102: a-c) parecem estar em consonância com a tipologia de Dixon (1994) acerca dos processos de apagamento de argumentos verbais nas línguas do mundo. Por outro lado, isso não parece ocorrer com os exemplos em (102: d-e)⁹¹, dado que **A** é elidido em O₂. A nosso ver, em (102: d), isso poderia ser explicado pela presença do morfema de SR que, afixado a uma das bases verbais das estruturas, é um dos indicadores de co-referência entre os sujeitos de sentenças diferentes em um mesmo enunciado na língua Huariapano.⁹² Em termos funcionais, esse morfema indica que o sujeito da primeira oração é também o da segunda, logo, a reiteração de **A** é desnecessária.

4.3. As construções subordinadas

Em geral, as construções subordinadas ou dependentes caracterizam-se pela presença de propriedades sintáticas comuns a um nome, um adjetivo ou um advérbio. Em consonância com essas categorias ou classes de palavras, as sentenças subordinadas podem ser definidas de acordo com as funções semânticas e gramaticais que exercem na língua.

Convencionalmente, as relações de subordinação podem ser estabelecidas com base em três tipos de construções subordinativas: a) aquelas que envolvem uma sentença matriz

⁹⁰ Empréstimo do Espanhol.

⁹¹ Chamamos atenção para um dado interessante nesses exemplos: em 101: d, o sujeito da primeira oração é Absolutivo, enquanto o sujeito da segunda oração é Ergativo; já em 101: e, ocorre de modo contrário exemplo anterior.

⁹² Ver na seção 4.6.2., descrição mais detalhada sobre o sistema de *switch-reference* e sobre outros processos de referência entre sentenças.

e uma subordinada em função de SN complemento da matriz; b) aquelas constituídas pela matriz e uma subordinada que funciona como modificador de um SN integrante da sentença matriz; c) aquelas representadas pela matriz e uma outra sentença na posição de modificador de um SV ou mesmo da sentença matriz inteira.

Segundo Thompson & Longacre (1985:172), três dispositivos podem atuar na identificação de sentenças subordinadas: os morfemas subordinativos, as formas especiais de verbos e a ordem dos constituintes.

Como vimos no Capítulo III, a língua Huariapano apresenta alguns morfemas, mais especificamente sufixos, que se ligam ao verbo ou ao nome a fim de estabelecer relações de subordinação entre sentenças. As relações adverbiais que indicam causalidade, locativo, temporalidade, comitativo, entre outras circunstâncias, exemplificam isso. Esses morfemas, considerando a tipologia descrita por Thompson & Longacre (op. cit.), representam os morfemas gramaticais subordinativos. Por outro lado, vimos ainda no capítulo anterior, que a língua conta com as conjunções ‘copi’ e ‘pairi’, as quais, na condição de palavras subordinativas, apresentam apenas conteúdo gramatical, mas não lexical.

Baseando-nos nessas considerações preliminares, passaremos, na seqüência, à descrição dos tipos de sentenças subordinadas existentes na língua Huariapano.

4.3.1. As construções complemento

Processo comum entre as línguas do mundo, conforme dissemos anteriormente, a complementação caracteriza a ocorrência sintática de uma sentença em função de argumento de um predicado. À sentença nessa função, tradicionalmente, tem-se dado o nome de subordinada substantiva, mas dentre os estudos lingüísticos mais recentes, ela também tem sido chamada de “completiva” ou “complemento”.

De acordo com Noonan (1985:44), em termos morfológicos, a ligação entre as sentenças complementos e o predicado, em geral, costuma ocorrer com o auxílio de complementizadores, ou seja, palavras, clíticos ou afixos, cuja função é relacionar o predicado com o seu complemento.

Do ponto de vista semântico, é necessário restringir a definição de sentenças complementos, levando em consideração o fato de que nem todos os predicados verbais necessariamente pedem complemento. Com isso em mente, Givón (1990) atesta a existência de três classes de verbos que exigem complemento oracional: os verbos de modalidade (“querer”, “desejar”), os de manipulação (“mandar”, “pedir”) e os de cognição-elocução (“saber”, “pensar”, “dizer”).

A tentativa de descrição das construções completivas na língua Huariapano que apresentaremos neste estudo se pautará na tipologia proposta por Givón (op. cit.). Em paralelo, procuraremos fazer a descrição formal e sintática dessas construções. Devemos acrescentar, ainda, que a presente análise é constituída apenas por algumas considerações preliminares sobre o tema.

4.3.1.1. Semântica de “manipulação” em construções simples

Em Huariapano, as construções complemento com verbos de modalidade são, em termos estruturais, consideradas sentenças simples. As noções de “modalidade” não figuram em uma sentença dependente da oração matriz, mas sim como um morfema ligado ao verbo da oração que em uma construção mais complexa estaria exercendo a função de complemento. Na realidade, a noção de complemento é expressa pelo desiderativo na língua, tal como foi mostrado na seção 3.3.2.6. e como reafirmam os dados seguintes:

(103) Navarro (1903)

(a) *usa-cas-ai*
dormir-DES-ASP(INCOMPL)
'Quero dormir.'

(b) *e-bi-ra* *tanti-cas-ai*
1SG-ENF-EV descansar-DES- ASP(INCOMPL)
'Eu quero descansar.'

Dessa forma, os verbos **usa** ‘dormir’ e **tanti** ‘descansar’, respectivamente, são os núcleos verbais das orações complemento do desiderativo, expresso em Huariapano pelo

morfema {-cas} ⁹³. Isso implica que a categoria modalidade é co-lexicalizada (uma espécie de composto), ou seja, tal como teorizado por Givón (1990), o complemento ocorre adjacente ao verbo principal, este é expresso pelo morfema preso, enquanto o verbo complemento apresenta-se como base.

4.3.1.2. As construções complemento com verbos de “manipulação”

A exemplo das construções com verbos de modalidade, os enunciados com verbos de manipulação também são constituídos por sentenças formalmente simples em que se acrescenta a ideia de manipulação, via morfema afixado ao verbo complemento. Nesse caso, os morfemas podem, dependendo da semântica da manipulação, ser os mesmos designados para marcar o causativo nessa língua {-ma}, conforme mostrado em 3.2.1.3.5. e reiterado por alguns exemplos em (103: a), abaixo, ou ser iguais àqueles que indicam o benefactivo {-ca}, como vimos na seção 3.3.2.2. e também como mostra o exemplo em (103: a), a seguir:

(104) Parker (1992)

V-CAUS-PRES	GLOSA
pau-hi- ma -i	‘fazer abraçar’
usa- ma -i	‘fazer dormir’
iyu- ma -i	‘fazer levar’

(a)

<i>e-bi-ra</i>	<i>jato</i>	<i>bena-que</i>	<i>jato-n</i>	<i>atsa</i>	<i>ea</i>	<i>inan-ca-non</i>
1SG-ENF-EV	3PL	buscar-PAS	3PL-ERG	mandioca	1SG.ACUS	dar-BENF-EXOR
‘Eu os busquei para me darem mandioca.’						

4.3.1.3. As construções complemento com verbos de “cognição-elocução”

Os enunciados constituídos por sentenças complemento com verbos de cognição-elocução não são considerados co-lexicalizados. Ao que parece, esse tipo de construção se

⁹³ Para mais exemplos de verbos que possivelmente funcionam como núcleos de complemento (porque se encontram fora de contexto), ver em 3.3.2.6.

assemelha em certa medida ao que vemos na língua portuguesa, ou seja, uma sentença com núcleo verbal pleno exercendo a função de complemento de outro verbo que está em uma sentença principal ou matriz. Nos exemplos seguintes isso pode ser mais bem visualizado:

(105) Parker (1992)

(a)

<i>e-bi-ra</i>	<i>nojco-n</i>	<i>jochi</i>	<i>quena-ti-shinan-que</i>
1SG-ENF-EV	1SG-GEN	irmão(de homem)	chamar-NMLZ-pensar-PAS

‘Eu pensei em chamar meu irmão.’

(b)

<i>ja-bi-ra</i>	<i>e-a</i>	<i>yoi-qui</i>	<i>mi-bi</i>	<i>ronqui-mi</i>
3SG-ENF-EV	1SG.ACUS	dizer-PAS	2SG-ENF	REP-CON

<i>bachi-na-na-ni-qui</i>	<i>min</i>	<i>chai-betan</i>
discutir-RECP-RECP-PROG-PAS	2SG.GEN	cunhado-COM

‘Ele/ela me disse que você estava discutindo com teu cunhado.’

Notemos que essas sentenças complemento não se ligam aos predicados via complementizadores. O que se verifica é a justaposição linear dos constituintes sentenciais na seguinte ordem: **Omatriz + Ocomplem**. Nesse tipo de construção, o complemento está em função de **O**.

4.3.1.4. As construções relativas

Dentro da descrição de orações complexas ou subordinadas, trataremos, nesta seção, das chamadas construções relativas. Para tanto, seguiremos a definição funcional de

Comrie (1981:136)⁹⁴, ou seja, a de que uma sentença relativa consiste, necessariamente, de um núcleo e uma oração restritiva.

Observemos as duas sentenças, extraídas de Parker (1992).

(106) (a) [jaa⁹⁵ ea ihue-qui]_{Orestr} [(joni-n-ra_{Nu})
 3SG 1SG.ACUS trazer-PAS homem-ERG-EV

 ea collqui inan-qui]_{Omatriz}
 1SG.ACUS prata⁹⁶ dar-PAS
 ‘ O homem [aquele que me trouxe] me deu dinheiro. ’

(b)
 [jaa ea ihue-qui]_{Orestr} [(joni-ra_{Nu}) mahua-que]_{Omatriz}
 3SG 1SG.ACUS trazer-PAS homem-EV morrer-PAS
 ‘O homem [aquele que me trouxe] morreu. ’

De acordo com os exemplos, a língua parece organizar tais enunciados do seguinte modo: um constituinte da sentença maior (tradicionalmente chamada “matriz” ou “principal”) é relativizado por meio do posicionamento de uma sentença restritiva ante à sentença maior. Como podemos notar nos exemplos em (106: a-b), o sintagma nominal (joni ‘homem’) das orações matrizes é modificado, ou seja, seu campo de referência é restringido pela sentença restritiva. Com isso, quanto à ordem dos constituintes nas sentenças relativas, é possível notarmos a ocorrência da ordem na qual o núcleo se pospõe imediatamente à sentença relativa nos enunciados, ou seja: [**Orestr** [**Nu** + **Omatriz**]].

No que respeita à demarcação da posição relativizada, notemos que há um pronome pessoal (3PS) indicando o “campo de relativização” a que se refere a sentença restritiva.

⁹⁴ Definição dada pelo autor: “*The head in itself has a potential range of referents, but the restricting clause restricts this set by giving a proposition that must be true of the actual referents of the over-all construction*”(COMRIE, 1981:136).

⁹⁵ Valenzuela apresenta algumas funções para o elemento ‘ja’, na língua Shipibo-Conibo: faz parte de uma série de demonstrativos que pode funcionar como determinante ou pronome (3SG sem qualquer distinção de gênero); em certos usos, ‘ja’ é equivalente a um artigo definido; em construções relativas, ‘ja’ pode ser encontrado como um determinante antes da expressão nominal relativizada; outra possibilidade é de ‘ja’ funcionar como um pronome anafórico absolutivo dentro da sentença relativa (2002: 51).

⁹⁶ Empréstimo do Espanhol.

Apesar de serem apenas dois exemplos, acreditamos que o Huariapano pertença ao grupo de línguas a que Keenan (1985:146) se refere como aquelas que costumam marcar o elemento em domínio da relativização. Isto é, existe um elemento na sentença relativa que expressa o sintagma relativizado.

Assim, como vimos nos exemplos em (106: a-b), no processo de relativização do Huariapano, o constituinte relativizado na sentença matriz é reiterado através do uso do pronome pessoal demonstrativo na sentença restritiva. Por isso, pode-se dizer que as orações relativas nessa língua são pré-posicionadas, com o núcleo interno.

4.3.1.5. As construções adverbiais

Segundo Thompson & Longacre (1985), aparentemente todas as línguas do mundo têm construções constituídas por duas sentenças em que uma delas exerce a função de um modificador adverbial de outra. Ainda de acordo com esses autores, as sentenças adverbiais encontradas em línguas do mundo podem ser divididas em 12 tipos básicos, sendo estes distribuídos em duas classes: a daquelas que podem ser substituídas por uma única palavra e a das que não podem ser substituídas por uma única palavra.

Na primeira classe, incluem-se as sentenças subordinadas temporais, locativas e de modo; na segunda, incluem-se as objetivas, as explicativas, as circunstanciais, as simultâneas, as condicionais, as concessivas, as substitutivas, as aditivas e as absolutivas.

Devido à restrição do nosso *corpus*, encontramos uma minoria dos tipos de sentenças adverbiais referidos, de modo que a descrição que se segue contemplará apenas esses casos.

4.3.1.6. As construções temporais

Segundo Thompson & Longacre (1985), as construções subordinadas adverbiais temporais⁹⁷ podem ser de três tipos: temporais seqüenciais; temporais causais e temporais que indicam anterioridade. Do ponto de vista semântico, ao que nos parece, as sentenças subordinadas temporais do Huariapano carregam em si uma informação sobre *causa* de ocorrência ou não de um determinado evento.

O primeiro caso pode ser visto, conforme o exemplo, a seguir:

(107) Parker (1992)

[**bajquish** ca-šh mahui jonshi-no]OAT [rama pairi-ra joi-ni]
ADV ir-SRS(SI) terra colorada-LOC ADV CONJ-? vir-PROG
'Ontem fui para Pucallpa, contudo agora chego.'

4.3.1.7. As construções simultâneas

Na tipologia apresentada por Thompson & Longacre (1985) para as sentenças adverbiais, as chamadas subordinadas simultâneas indicam uma coincidência ou sobreposição (*overlap*) dos eventos que compõem um determinado enunciado. Em Huariapano, encontramos os sufixos {-ašh} e {-bašh} que servem para marcar simultaneidade entre os eventos verbais da sentença, conforme podemos constatar nos exemplos:

(108) Parker (1992)

(a) [nojco-n coca-ra ne-ašh] [chirotošhco-qui]
1SG.GEN tio-EV andar-SIMUL escorregar- PAS
'Enquanto meu tio andava, escorregou.'

⁹⁷ Para outros exemplos de construções adverbiais temporais, ver seção. 3.2.1.4 e 4.5.2.2.1.

- (b) [nojco-n coca manish-no ne- **ašh** -ra]
 1SG.GEN tio monte-LOC andar-SIMUL-EV
- [jamai-**bašhi**-qui jacho rono]
 pisar-SIMUL-PAS NUM cobra
 ‘Enquanto meu tio andava no monte, pisou em uma cobra.’

Além da simultaneidade entre os eventos da sentença, conforme veremos na seção **4.5.2.2.1.**, os sufixos {-**ašh**} e {-**bašh**} também têm outra função.

4.4. A ordem dos constituintes

Na língua Huariapano, como em várias outras do mundo, ocorre certa hierarquia nos níveis das funções semânticas e gramaticais. Considerando, inicialmente, as funções semânticas, conforme expostas no Capítulo III, os dados apresentados até aqui e, ainda, os expostos em (108), a seguir, o agente precede o paciente.

- (109) Parker (1992)
- | | | | | |
|-----|--------------------------------------|-----------------|---------------------|-----------------|
| | AGENTE | | | PACIENTE |
| (a) | ja-bi-ra | pajtsa-i | jahuen | tepiti |
| | 3SG-ENF-EV | lavar-AUX | 3SG-GEN | almofada |
| | ‘Ele/ela está lavando sua almofada.’ | | | |
| | AGENTE | PACIENTE | | |
| (b) | e-bi-ra | mari | bo-i-ni | |
| | 1SG-ENF-EV | cutia | carregar-AUX - PROG | |
| | ‘Eu estou carregando cutia.’ | | | |

Os adjuntos, por sua vez, não costumam obedecer a uma ordem fixa, podendo, inclusive, figurar antes ou depois do sujeito ou após o verbo. Isso, porém, apenas quando se trata de advérbios plenos (isto é, os apresentados em **3.2.1.4.**, em contraposição aos compostos por SNs em função de locativos, instrumentais, entre outros):

(110) Parker (1992)

- (a) **ADJUNTO** **A** **Od** **V**
bajquish-ra ja-bi mari cobiain-bashi-qui
ADV(ontem) -EV 3SG-ENF paca cozinhar-SRS(SI) -PAS
‘ Ele/ela cozinhou paca ontem. ’
- (b) **ADJUNTO** **A** **Od** **V**
bajquish no-bi majas pi-que
ADV(ontem) 1PL-ENF cutia comer-PAS
‘ Nós comemos cutia ontem. ’
- (c) **A** **ADJUNTO** **Od** **V**
e-bi-ra bajquish ano pi-i
1SG-ENF-EV ADV(amanhã) paca comer-N.PAS
‘ Eu comerei paca amanhã. ’
- (d) **A** **Od** **V** **ADJUNTO**
e-bi-ra payati chocai-ba-qui bajquish
1SG-ENF-EV leque lavar- ?- PAS ADV (ontem)
‘Eu lavei o leque ontem. ’
- (e) **S** **V** **ADJUNTO**
ja-bo-n-bi-ra ransai-baj-can-shi-qui bajquish
3SG-PL-NOM-ENF-EV dançar- ? – PL. EXP-.-? - PAS ADV (ontem)
‘ Eles dançaram ontem. ’

4.5. Relações gramaticais

4.5.1. O sistema de marcação de caso

Comumente, as línguas recorrem a diversos recursos para marcar as relações gramaticais. Assim, para marcar o caso, há línguas que o fazem no nível sintático, enquanto outras costumam fazê-lo no nível morfológico.

O primeiro tipo de marcação de caso pode se caracterizar, por exemplo, pela recorrência à configuração da ordem dos constituintes na sentença. Esse é o caso da língua portuguesa, já que nela é possível determinar a função sintática de um SN (**S**, **Od**) apenas observando a posição que o mesmo ocupa na sentença. No caso, os falantes identificam um

SN que antecede o verbo como sendo o sujeito em oposição àquele que, se posicionando após o verbo, exerce a função de objeto.

Em contrapartida, existem línguas, por exemplo, o Turco e o Japonês, que para marcar o caso empregam afixos indicando qual a função que o SN está exercendo na sentença. Assim, diz-se que esse tipo de língua marca o caso morfologicamente. Conforme já adiantamos na seção 3.2.1.1.4., o Huariapano demonstra fazer parte dessas línguas, pois, enquanto o SN em função de **A** é marcado pelo sufixo **{-n; -ni; -nin}**, os SNs em função de **S** e **O** são não marcados, ou seja, são **{-ϕ}**. De fato, o sistema de marcação de caso do Huariapano oferece a peculiaridade de distinguir nítida e exclusivamente as frases nominais com núcleo pronominal (sistema acusativo), daquelas com núcleo nominal (sistema ergativo). A título de recapitulação, apresentamos algumas sentenças simples que, juntamente com outras já exibidas ao longo deste estudo, ilustram esse aspecto da língua:

(111) Navarro (1903)

(a) Dios-**ni**-ra tene ma-nossi-qui mi-n bacque-bo
 Deus-ERG-EV sofrer CAUS-FUT-DECL 2SG-GEN filho-PL
 ‘Deus castigará seus filhos.’

(b) Dios-**nin**-ra mi-a castiga-nossi-qui
 Deus-ERG-EV 2SG-ACUS castigar-FUT-DECL
 ‘Deus castigará você.’

Parker (1992)

(c) inaoco-**n**-ra nato ian-ϕ shijta-que y⁹⁸ ma-ca-que
 tigre-ERG-EV DEM lago-ABS atravessar-PAS e ADV-ir-PAS
 ‘O tigre atravessou este lago e já se foi.’

(d) inahua-ϕ ni-nj-cašh ishto-que chašho-ϕ
 cachorro-ABS escutar-PROG-SRS(SI) correr-PAS veado-ABS
 ‘Ao escutar o cachorro, o veado correu.’

Esse tipo de marcação de caso leva-nos a considerar o Huariapano como sendo uma língua morfologicamente ergativo-absolutiva, o que reafirma um consenso entre os

⁹⁸ Empréstimo do Espanhol.

se segue, faremos uma breve menção referente ao tipo de *split ergativity* verificado na língua Huariapano.

4.5.1.2. Natureza semântica da ergatividade em Huariapano

Classificar uma língua simplesmente como ergativa configura-se problemático em se tratando de línguas da América do Sul, como é o caso do Huariapano. Afinal, segundo Dixon (1994:5), essas línguas possuem os mais diversos tipos de sistemas ergativos e de *splits* ergativos daquelas em qualquer parte do mundo.

Estudiosos não atestaram, ainda, a existência de línguas plenamente ergativas. As línguas até agora estudadas sempre contêm algum componente estrutural que obedece a um padrão acusativo, opondo (**S** e **A**) ao objeto (**O**). Em uma língua ergativa é necessária a presença do constituinte em função de **O**, mas possível em certas circunstâncias à omissão de **A**¹⁰¹. Ainda, constataram que nas línguas em que os pronomes pessoais e os nomes comportam-se de maneira diferente, obrigatoriamente os pronomes revelam um padrão acusativo e os nomes um padrão ergativo, assim como mencionamos acontecer com a língua Huariapano, em 3.2.2.1.1. A esse fenômeno, a literatura tem nomeado de ‘ergatividade condicionada pela natureza semântica dos sintagmas nominais’.

A justificativa para tal situação descrita acima reside na intitulada “hierarquia nominal”, que ordena os sintagmas nominais de acordo com sua possibilidade de desempenhar a função de **A**. Dessa maneira, os elementos localizados na extremidade esquerda da hierarquia¹⁰², e com maior probabilidade de desempenhar a função de **A** e menor chance de desenvolver a função de **O**, seriam os pronomes pessoais. Simetricamente, os elementos que ocupam a extremidade da direita, e com maior chance de exercer a função de **O**, seriam os nomes comuns inanimados. Dixon (1994) afirma que muitas línguas com ergatividade cindida seguem esse princípio de marcarem com o caso

¹⁰¹ Dixon assegura que a língua Dyrbal, que é ergativa, permite a omissão do sujeito em qualquer sentença transitiva (DIXON, 1994:147).

¹⁰² A noção de hierarquia nominal foi desenvolvida no trabalho de M.Silverstein (1976), intitulado ‘*Hierarchy of features and ergativity*’. Para mais detalhes sobre essa hierarquia, ver Dixon (1994:85, figura 4.5).

ergativo os sintagmas nominais no lado esquerdo da hierarquia e de assinalarem o caso acusativo aos elementos situados à direita da mesma.

Entretanto, vale aludir que, apesar de estarmos rotulando que o tipo de ergatividade cindida do Huariapano seja condicionado pela natureza semântica dos NPs, não intencionamos ser taxativos quanto a esta classificação. Ao contrário, chamamos a atenção para ela, uma vez que a nossa proposta de descrição para língua é incipiente.

4.5.2. O sistema de referência alternada entre sentenças

Em muitas línguas do mundo é possível verificar o emprego de marcas morfológicas específicas para indicar se a identidade dos sujeitos de duas ou mais sentenças sintaticamente relacionadas em um mesmo enunciado é a mesma (sujeitos idênticos) ou não (sujeitos diferentes). Do ponto de vista funcional, trata-se de um processo de referenciação de sujeitos. Na literatura de língua inglesa, esse processo é conhecido como *Switch-Reference* (SR) (JACOBESSEN, 1967; COMRIE, 1983; FOLEY & VAN VALIN, 1984).

Em geral, línguas que apresentam *Switch-Reference* tendem a não ter conjunções; em contrapartida, línguas que não apresentam esse processo costumam ter um número considerável de conectivos sentenciais. Como vimos na seção 3.2.2.4., a língua Huariapano demonstra certa carência de conjunções, já que temos notícia de apenas dois casos: **copi** e **pairi**. Logo, em se tratando da união de duas ou mais sentenças em um mesmo enunciado, normalmente, ocorre um sistema de referência alternada no qual um conjunto de marcadores de referência entre as sentenças (*Interclausal Reference Markers*)¹⁰³ atua para indicar a co-referência ou não dos sujeitos das orações combinadas.

Formalmente, a *Switch-Reference* costuma ocorrer associada a uma categoria verbal.¹⁰⁴ Em geral, morfemas presos (comumente sufixos) monitoram a co-referencialidade entre os participantes (sujeitos ou agentes) de duas ou mais orações no nível em que elas se relacionam uma com a outra, isto é, em suas junturas (FOLEY & VAN

¹⁰³ Cf. Sparing-Chávez (1998).

¹⁰⁴ De acordo com Rodrigues (1999:197), em algumas línguas como o Canela-Krahô e o Maxacali, a *switch-reference* é marcada por morfemas independentes.

VALIN, 1984). Em Huariapano, essa generalização é confirmada, pois a referência alternada se processa através de sufixos que se unem aos verbos de sentenças coordenadas ou subordinadas.

Como em outras línguas da família Pano¹⁰⁵, além de manter ou não a continuidade de referência entre sujeitos de duas ou mais sentenças, os sufixos que atuam no sistema de *switch-reference* do Huariapano têm outras funções. Pelo menos mais dois outros tipos de informação podem ser dados: a ordem de ocorrência dos eventos verbais na sentença subordinada temporal e a valência (transitivo/intransitivo) do verbo envolvido no enunciado marcado com SR.

Por essa razão, a exemplo de outros estudiosos de línguas Pano (entre eles, SPARING-CHÁVEZ, 1998), ao nos referirmos ao sistema de sufixos usados para manter ou não a co-referencialidade de sujeitos, em Huariapano, utilizaremos a terminologia “Sistema de Referência entre Sentenças”, tomada do inglês *Inter-clausal Reference System*, proposto por Franklin (1983).

Logicamente, todas as informações dadas pelo Sistema de Referência entre Sentenças (doravante, SRS) podem ocorrer simultaneamente ou, em alguns casos, de forma isolada. Na presente seção, procuraremos descrever, de modo preliminar, os meios particulares com que tais informações podem ser transmitidas na língua Huariapano.

4.5.2.1. SRS em construções coordenadas

Já demonstramos na seção **4.2.** que nas construções coordenadas da língua Huariapano pode haver apagamento dos sujeitos que se identificam entre si em um mesmo enunciado. Isso nos permite dizer que, nesse tipo de sentença, as orações não estão em uma relação de coordenação propriamente dita, mas a estrutura de uma é sempre dependente da outra no que diz respeito à identidade ou não dos argumentos verbais envolvidos.

¹⁰⁵ Cf. Shipibo-Konibo (Loriot, Lauriault & Day, 1993), Kaxinawa (Montag, 1981), Capanahua (Loos, 1999a), Amahuaca (Sparing-Chávez, 1998), entre outras.

O marcador {-šh}

Quando, na língua Huariapano, há co-referencialidade entre o sujeito de O₁ e aquele da outra oração da construção coordenada, a língua recorre ao morfema {-šh}. Este é afixado ao verbo de O₁ na seqüência linear coordenada, como vemos nos seguintes dados:

(113) Parker (1992)

- (a) [yomera-i ca-šh-ra]O₁ [ahua-ra rete-qui]O₂
 caçar-PRES ir-SRS(SI)-EV anta-EV matar-PAS
 ‘Indo caçar, matei uma anta.’
- (b) [nenjque-no ca-šh-ra]O₁ [animal mera-i]O₂
 longe-LOC ir-SRS(SI)-EV animal achar-PRES
 ‘Indo longe, se acha animal.’

Para assinalar um apagamento e, ao mesmo tempo, estabelecer a co-referência dos argumentos verbais, a língua utiliza este mesmo morfema com base na referência do sujeito da oração principal. Os exemplos que seguem ilustram isso:

(114) Parker (1992)

- (a) [[S] inahua ni-nj-ca-šh]O₁ [ishto-que chašho] O₂
 [elidido] cachorro escutar-PROG-ir-SRS(SI) correr-PAS veado
 ‘Ao escutar o cachorro, o veado correu.’
- (b) [[A] ahua jo-i-ni ni-nj-ca-šh-ra]O₁
 [elidido] anta vir-PRES-PROG escutar-ir-PROG-SRS(SI)-EV
- [e-bi ca-que mito quena-i]O₂
 1SG-ENF ir-PAS 2PL avisar-PRES
 ‘Escutando a anta vir, eu fui avisar vocês.’

Como podemos observar o morfema {-**sh**} indica que o sujeito do verbo de O₂ é o mesmo sujeito do verbo expresso em O₁. Por esse motivo, é apagado nessa última sentença. Tal morfema é afixado ao verbo ‘**ni**’ ‘escutar’ e ‘**ca**’ ‘ir’ em ambos os exemplos, devido ao fato de estes verbos figurarem na primeira oração da seqüência linear e, por conseguinte, serem enfatizados. Isso nos leva a concluir que na aparente relação de dependência entre orações do tipo exemplificado em (113), acima, O₁ é o elemento pivô do mecanismo de SRS.

Já adiantamos que os marcadores de SRS nas sentenças coordenadas apenas informam a co-referencialidade dos sujeitos das orações envolvidas. Assim sendo, temos aí o sistema *switch-reference* tal como proposto por Jacobsen (1967).

4.5.2.2. SRS em construções subordinadas

Nos chamados períodos subordinados, o sistema de referência entre sentenças pode ser observado em construções temporais e simultâneas. Em tais casos, conforme já adiantamos o SRS é marcado por **dois** tipos diferentes de morfemas, os quais ocorrem de acordo com as informações que podem expressar em um enunciado: a) a co-referencialidade de **S** ou **A** e b) a ordem relativa lógica ou temporal de ocorrência dos eventos verbais.

Antes de darmos início à descrição, convém ressaltarmos a distinção formal entre sentenças independentes e dependentes, no âmbito das chamadas construções subordinadas da língua Huariapano. As sentenças independentes, em geral, recebem flexão de tempo, aspecto e modo, além de comumente ocupar a posição final na seqüência. As sentenças dependentes, por sua vez, não costumam receber flexão e são elas que carregam os sufixos do sistema de referência entre sentenças, tal como veremos nas seções subseqüentes.

Na seqüência, descreveremos os marcadores de SRS responsáveis pela coesão das estruturas internas das construções temporais da língua Huariapano.

O marcador {-šh}

O sufixo que marca o SRS em construções subordinadas temporais é {-šh}. Esse morfema indica que o sujeito do verbo da sentença matriz é o mesmo que o da subordinada.

(115) Parker (1992)

[bajquish ca- šh mahui jonshi-no]O_{temp} [rama pairi-ra jo-i-ni]O_{matriz}
ADV ir-SRS(SI) terra colorada-LOC agora CONJ-? vir-PRES-PROG
'Ontem fui para Pucallpa, po isso agora estou voltando (de lá).'

O marcador {-šho}

Em uma construção subordinada temporal o sujeito do verbo da sentença matriz e o da dependente podem ou não serem co-referentes; o verbo da sentença matriz é intransitivo e, ainda, o evento verbal da oração dependente apresenta-se como antecedente àquele da oração matriz, então, ao verbo da sentença matriz é afixado o marcador {-šho}. Isso é ilustrado pelos exemplos seguintes:

(116) Parker (1992)

(a) [rera yamairirai jihui]O_{temp} [[jihui] poj- šho -qui]O_{matriz}
cortar ADV pau [elidido] cair-SRS-PAS
'Antes de cortar o pau, [pau] caiu.'

(b) [rera yamairirai jajoni jihui]O_{temp} [[jajoni] poj- šho -qui]O_{matriz}
cortar ADV homem pau [elidido] cair-SRS(SI)-PAS
'Antes de o homem cortar o pau, [homem] caiu.'

4.5.2.2.1. SRS em construções simultâneas

Em construções subordinadas simultâneas, o sistema de referência entre sentenças pode expressar em um único enunciado dois tipos de informações: co-referencialidade de

sujeitos e valência do verbo da sentença matriz. Para tanto, a língua recorre a uma forma, a qual descreveremos no item subsequente.

O marcador {-ašh}

O marcador {-ašh} figura em construções subordinadas simultâneas, afixado ao verbo da sentença matriz para indicar que os sujeitos envolvidos são co-referentes e que o verbo da sentença matriz é intransitivo, tal como demonstram os exemplos, abaixo:

(117) Parker (1992)

(a) [nojco-n coca-ra ne-ašh]O_{matriz} [[coca] chirotošhco-qui]O_{simult}
 1SG-GEN tio-EV andar-SRS(SI) [elidido] escorregar-PAS
 ‘Enquanto meu tio andava, escorregou.’

O marcador {-bašhi}

O marcador {-bašhi} é adjungido ao verbo da sentença subordinada para indicar que o verbo da sentença matriz é intransitivo e que os eventos das duas sentenças são simultâneos. De forma semelhante ao marcador {-ašh}, o sufixo {-bašhi} também indica que o sujeito da sentença dependente é o mesmo da matriz. Isso é ilustrado no seguinte dado:

(118) Parker (1992)

[nojco-n coca manish-no ne-ašh-ra]O_{matriz}
 1SG-GEN tio monte-LOC andar-SRS(SI) -EV

 [[coca] jamai-bašhi-qui jacho rono]O_{simult}
 [elidido] pisar.-SRS(SI)-PAS NUM cobra
 ‘Enquanto meu tio andava no monte, pisou em uma cobra.’

Com base no descrito acerca do SRS nas construções coordenadas e subordinadas, podemos sumarizar a distribuição desses marcadores encontrados na língua Huariapano, como é estabelecido na Tabela VII, a seguir:

SUFIXO	SUJEITO	EVENTO/AÇÃO VERBAL	TRANSITIVIDADE
-šh	=	posterior	Vt
-šho	= / ≠	anterior	Vi
-šh	=	posterior	Vi
-ašh	=	simultâneo	Vi
-bašhi	=	simultâneo	Vi

Tabela VII: Marcadores de SRS em construções coordenadas/subordinadas.

Com isso, fechamos nossa proposta de descrição para o sistema de referência entre sentenças da língua Huariapano. Ressaltamos, porém, que esta é uma análise bastante preliminar que requer aprofundamento e reanálise oportunamente.

V. Conclusão

O presente estudo é resultado de uma pesquisa que objetivou descrever a língua Huariapano (Pano) em alguns de seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Dada à limitação de dados de que dispúnhamos para realizar a pesquisa, a análise aqui apresentada é passível de revisões futuras, mas acreditamos que, apesar do seu caráter preliminar, o estudo tem valor por ser uma amostra geral de aspectos fonológicos e morfossintáticos dessa língua.

Assim, inicialmente, foram apresentadas breves considerações a respeito do idioma Huariapano. Ainda no capítulo introdutório, foram dadas algumas informações sobre a classificação da língua Huariapano, além de uma rápida apresentação da metodologia adotada na análise.

O estudo se resumiu, no âmbito da fonologia, a uma proposta do inventário de sons vocálicos e consonantais. Ainda no contexto fonológico, apresentamos uma descrição da estrutura silábica da língua pautada nos pressupostos teóricos da Fonologia Não-Linear. De acordo com nossas análises, a língua Huariapano conta com os seguintes tipos silábicos: V, VC, CV e CVC.

Já o estudo sobre o componente morfológico do Huariapano, em consonância com dados de outros idiomas da família Pano, como o Shipibo e o Capanahua, levou-nos a concluir que essa língua é bastante rica morfolologicamente. Os marcadores de função são essencialmente palavras e afixos (predominantemente sufixos). A análise dos dados demonstra que o Huariapano é uma língua de morfologia sufixal ou aglutinante, pois o que consideramos palavra constitui-se minimamente de uma base lexical e, quando necessário, de sufixos flexionais ou derivacionais e, ainda, de compostos.

No capítulo relativo à sintaxe, apresentamos propostas de descrição para as construções interrogativas, coordenadas e subordinadas; para a ordem dos constituintes nas sentenças e para outras relações gramaticais incluindo os sistemas de marcação de caso, de referência alternada (*switch-reference*) e de outros processos de referência entre as sentenças. As construções interrogativas mostraram-se englobadas nos tipos polares e não-

polares. As polares são marcadas pela partícula {**raman**}. Quanto às não-polares, verificamos que as formas **Qu-** ocupam a posição inicial das sentenças na língua. Quantos às coordenadas se caracterizam pela justaposição das sentenças no enunciado.

Além disso, é possível o apagamento de constituintes sintáticos que se repetem entre as sentenças de forma paralela a critérios de marcação do núcleo. As estratégias de subordinação envolvem construções complemento, relativas e adverbiais. Essas sentenças foram descritas com base em sua constituição com verbos de modalidade, manipulação e cognição-elocução, seguindo a tipologia proposta por Givón (1990). A descrição das construções relativas mostrou-nos que, apesar dos poucos exemplos, o Huariapano parece pertencer ao grupo de línguas que costumam marcar o elemento em domínio da relativização, isto é, há um elemento na sentença relativa que expressam o SN relativizado. Com respeito às construções do tipo adverbial, mostramos que nem sempre as circunstâncias adverbiais estão embutidas nas orações tipicamente subordinadas. O condicional, por exemplo, é expresso por construções coordenadas ou justapostas. As construções temporais formalmente podem ser do tipo temporal seqüencial ou temporal que indicam anterioridade. Do ponto de vista semântico, diríamos que as sentenças subordinadas temporais carregam em si uma informação sobre *causa* de ocorrência ou não de um determinado evento. As subordinadas simultâneas, isto é, aquelas que indicam uma coincidência ou sobreposição dos eventos que compõem um determinado enunciado levam sufixos específicos para marcar a simultaneidade dos eventos. A ordem dos constituintes é aquela em que o agente precede o paciente. Quanto às relações gramaticais, os dados nos levaram a considerar a língua como morfologicamente ergativo-absolutiva para o SN. Concluindo o Capítulo IV, vimos que o Huaripano, por demonstrar carência de conjunções, ao reunir duas ou mais sentenças em um mesmo enunciado, normalmente, recorre a um sistema de referência alternada na qual um conjunto de marcadores de referência entre as sentenças (*interclausal reference markers*) atua para indicar a co-referência ou não dos sujeitos das orações combinadas. Formalmente, o sistema de *switch-reference* e o sistema de referência entre sentenças ocorrem como uma categoria verbal processada via morfemas afixados aos verbos das sentenças coordenadas ou subordinadas. Como em outras línguas da família Pano, os mesmos sufixos empregados para indicar a *switch-reference* também

podem expressar os seguintes tipos de informação: co-referência ou não dos sujeitos das sentenças, a ordem de ocorrência dos eventos verbais nas sentenças subordinadas temporais e a valência (transitivo ou intransitivo) de um dos verbos envolvidos no enunciado. Por isso, na descrição do Huariapano, fizemos opção pela terminologia Sistema de Referência entre Sentenças (SRS) para designar os diversos marcadores utilizados pelos falantes nas construções coordenadas e subordinadas.

Para concluir, apresentamos, em anexo, um pequeno léxico da língua que certamente servirá a outros estudiosos da língua, como aqueles da linha histórico-comparativa interessados em estudos classificatórios das línguas da família Pano e de outras famílias lingüísticas do Brasil e do mundo.

Finalizando esta seção, um aspecto quanto à análise dos dados mereceu atenção. A questão foi até que ponto as características fonológicas e gramaticais observadas no *corpus* de Parker (1992) são representativas do Huariapano como tal, ou se estas respondem melhor a inovações idiossincráticas e individuais associadas ao processo de atrofiamento lingüístico e desaparecimento da língua, uma vez que os dados provêm de um possível último falante do idioma.

Gostaríamos de salientar que estamos conscientes de que a descrição que propusemos para o Huariapano pode não esgotar nenhum dos temas tratados. Esperamos, contudo, que nosso objetivo de contribuir com a Teoria Lingüística Geral e com o desenvolvimento da Lingüística Indígena no Brasil tenha sido alcançado, ainda que preliminarmente. Não há dúvidas de que, futuramente, novas análises deverão ser feitas a fim de confirmar ou refutar a presente análise. Por ora, cremos que nosso trabalho pode servir de ponto de partida para novas empreitadas e como mínima documentação da língua.

VI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Evidentiality in typological perspective*. In: Alexandra Y. Aikhenvald and R.M.W. Dixon (eds.) *Studies in Evidentiality*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A. Classificação das línguas Pano. *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*. UFPE. Recife. Vol. 19. N. 2, Julho de 2006.
- ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 259-308.
- ARAÚJO, Benedita Aparecida Chavedar. Análise do Worterbuch der Botokudensprache. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 1992.
- BARROS, L. *A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Pano)*. 1987. 112 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1991.
- CAGLIARI, Luís Carlos. *Análise Fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Coleção Espiral. Volume 1. Série Lingüística. Edição do autor. Campinas, 1997.
- CÂNDIDO, Gláucia Vieira. Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa-Pano. 273 f. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004.
- CASTELNAU, Francis de. *Expédition dans parties centrals de l'Amérique du Sul, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para; exécutée par ordre Gouvernement Français pendant lês annies 1843 a 1847*. Tomo V. Paris: P. Bertrand, 1851.
- COMRIE, B. *Aspect: an Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Basil Blackwell Publisher Ltda, 1981.

- _____. Switch-reference in Hichol: a Typological Study. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. (orgs.) *Switch-reference and Universal Grammar*. Typological Studies in Language. Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- CROFT, W. *Syntactic Categories and Grammatical Relations*. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- CLEMENTS G.; HUME, E. V. “The Internal Organization of Speech Sounds”. GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.
- d’ANS, A. M. Reclasificación de las Lenguas Pano y Datos Glotocronológicos para la Ethnohistoria de la Amazonía Peruana. **Revista del Museo Nacional**, T. 39, p. 349-369, 1973.
- _____. *Problemas de Clasificación de Lenguas No-andinas en el Sul-este Peruano*. Lima: CILA-UNMSM, 1973 b.
- DIK, S. C. *Functional Grammar*. Amsterdam: North Holland, 1978.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.
- _____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- PHILIPPE, Erikson; ILLIUS, Bruno; KENSINGER, Kenneth; AGUIAR, Maria Suelli. Kirinkobaon kirika (“Gringo’s books”); an annotated Panoan bibliography. *Amerindia*, supplément 1 au n.19. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1994.
- FIORIN, J. L. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística. II. Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. Jr. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- FRANKLIN, K. Some Features of Interclausal Reference in Kewa. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. (eds.) *Switch-reference and Universal Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 29-49.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Departamento de Documentação (DEDOC) e Serviço de Informação Indígena (SEII). Campinas, Brasil, 7 de novembro de 2003. 1 mensagem eletrônica. Entrevista concedida a Lincoln Almir Amarante Ribeiro.

- GIVÓN, T. *Syntax. A Functional Typology Introduction*, Vols. I e II. Amsterdam: Jonh Benjamins Publishing Company, 1984; 1990.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: J.Benjamins Publishing Company, 1995.
- GRASSERIE, Raoul de la. 1890 [1888]. De la famille linguistique Pano. *Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas*, Berlin 1888, p. 438-49. Berlin.
- GREENBERG, J. The General Classification of Central and South American Languages, Men and cultures. *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia, September, 1956, p. 1-9.
- _____. Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. (ed.) *Universals of Language*, The MIT Press, 1966, p. 73-113.
- _____. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- GRINEVALD, C. Language endangerment in South America: a Programmatic Approach. In GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. J. (eds). *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998: p. 124-159.
- GOMES, G. Um Estudo Introdutório sobre a Língua Karipuna-Pano. *II Jornada de Educação e Ciências Sociais*, UniEvangélica, 2006.
- HALE, K. On Endangered Languages and the Importance of Linguistic Diversity. In GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. I. (eds.). *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 192-216.
- HANSS, K. Uchumataqu. The lost language of the Urus of Bolivia. A grammatical description of the language as documented between 1894 and 1952. Leiden University, vol. 7 of *ILLA*, 2008.
- JAKOBSEN, W. Switch-reference in Hokan-Coahuiltecan. In: HYMES, D.; BITTLE, W. (orgs.). *Studies in Southwestern Ethnolinguistics*. Haia: Mouton, 1967.
- JAKOBSON, R. *Shifters, Verbal Categories and the Russian Verb*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1957.
- KEY, M. R. *Comparative Tacanan Phonology: with Cavinena Phonology and Notes on Pano-Tacana Relationship*. Séries Prática (50), Mouton, The Hague. *Janua Linguarum*, 1968.
- KINDELL, G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

- KNEELAND, Harriet. *Lecciones para el aprendizaje del idioma mayoruna*. Ministerio de Educación del Peru. Instituto Lingüístico de Verano, 1979.
- LANES, E. Mudança fonológica em línguas da Família Pano. 2000. 145 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- LOOS, E. E. *The Phonology of Capanahua and its Grammatical Basis*. Tesis para el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística. Austin: University of Texas at Austin, 1967.
- _____. *Estudios Panos I*. Série Lingüística Peruana n. 10. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.
- _____. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, D. Y. (eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p. 228-250.
- _____. ‘IF’ in Capanahua. In: LOOS, E. *Logical Relations in Discourse*. Summer Institute of Linguistics, 1999b, p. 195-217.
- LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. *Diccionario Shipibo-Castellano-Shipibo*. Serie Lingüística Peruana, 31. Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 1993.
- LOUKOTKA, Cestmir. - “Sobre la Classificación de las Lenguas Indígenas de la América del Sur. *Congresso Internacional de Americanistas*, n. 26, Madrid, p. 411-415. 1944.
- MASON, John Alden. - “The languages of South American Indians” *Handbook of South American Indians*. Bureau of American Ethnology, Buelletin 143, v. 6, p. 501-570, 1950.
- MARCOY, Paul. *Voyage à travers l’Amérique du Sul. De l’Océan Pacifique à l’Océan Atlantique*. Paris, 1869.
- McQUOWN, Norman A. - “Indigenous languages of Latin America”. *American Anthropologist*, v. 57, p. 501-570, 1955.
- MONTAG, S. *Diccionario Cashinahua*. Tomo II. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.
- NAVARRO, Manuel. Vocabulario castellano-quechua-pano con sus respectivas gramáticas quechua y pana. *Histórias de las Misiones Franciscanas*. Vol. 13, 1ed. pp. 15-282. Lima: Imp. Arguedas, 1903.

- NAVARRO, Manuel. Vocabulario castellano-quechua-pano con sus respectivas gramáticas quechua y pana. *Histórias de las Misiones Franciscanas*. Vol. 13, 2 ed. Bernardino Izaguirre. Lima: Imp. Arguedas, 1927.
- _____. Head-marking and dependent-marking grammar. *Language*, n. 62, p. 56-119, 1986.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 42-140.
- PARKER, Stephen. (recopilador). Datos del idioma huariapano. *Documentos de Trabajo N° 24*. Yrinacocha, Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano. 1ª ed., 1992.
- _____. Coda epenthesis in Huariapano. *Instituto Lingüístico de Verano*. 1994.
- _____. Epentesis de codas en el Huariapano. *Instituto Lingüístico de Verano*. 1996.
- _____. On the phonetic duration of Huariapano rhymes. *Instituto Lingüístico de Verano*. 1998.
- PAYNE, J. R. Complex Phrases and Complex Sentences. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-41.
- RIVET, Paul. “Langues Américaines”. MEILLET-COHEN, *Les Langues du Monde*. Paris: CNRS, 1924.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para um Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 215-225.
- _____. Gê-Pano-Carib x ‘Jê-Tupi-Karib’: sobre Relaciones Lingüísticas Prehistóricas en Sudamérica. In: MIRANDA, L. (ed.). *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. V. 1. Lima: Universidade Ricardo Palma, 2000. p. 95-104.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1978.

- SCHACHTER, P. Parts-of-speech Systems. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Clause Structure*. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.3-61.
- SCHMIDT, P. W. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: Carl Winters's Universitäts-buchhandlung, 1926.
- SHELL, O. A. *Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción* 1 ed. n. 12, Lima: ILV SLP, 1975.
- _____. *Estúdios Pano III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción*. Lima: ILV SLP, 2 ed., n.12, 1985.
- SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SPARING-CHÁVEZ, M. Tipological Study: Amahuaca (Panoan). In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUN, G. K. (eds.) *Handbook of Amazonian Languages*, v. 4, New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 441-486.
- SUÁREZ, J. A. Mosesten and Pano-Tacanan. *Anthropological Linguistics*, n. 11, v. 9, p. 255-266, 1969.
- _____. Macro-Pano-Tacanan. *IJAL*, n. 39, p. 137-154, 1973.
- _____. *Estudios sobre Lenguas Indígenas Sudamericanas*. Bahía Blanca-Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1988.
- TESSMANN, Günther. *Die Indianer Nordost-Perus: Grundlegende Forshungen für eine systematische Kulturkunde*. Hamburg: Friederichsen, de Gruyter y Co. 1930.
- _____. *Los indios del Perú Nororiental*. Trad. Gunda Wierhake. Quito, Ecuador: Abyayala, 1999.
- THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-234.
- VALENZUELA, P. El Morfema de Ergatividad en el Shipibo-Conibo. *Actas del II Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas*. Tomo II. 1998a, p. 217-245.

_____. “Luna-Avispa” y “Tigre-Machaco”: Compuestos Semánticos en la Taxonomía Shipiba. *Cuarto Encuentro Internacional de Lingüística en el Noroeste*. Memórias, Tomo 2, 1998b, p. 409-428.

_____. 2000a [1997]. Ergatividad escindida en wariapano, yaminawa y shipibo-konibo. Paper presented at the 49th International Congress of Americanists. In Hein van der Voort and Simon van de Kerke (eds.), *Indigenous languages of Lowland South America*. Indigenous Languages of Latin America (ILLA) 1, pp. 111-128. Leiden, The Netherlands: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies, University of Leiden.

_____. 2000b. “*Cuando los Otros no son los Mismos – Ideología y Análisis Gramatical: un caso desde la Amazonía Peruana*”. *Lexis* XXIV.1:49-81.

_____. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. 2003. 708 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas). University of Oregon, Oregon.

WISE, Mary Ruth. Indigenous languages of Lowland Peru: History and Current Status. In *South American Indian languages. Retrospect and prospect*. Harriet E. Manelis Lein and Louisa Stark (eds.), p. 194-223. Austin: University of Texas Press, 1985.

0.1. Léxico Huariapano

Dados de Navarro (1903)

a	‘fazer’	hucha	‘culpa’
ahuinza;buene	‘esposo’	huecoi	‘lançar’
aibo	‘mulher’	hued(t)za	‘outro’
aibo;bueneya	‘esposa’	huedtzabu	‘alguns’
aibo-yuse	‘mulher grande’	huhi	‘chuva’
atte	‘obra, ofício’	huini	‘chorar’
atteres	‘fazer’	huino	‘peixe espada’
auhui;aibo	‘fêmea’	huinti	‘remo’
bacque	‘filho’	huishti	‘estrela’
bane	‘cair’	huni	‘pessoa’
bari	‘sol’	iconraque	‘certamente’
bi	‘tomar’	cushi quesca	‘fortemente’
buenai	‘buscar’	ihi	‘jogar’
Bueno	‘equivocar’	inahua	‘cachorro’
bueno	‘macho’	incoinres	‘de veras’
buero	‘olho’	janchasonres	‘falsamente’
buetongo	‘frente’	itori	‘galinha’
bui	‘sombra/escuridão’	itori-bueno	‘galo’
ca	‘andar’	ja	‘ter’
cacho	‘atrás’	jahue	‘algo, nada’
chipunqui	‘abaixo’	jancha	‘mentir’
chipunquiri	‘embaixo’	janeta	‘chamar’
chiya	‘castiçal’	jano	‘ali’
coso	‘galinha da mata’	jatti	‘tanto’
coso-buene	‘galo da mata’	jihui	‘pau’
gema	‘cidade’	jihui-huepón	‘resina’
gena	‘rabo’	jinso	‘urinar’
gesse	‘semente, grão’	joshin	‘colorido’
gima	‘formiga pequena’	josso	‘branco’
gimi	‘sangue’	josso-amiz	‘branquear-se’
gimiai	‘menstruar’	ju	‘vir, voltar, regressar’
hano	‘paca’	juman	‘vir’
hipu	‘peixe cascudo’	june	‘esconder’
hiso	‘macaco preto’	juni	‘homem’
hua	‘flor’	junshin	‘vermelho’
huai	‘fazenda’	junshinque	‘maduro’
huanu	‘casado’	madtzu	‘varrer’
huanumai	‘casar’	mana	‘falar’

muechuaque	‘molhado’
musso	‘balsa, jangada’
nenó, neri	‘aqui’
nete	‘dia’
nonti	‘canoa’
ose	‘lua’
panshi	‘amarelo’
papa	‘pai’
patassai	‘acercar-se’
pau	‘abraçar’
pi	‘comer’
quebi	‘lábio’
quein	‘querer’
quepuciñ	‘abrir’
quessa	‘boca’
queyoy	‘acabar’
quillcan	‘escrever’
rattei	‘assustar-se’
raun	‘médico’
rebo	‘em cima’
rennite	‘adiante’
resbi	‘corda’
reteá	‘lutar’
retheu,rettei	‘matar’

risqui	‘pegar’
sanamama	‘malDOSamente’
juneres	‘às escondidas’
sanamares	‘bondosamente’
yatananash cushitan	‘a porfia’
sina	‘cruelmente’
juni quesca	‘varonilmente’
su; pasa	‘verde’
sutu	‘enviar’
suya	‘rato’
tanti	‘descansar’
tapin	‘casa’
tene	‘sofrer, castigar’
tete	‘gavião’
tita;tata	‘mãe’
toma	‘segurar’
uju	‘levar’
uma	‘falar, conhecer’
unan	‘saber’
uque	‘lá’
usa	‘dormir’
uttessnanai	‘beliscar-se’
ya	‘ter’
yaca	‘assentar’

Dados de Parker (1992)

a	‘fazer, ir’
ahuin	‘mulher’
ahuin	‘esposa’
ainbo	‘fêmea’
ano	‘paca’
aponchito	‘deus’
atsa	‘mandioca’
bachina	‘discutir’
bane	‘cair’
baque	‘filho’
bei	‘sombra/escuridão’
bena	‘buscar’
bene	‘esposo’
bene	‘homem’
bene	‘macho’

bene-ijtori	‘galo’
bo	‘levar, carregar’
bīnai	‘buscar’
ca	‘ir’
cacho	‘atrás’
chai	‘cunhado’
cajpe	‘lagarto’
cašho	‘veado’
chijponqui	‘embaixo’
chijponquirá	‘abaixo’
choca	‘lavar’
cobia	‘cozinhar’
huata	‘ano’
hūhšĩŋkĩ	‘maduro’

huinoque	que tem passado	piaca	‘sobrinha’
ijtori	‘galinha’	pij	‘comer’
inahua	‘cachorro’	quena	‘chamar’
inan	‘dar’	ransa	‘dançar’
isso	‘macaco-aranha’	rao	‘curar’
jano	‘ali’	rate	‘assustar’
jashi	‘fecha’	reboqui	‘em cima’
jo	‘vir’	renei	‘adiante’
jochi	‘irmão de homem’	rete	‘matar’
jonjshin	‘colorido’	risqui	‘pegar’
jonjshin	‘vermelho’	risbí	‘corda’
kīhpín	‘(eu) abro’	šhabina	abelha
kīwí	‘lábio’	šhama	‘verde’
kīyoi	‘acabar’	šhešhe	‘semente’
majšho	‘raposa’	shijta	‘tigre’
majoi	‘voltar’	šihťónko	‘frente’
manhui	‘terra’	tajpi	‘casa’
manish	‘monte’	temin	‘sufocar’
mari	‘cutia’	tepiti	‘almofada’
mera	‘achar’	tequi	‘trabalhar’
mihtfáki	‘molhado’	tita	‘mãe’
nenó	‘aqui’	tsaj	‘ferir’
nete	‘dia’	tsatsa	‘peixe’
ninicašhi	escutar	tīhtí	‘gavião’
ori	‘lá’	unan	‘saber’
ošhe, oši	‘lua’	yoi	‘dizer’
pajpa;papa	pai	yomera	‘caçar’
panshi; curun	‘amarelo’	yoya	‘dizer, contar’